SET

cinema · dvd · entretenimento

www.setonline.com.br
ISSN0104-1592
Dezembro, 2005 - Ed. 222 - Ano 18 - R$ 9,90

EDITORA PEIXES

KING KONG

O maior monstro da história revive nas mãos do diretor de *O Senhor dos Anéis*

BOCA DO LIXO

Descubra o cinema brasileiro que você (ainda) não conhecia

AS CRÔNICAS DE NÁRNIA

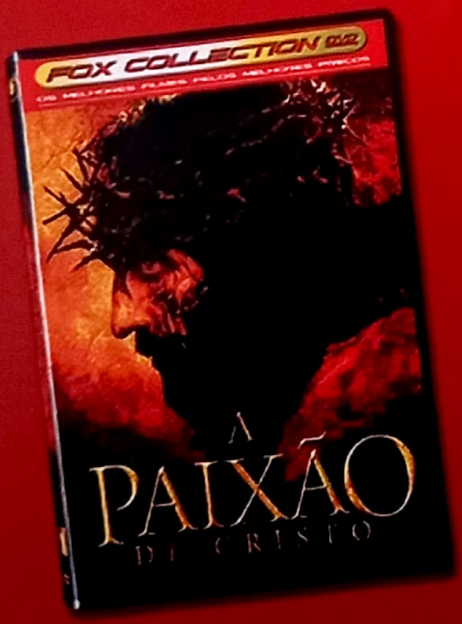
O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA

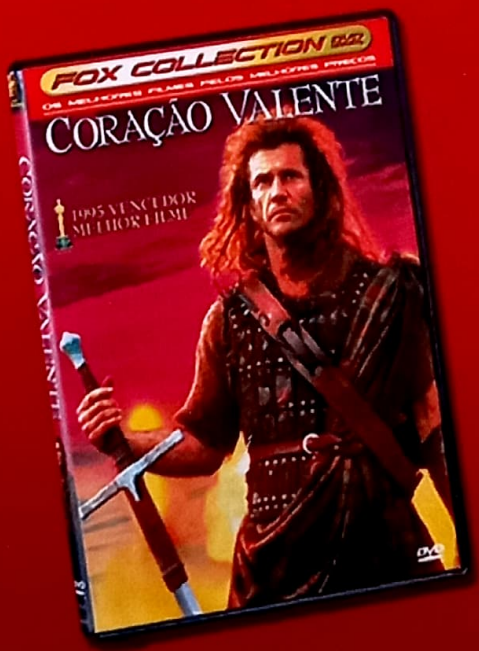
Os segredos do nascimento de um novo épico

DUAS CAPAS DIFERENTES! ESCOLHA A SUA!

FOX COLL

OS MELHORES FILMES PE



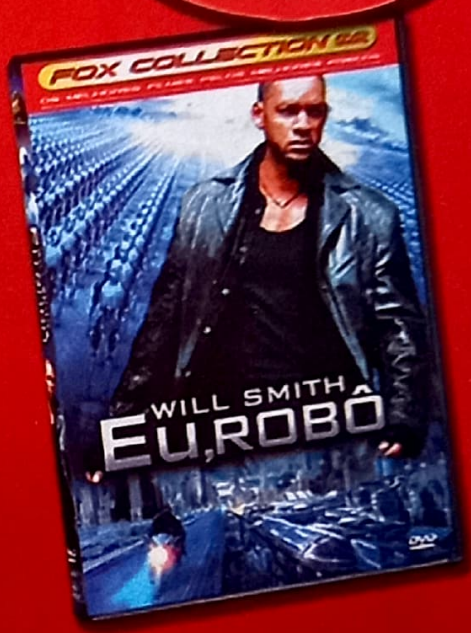


Consulte os títulos participantes da promoção.

ECTION DVD VIDEO

LOS MELHORES PREÇOS

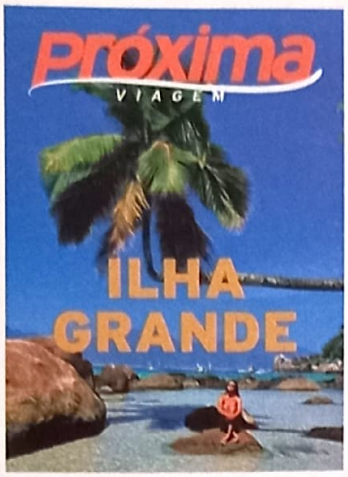
SÃO 30 TÍTULOS A PARTIR DE R$ 29,90 CADA

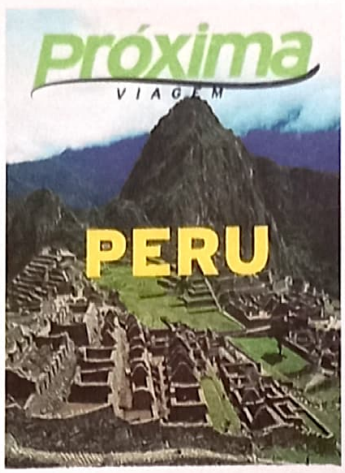


Os maiores sucessos da FOX agora em uma coleção permanente e com um preço que cabe no seu bolso.

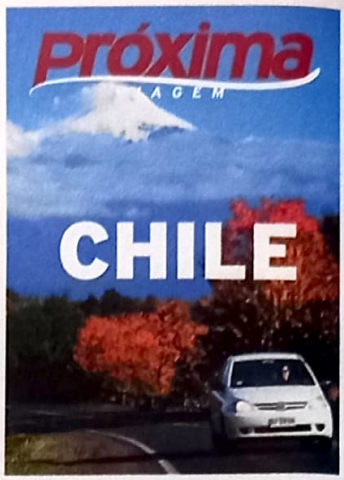
www.foxvideobrasil.com.br

©2005 Twentieth Century Fox Film Corporation. Todos os Direitos Reservados. ©2005 Twentieth Century Fox Home Entertainment LLC. Todos os Direitos Reservados. Twentieth Century Fox , Fox e seus logos associados são propriedades da Twentieth Century Fox Film Corporation e são usados sob licença. Consulte a Classificação Indicativa destes Filmes.


Próxima
VIAGEM
ILHA GRANDE


Próxima
VIAGEM
PERU

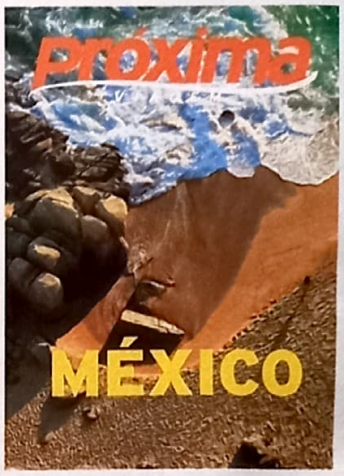
Próxima
CANADÁ

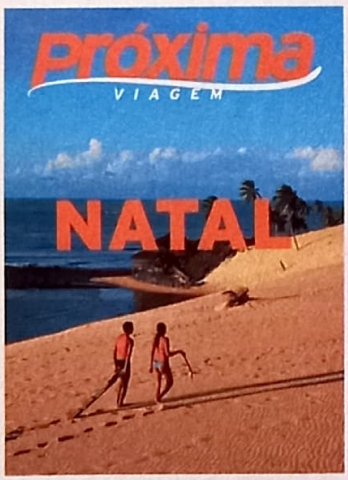

Próxima
CHILE

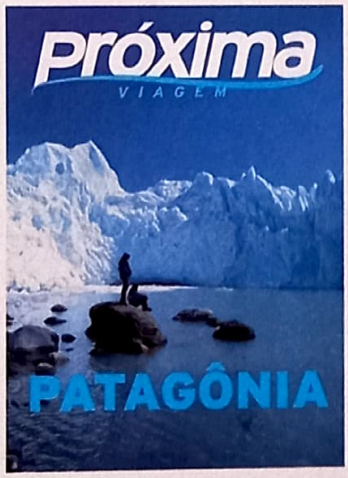
Próxima
VIAGEM
CRUZEIROS

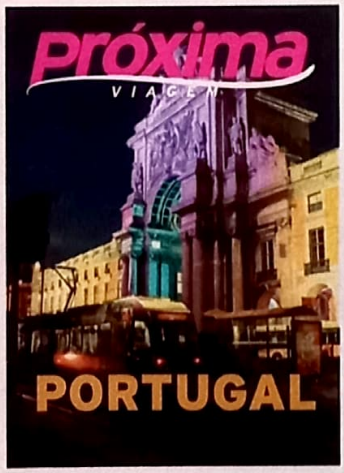
Próxima
VIAGEM
GRÉCIA

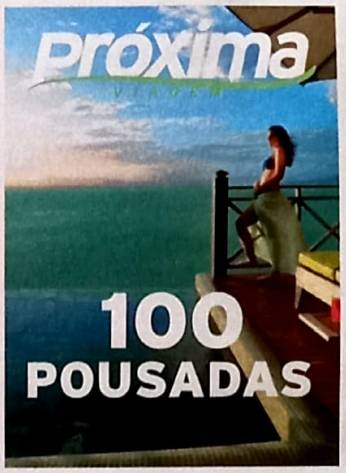
Próxima
VIAGEM
EUROPA

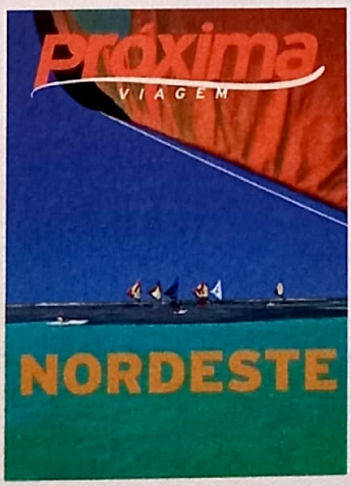

Próxima
MÉXICO


Próxima
VIAGEM
NATAL

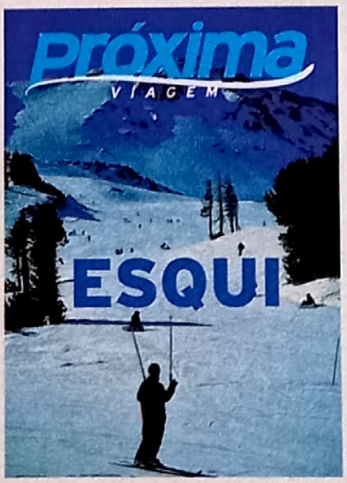

Próxima
VIAGEM
PATAGÔNIA


Próxima
VIAGEM
PORTUGAL


Próxima
100
POUSADAS


Próxima
VIAGEM
NORDESTE

Próxima
FLÓRIDA


Próxima
VIAGEM
ESQUI

Próxima
VIAGEM
33
SPAS

Próxima
VIAGEM
Poucos universos do interesse humano evoluem tão rapidamente quanto o mundo das viagens.
Mudam suas perspectivas, seus anseios e suas necessidades. Eis porque, em sintonia
com o desejo de seus leitores, apresentamos a evolução de Próxima Viagem
PRÓXIMA VIAGEM
será a revista brasileira
a ampliar esses horizontes.
Cultura de viagem. Estilo de viagem
Em janeiro, nova edição nas bancas
EDITORA PEIXES

NESTA EDIÇÃO

10 CARTAS

15 TAKES RETROSPECTIVA

22 SAINDO DO ARMÁRIO
No rastro de *O Senhor dos Anéis* e *Harry Potter*, *As Crônicas de Nárnia – O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* traz aos cinemas a fantasia e a religiosidade do mundo criado por C.S. Lewis

32 A HORA DA BESTA
Após anos de tentativas frustradas, o diretor Peter Jackson finalmente consegue realizar o sonhor de atualizar o clássico *King Kong*

44 VÁ DE RETRÔ SATANÁS
O terror adulto e realista dos anos 70 conquista nova força com o assustador *O Exorcismo de Emily Rose*

48 ABRINDO A BOCA
Consideradas malditas e pornográficas por muitos, as produções da Boca do Lixo ganham uma revisão importante e ares cult

52 SEGREDOS DA CIDADE
Lázaro Ramos e Alice Braga conversam sobre *Cidade Baixa*, um dos melhores filmes nacionais do ano

55 FILTRO

56 CINEMA

62 DVD & VÍDEO

70 TELEVISÃO

74 MÚSICA

76 LIVROS & HQS

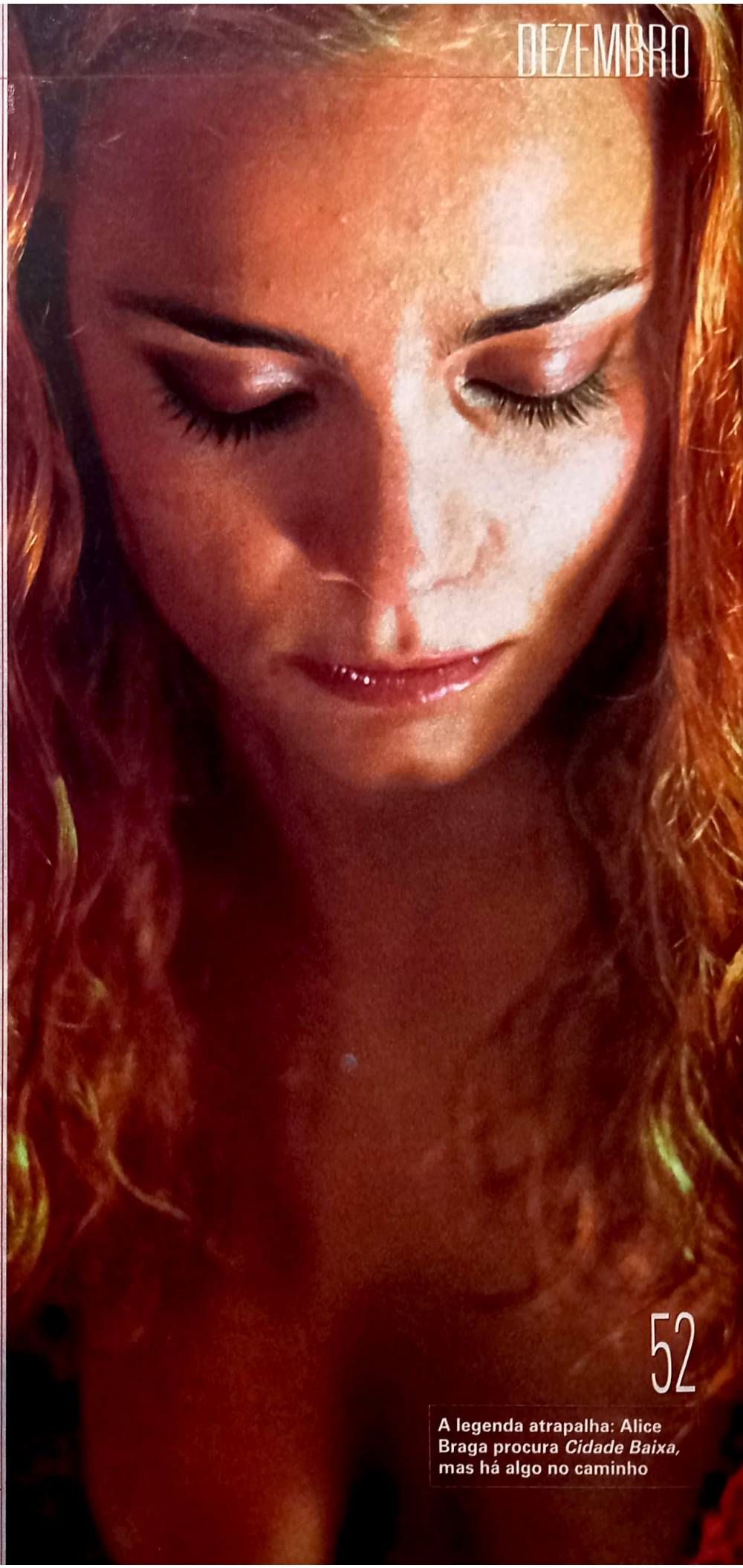
78 GAMES

80 EQUIPAMENTOS

81 ENTRE LEITORES

82 PONTO FINAL

NAS CAPAS: *King Kong* (UIP) e Anna Popplewell, Skandar Keynes e William Moseley em *As Crônicas de Nárnia – O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (Buena Vista)



52

A legenda atrapalha: Alice Braga procura *Cidade Baixa*, mas há algo no caminho

Patrimônios Culturais Indígenas (AP/PA)

Anima Mundi

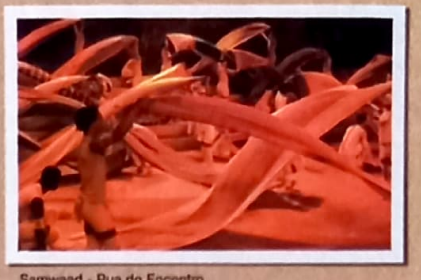
Odeon Petrobras

Arte Popular Brasileira na Casa do Pontal (Rio de Janeiro - RJ)

Acervo Rádio Nacional

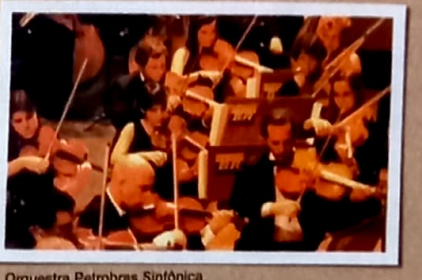
Rito de Passagem - Canto e Dança Ritual Indígena

Grupo Corpo


Samwaad - Rua do Encontro

Tocando a Memória - Rabeca (Bragança - PA)

A Pessoa é para o que Nasce (Longa-metragem)


Orquestra Petrobras Sinfônica

Normalmente projetos
são coisas para o futuro.
Mas não esqueça:
amanhã já é futuro.

"O melhor do Brasil é o brasileiro" provém de obra de Câmara Cascudo.

Estão abertas as inscrições para o Programa Petrobras Cultural.

Todos os anos a Petrobras faz seleções públicas de projetos culturais em diversas áreas. Só no ano passado foram quase 4 mil inscrições do Brasil inteiro. E para 2006 serão 62 milhões de reais investidos em novos projetos. Participe. A arte brasileira agradece. Veja o regulamento e inscreva-se no site www.petrobras.com.br. Petrobras. A maior patrocinadora de cultura do Brasil.

BR PETROBRAS
O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

Ministério de Minas e Energia

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

www.petrobras.com.br

É O BRASILEIRO

EDITORIAL

É "o novo *O Senhor dos Anéis*!" contra "o novo filme do diretor de *O Senhor dos Anéis*!". Certo, não soa nada bem. Mas é a mais pura verdade! Depois de um Natal sem a dose de fantasia que a gente se acostumou desde 2001, é bom ver que neste fim de ano o remédio chega em dobro. De um lado, *King Kong*, trabalho apaixonado de Peter Jackson que vem para apresentar o gorila gigante no topo do Empire State para toda uma nova geração de fãs de cinema. De outro, a adaptação de *As Crônicas de Nárnia – O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, primeiro dos sete livros escritos por C.S. Lewis a receber versão em tela grande – e um épico de fantasia capaz de rivalizar com os tomos do amigo de Lewis, J.R.R. Tolkien. No final das contas, ganha o cinema, que precisava de um empurrão nas bilheterias depois de um ano devagar (leia mais em nossa *Retrospectiva*), e ganhamos nós todos, que só queremos ver bons filmes. Vai ser um fim de ano movimentado, já anunciando um 2006 cheio de novidades (uma delas é mais veloz do que uma locomotiva). Aproveite! Ah, a crítica de *King Kong*, que não foi exibido a tempo de entrar nesta edição, você confere em nosso site um dia antes da estréia do longa. Boa leitura.

Roberto Sadovski
Diretor de Redação roberto.sadovski@edpeixes.com.br

AFOGANDO EM NÚMERØS

A edição de SET que você tem em mãos em estatísticas nada comprovadas

DOUTOR CORI

MACACO DESCONFIADO: Esta história de destruir Nova York pelo amor de uma garota parece ser meio balela. Flagramos o King Kong saindo do armário com ares suspeitos. Das duas uma: ou o símio se mandou para o mundo da concorrência, Nárnia, ou desistiu de correr atrás de uma loira bonitona

3 dias foram agraciados com a presença do diretor de redação Roberto Sadovski no fechamento

1 discussão acalorada na redação sobre a diferença entre macaco, símio, chimpanzé, gorila...

28 horas de viagem para o editor Rodrigo Salem chegar à China para o set de *MI:3*

12 vezes precisamos passar o trailer de *Superman – O Retorno* para a moçada da redação

2 pessoas da redação foram ao Tim Festival conferir Strokes, Wilco, Arcade Fire e Kings of Leon

33 filmes foram vistos na época da Mostra de São Paulo

EDITORA PEIXES

SET

PRESIDENTE
Angelo Rossi

REDAÇÃO
Diretor de Redação: *Roberto Sadovski*
Editora de Arte: *Marcia M. Chicaoka*
Editor Especial: *Rodrigo Salem*
Editor: *Ricardo Matsumoto*
Designer: *Leonardo Nery Protti*
Assistente de Redação: *Margarete de Lara*
Colaboraram nesta edição: (redator web) *Roberto Larroude* **(texto)** *Alessandro Gianinni, Alfredo Sternhein, André Gordirro, Dulce Damasceno de Brito, Eduardo Torelli, Roberto Pujol, Pablo Miyazawa, Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê.* **(arte)** *Denise Gariani* **(ilustração)** *Fernando Gonsales* **(revisão)** *Marisa Ribeiro*

PUBLICIDADE
Diretora: *Cidinha Cabral (cidinha.cabral@edpeixes.com.br)*
Gerentes: *Luciana Hollo (lhollo@edpeixes.com.br) Debora Leopoldo (debora.leopoldo@edpeixes.com.br) Sandra Garcia (sandra.regina@edpeixes.com.br)*
Executivo de Negócios: *Carmen Lúcia, Paulo Soares e Sérgio Garcia*
Executivo de Contas: *Stella Maris Bovino*
Coordenador de Publicidade: *Jorge Luiz Trinca*
Gerente de Marketing Publicitário: *Monique Marie O. L. Otenio*
Supervisora de Promoções e Eventos: *Ellen Biágio*

GESTÃO E CONTROLE OPERACIONAL
Diretor: *Carlos Romualdo*

ASSINATURAS
Gerente: *Orlando Palialol*
Gerente de Processos: *Robson Cerqueira*
Supervisor de Vendas Pessoais: *Denis Oliveira*

MARKENTING/CIRCULAÇÃO
Gerente: *Sidnei Lubianco*
Supervisor de Produto: *Fernando Pansan*
Planej. e Contr. Produção: *Wagner Pinheiro (supervisor)*
Gerente de Vendas Diretas: *Miguel Abdulack*

JURÍDICO
Diretor: *Djair Rosa*

REPRESENTANTES
Brasília: *A2 Representação* – Tel./Fax (61) 223-7005 / 7006
Rio Grande do Sul: *Compágina* – Tel./Fax (51) 3019-0919/ 9988-5061
Rio de Janeiro: *Triunvirato Serv. Com. Ltda* – Tel./Fax (21) 2221-0088/2252-5788
Minas Gerais: *SBF Publicidade* – Tel./Fax (31) 3261-2700
Santa Catarina: *By Speranza* – Tel./Fax (48) 3232-0519
Pernambuco: *Giftt Veículos de Comunicação* – Tel./Fax (81) 3327-4681
Paraná: *Tunitec Editora* – Tel. (48) 3338-9493
Representante Internacional: *Multimedia, Inc. (USA)* – Tel. (1) 407-903-5000 – Fax (1) 407-363-9809

SET, Edição 222, dezembro de 2005, é uma publicação da Editora Peixes S.A. ISSN 0104-1592. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Helena, 260, 4º andar, Vila Olímpia, São Paulo/SP, CEP 04552-050 tel.(11) 3049-3149. Publicidade: tels.: (11) 3049-3159/3049-3162/3049-3160. Distribuição: SET é distribuída com exclusividade no País pela Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações. Números atrasados: Podem ser solicitados, ao preço da última edição em bancas mais despesas de envio, à Somey Marketing e Serviços Ltda., Estrada da Balsa, 220, Barueri, SP, CEP 06419-300; fone/fax (011) 41612481, de segunda a sexta-feira das 8h às 17h40; na internet acessando www.lojaspeixes.com.br; ou através do jornaleiro ou distribuidor Dinap da sua cidade. Os pedidos estão sujeitos à disponibilidade de estoque.

UOL www.setonline.com.br
CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(0xx11) 3038-8080
E-mail: assinapeixes@teletarget.com.br
ou acesse: www.assinepeixes.com.br

PRE-PRESS: VOX
IMPRESSÃO: DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

IVC

É A MAGIA DO CINEMA.
UM PRESENTE QUE VIRA SEIS.

Dê um Gift Card Cinemark neste Natal. São 6 ingressos, por apenas R$ 55,00.
Venda exclusiva nas bilheterias do Cinemark.

Vendas por período limitado: até 31 de dezembro ou término do estoque.

Gift Card Cinemark. Um presente que vale por seis.

CINEMARK

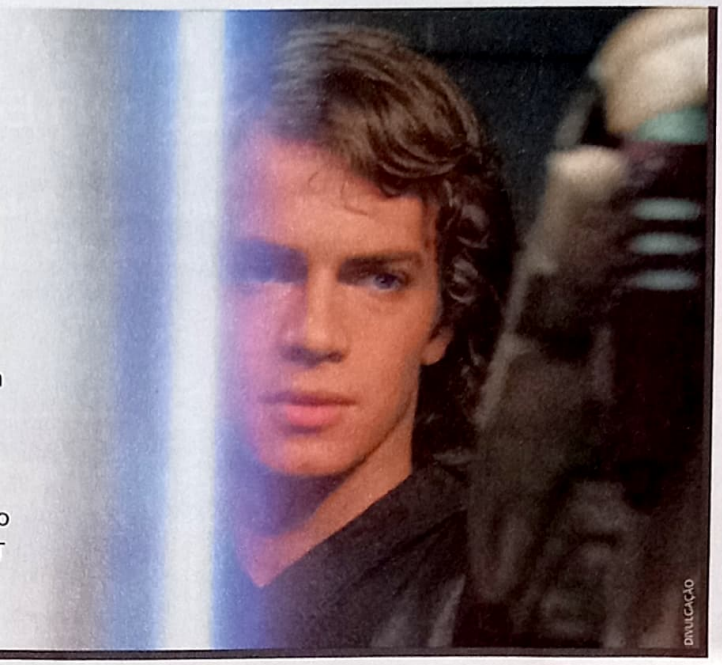
É MAIS QUE CINEMA. É CINEMARK.

Consulte os cinemas participantes: www.cinemark.com.br

E CHEGAMOS AO FIM DE 2005

O respondedor de cartas despede-se dos leitores

E foi um bom ano. Quero dizer, não é sempre que a gente vê o fim de uma saga (*A Vingança dos Sith*) e o começo de outra (*Batman Begins*) com qualidade. E também não é sempre que um filme brasileiro consegue mobilizar o público e bater tantos recordes (*2 Filhos de Francisco*). O fim do ano também marca o começo da corrida pelo Oscar, e a hora de a gente fazer nossa retrospectiva. Antes disso, eu me despeço de vocês, já que no ano que vem não serei mais o responsável pela seção de cartas de SET – que fica a cargo do pessoal da redação. Mas foi lindo. Nos vemos nos cinemas.



DRÓIDE SEM MEMÓRIA

Senhores, venho aqui comunicar um erro ocorrido na edição em que falava, logo no início, sobre alguns segredos e falhas de *Star Wars – Episódio III*. Numa dessas afirmações, SET publicou que R2-D2 sabia de toda a história nos *Episódios IV, V* e *VI*, já que mandaram apagar apenas a memória do andróide de protocolo, o que segundo a revista, seria C-3PO. Porém a tradução foi equivocada, uma vez que Bail Organa fala: "Erase the droids, protocol mind", ou seja, "Apague a mente de protocolo dos andróides". Portanto ambos os andróides tiveram sua mente apagada.

Aldo Freitas dos Santos Alves
aldoal@amazon.com.br

Na verdade, você inverteu a ordem das coisas, Aldo. Bail Organa diz: "Erase the protocol droid's mind". C-3PO é um dróide de protocolo, R2-D2 é um astrodróide. Só o primeiro teve a memória apagada.

SERENITY NOW!

Depois de meses esperando para finalmente ver a versão cinematográfica de *Firefly*, que até hoje não concordo que tenha saído do ar, fomos surpreendidos, a apenas duas semanas da estréia, com a notícia de que *Serenity* não mais estrearia no Brasil. Por um motivo que até agora não engoli: se bilheteria baixa fosse motivo para um filme não chegar ao Brasil, *Tudo Acontece em Elizabethtown* nunca deveria estrear aqui. Agora passada a frustração de não mais poder ver *Serenity* no cinema, queria saber se vocês têm pelo menos uma idéia de quando o DVD chega às lojas, não só do filme como também da série *Firefly*.

Heloísa de Sousa Vieira
Goiânia-GO

Heloísa, pode acreditar, o pessoal da redação ficou igualmente frustrado – principalmente por Serenity *ser mesmo um barato! Não é a primeira vez (*O Justiceiro, Team América*), certamente não será a última. Ainda não existe previsão para o lançamento de* Serenity *em DVD, mas não deve demorar.*

CADÊ A GRETCHEN?

É verdade que Jean-Claude Van Damme vai participar do novo filme do Asterix e Obelix interpretando um atleta medieval? Vai ser bom rever o ex-quase ídolo dos filmes de ação de volta às telonas.

Evilacio Maciel
Lagarto-SE
evimaciel@hotmail.com

Por incrível que pareça, é verdade. Mas tenha paciência, já que Asterix e Obelix nas Olimpíadas *só deve estrear em 2007.*

PIKI-WA!

Gostaria de saber se há previsão para o lançamento da série *James West* em DVD no Brasil.

Marcelo Montefusco
Espírito Santo do Pinhal-SP

A série, eu não sei. Mas o filmaaaaço com Will Smith está disponível faz um tempo. Provavelmente nas bacias de ofertas...

QUIZ SHOW

Pergunta número um: É verdade que o novo 007 vai ser Daniel Craig de Estrada para Perdição *e sua estréia será em* Cassino Royale*? Pergunta número dois: É verdade que* Sin City *será série de TV?*

Douglas de Paula
sozinho_90@hotmail.com

Curto e grosso? Sim e não.

FERNANDO VAI GOSTAR

Eu assisti ao filme *O Jardineiro Fiel*, e nunca fiquei tão impressionado em toda a minha vida! É realmente surpreendente, provoca sentimentos como raiva, angústia, tristeza, indignação, decepção, dentre muitos outros. Nunca nenhum filme conseguiu despertar tantos sentimentos em mim antes, além disso em termos de cinema é um espetáculo, a trilha sonora, o roteiro, os atores, a fotografia, tudo se encaixa numa harmonia perfeita. Resta uma pergunta: por que a nota do filme pela crítica foi de apenas 8,5?

Francisco Bandeira
ciscobs@hotmail.com

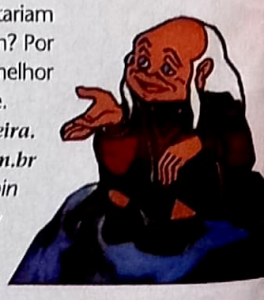
E você acha pouco? Se minha média na escola fosse 8,5, minha mãe seria uma mulher sempre feliz. É uma bela nota vai...

CAVERNA DO MÊS

É verdade que vão fazer um filme sobre o desenho animado *Cavalo de Fogo*, a princesa Sara seria a Nicole Kidman, e estariam perto de fechar com o Colin Farrell para viver o Crispin? Por favor, esclareçam minhas dúvidas, para saber se o melhor desenho da história da humanidade vai se tornar filme.

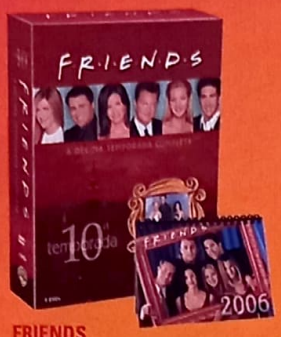
Karine Oliveira.
karinekakarote@bol.com.br

O Mestre dos Magos responde: "Karine, Sara e Crispin devem estar no Caribe curtindo a aposentadoria e você quer acabar com a moleza deles? Cavalo de Fogo*? Eu creio que não".*

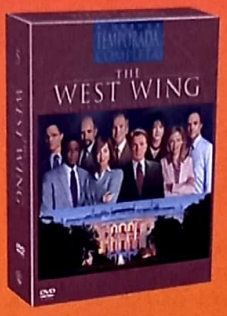


ASSINATURAS SET
POR TELEFONE: (0xx11) 3038-8080
POR FAX: (0xx11) 3038-1415
E-MAIL: assinapeixes@teletarget.com.br
ou ACESSE: www.assinepeixes.com.br

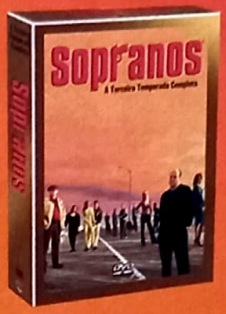
O MELHOR DA TV EM DVD



FRIENDS
10ª TEMPORADA - 4 DVDs

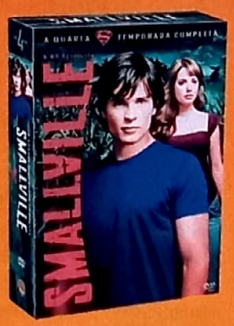


THE WEST WING
5ª TEMPORADA - 6 DVDs



FAMÍLIA SOPRANOS
3ª TEMPORADA - 4 DVDs

COLEÇÃO LOONEY TUNES
VOLUME 3 - 3 DVDs



SMALLVILLE
4ª TEMPORADA - 6 DVDs

Não perca também estas grandes promoções

SMALLVILLE
1ª A 3ª TEMPORADA - 6 DVDs cada

E.R.
1ª A 3ª TEMPORADA - 7 DVDs cada

COLEÇÃO LOONEY TUNES
VOLUME 1 E 2 - 4 DVDs cada

CORRIDA MALUCA
A SÉRIE COMPLETA - 3 DVDs

COMPRE AGORA EM DVD VIDEO NA 2001

o cinema está aqui

www.2001video.com.br

Líder em DVD

Imagens meramente ilustrativas. Verifique a classificação indicativa das séries. Disponibilidade dos produtos sujeita ao estoque de cada loja. Preços sugeridos ao consumidor final.

Leo Burnett

CARTAS

MAIS UM...

Gostaria de saber qual é o próximo filme do ator William Ragsdale e, se possível, que vocês publicassem uma entrevista ou matéria com ele.

Paulo Geovani Freitas Ribeiro
Teresópolis-RJ

Só o pessoal conhecido, hoje... Bom, William Ragsdale, do neoclássico A Hora do Espanto, *será visto em* Vovó... Zona 2 *e depois no suspense* The Reaping, *com Hilary Swank.*

PACIÊNCIA...

Christopher Nolan já está fazendo a continuação de *Batman*? Se estiver filmando, chegará em 2007? Vai ser uma briga boa contra *Homem-Aranha 3*.

Maicon Z. Valezini
São Paulo-SP

Chris Nolan deve começar a rodar The Prestige *(sobre dois magos rivais), e só depois é que deve colocar as mãos na seqüência de* Batman Begins. *O que pode deixar o filme para 2008, longe de* Homem-Aranha 3.

SAI, CAPETA!

Lendo algumas baboseiras na Internet descobri que a escritora de Harry Potter tem um pacto com Satanás. Isso daria um ótimo filme de terror não acham? Poderia ser *Harry Potter, o Início*.

Jairo G. Santos
Olaria-RJ

Quem manda ficar lendo baboseiras na Internet?

SAI, OUTRO CAPETA!

Vi num programa de TV que Gisele Bündchen havia recebido o roteiro do filme da *Mulher Maravilha*. É verdade? Se for, o que será de nós?

Mariana Dias de Lima
José Bonifácio-SP

Quem manda ficar assistindo a baboseiras na TV? Mas eu queria saber como ela recebeu um roteiro que... ainda não está pronto!

NOME AOS BOIS

Gostaria de saber quem dirigiu *Malpertius* com Orson Welles e *A Casa da Noite Eterna*, com Pamela Franklin.

Renato Rosenbergs Contieri
São Paulo-SP

Malpertius *foi dirigido pelo belga Harry Küme. Já* A Casa da Noite Eterna *leva a assinatura de John Hough.*

SEXO DE VERDADE

Desejo saber se algum "ator" pornô (ex: Peter North, Silvia Saint, Jill Kelly) já participou ou fez alguma ponta de uma produção hollywoodiana? E sim, gostaria de saber em qual filme. Se não, estão esperando o quê?

Glauco Meneghelli
Santo André-SP

Eu me lembro de ter visto Nina Hartley em Boogie Nights *(nada mais adequado). Mas provavelmente eles ganham bem melhor em seus empregos "normais"...*

CHEIO DE DÚVIDAS

Como leitor assíduo de SET desde sabe-Deus-quando, tenho sentido falta de duas coisas: as respostas, digamos, espirituosas, às cartas dos leitores; e, principalmente, as listas com as bilheterias do ano, que costumavam ser publicadas infalivelmente em vossas/nossas páginas. Para terminar, por onde andam Kathleen Turner, Nastassja Kinski, Angela Bassett e Linda Fiorentino?

Marcos Santos
vneilrocks@yahoo.com.br

Como você vai conferir daqui a pouco, decidimos esperar até dezembro para publicar as bilheterias. Ok, as moças primeiro: Turner empresta sua voz a um dos personagens de Monster House *no ano que vem; Kinski tem a comédia italiana* Oliviero Rising *prontinha para 2006 (mas eu duvido que ela chegue por aqui); depois de emprestar a voz para a chefe de Angelina Jolie em* Sr. & Sra. Smith, *Bassett será vista no drama* Akeelah and the Bee, *com Laurence Fishburne; e Fiorentino deve estar de férias, já que não roda nenhuma produção desde 2002. Certo, não foi lá uma resposta espirituosa...*

SHAKE IT UP

Qual é o nome da música que embala as peripécias de Ferris Bueller no filme Curtindo a Vida Adoidado*?*

Alexsandro salomão
alexsandrosalomao@yahoo.com.br
Belo Horizonte-MG

Se você está se referindo a "Twist and Shout", dos Beatles, deve pagar penitência por esse pecado cinematográfico!

PEDIDO DE AMIGO

Escrevo pela primeira vez para implorar a vocês, grandes conhecedores da sétima arte, que não deixem passar em branco o filme dos geniais Neil Gaiman e Dave McKean.

Saimon Neves
merovigian666@yahoo.com.br

Bom, Mirror Mask *(esse é o filme, certo) passar em branco ou não está além de nosso controle. Mas se e quando for lançado aqui com certeza SET vai registrar. Agora pára de usar "sétima arte". A palavra é clichê demais...*

RISADINHA CÍNICA

Ouvi rumores da nova saga de *O Senhor dos Anéis* parte 4. É verdade?

Leo Zava
leozava@gmail.com

Só se Tolkien escrever mais um livro, o que eu acho improvável...

CABALA

Alguém pode me explicar por que um filme com o Wesley Snipes sobre um ex-comandante do Exército, que rouba por acidente um falso quadro de Van Gogh, tem o título *7 Segundos*? Será que é porque você leva sete segundos para se arrepender de ter alugado essa porcaria? Ou porque o roteirista levou sete segundos para bolar a "idéia" desse filme? Antes que vocês perguntem por que eu aluguei um filme do Wesley Snipes, saibam que foi o meu irmão...

Daniela de Oliveira
dannyomodestto@ibestvip.com.br

Ei, levei – adivinhe! – sete segundos para ler o seu e-mail! Genial, não? Ok, não foi. E eu fico por aqui. Até a próxima.

CARTAS: 40 • E-MAIL: 566 • TELEFONEMAS: 202 **TOTAL 808**
Correspondência recebida entre 22/10 e 21/11

Tudo o que você quiser saber sobre filmes, lançamentos, seu artista preferido, fale com a gente

POR TELEFONE: (0xx11) 3049-3172
POR FAX: (0xx11) 3049-3166
POR E-MAIL: set@edpeixes.com.br

POR CARTA:
Rua Helena, 260 - 4º andar
CEP 04552-050 / São Paulo - SP

EDIÇÕES ANTERIORES

Nº 221 – Novembro 2005

Harry Potter chega a sua quarta aventura; David Cronenberg estuda os traumas do passado em *Marcas da Violência*; O DVD de *Star Wars – A Vingança dos Sith*; Wagner Moura fala sobre *Cidade Baixa*; *Beijos e Tiros*, *Dominoe Serenity* fecham o mês

Nº 220 – Outubro 2005

Fernando Meirelles estréia no mercado internacional com *O Jardineiro Fiel*; Antonio Banderas e Catherine Zeta-Jones se reúnem em *A Lenda do Zorro*; os destinos cruzados de *Crash*; Tim Burton tece uma sinfonia macabra em *A Noiva-Cadáver*, em DVD, *A Vida Marinha com Steve Zissou*

Nº 219 – Setembro 2005

Owen Wilson e Vince Vaughn fazem rir em *Penetras Bons de Bico*; as cenas mais engraçadas de todos os tempos; a carreira vitoriosa de Nicole Kidman; Russell Crowe bate e apanha em *A Luta pela Esperança*; o triunfo de *A Marcha do Imperador*, em DVD, *Lavoura Arcaica*

Nº 218 – Agosto 2005

Michael Bay invade a ficção científica com o acelerado *A Ilha*; *2 Filhos de Francisco* conta a vida de Zezé Di Camargo & Luciano; a carreira de John Cusack; *Água Negra* e os filmes de terror definitivos; o retorno de Jane Fonda; em DVD, *Hora de Voltar* e *Steamboy*

Nº 217 – Julho 2005

Quarteto Fantástico é diversão leve para todas as idades; Tom Cruise e Steven Spielberg falam sobre *Guerra dos Mundos*; *A Fantástica Fábrica de Chocolate* volta nas mãos de Tim Burton; os mortos-vivos de George A. Romero; os sonhos de Miyazaki; em DVD, *Kung Fu Futebol Clube*

Nº 216 – Junho 2005

Batman Begins marca a volta do Homem-Morcego aos cinemas; Angelina Jolie fala sobre *Sr. e Sra. Smith*; um guia para *O Guia do Mochileiro das Galáxias*; a nova geração do cinema de terror que aposta no passado; a estréia de *Madagascar*; em DVD, *Em Busca da Terra do Nunca*

NÚMEROS ATRASADOS: Edições anteriores podem ser solicitadas, ao preço da última edição em banca mais despesas de envio, a Somey Marketing e Serviços Ltda., Estrada da Balsa, 220, Barueri, SP, CEP 06419-300, tel./fax (11) 4161-2481, de segunda a sexta-feira, das 8h00 às 17h40, na internet acessando www.lojapeixes.com.br ou através do jornaleiro ou distribuidor DINAP da sua cidade. Os pedidos estão sujeitos à disponibilidade de estoque.

MELHORES de 2005

Uma lutadora trágica, um herói fantasiado de morcego e uma família ameaçada por gângsteres. Variedade é a palavra-chave da votação dos Melhores de 2005. Será que teremos surpresas?

FILME:

ESTRANGEIRO

- ☐ *As Crônicas de Nárnia...*
- ☐ *Batman Begins*
- ☐ *Beijos e Tiros*
- ☐ *Crash – No Limite*
- ☐ *O Jardineiro Fiel*
- ☐ *Em Busca da Terra do Nunca*
- ☐ *Guerra dos Mundos*
- ☐ *Harry Potter e o Cálice de Fogo*
- ☐ *King Kong*
- ☐ *Manderlay*
- ☐ *Marcas da Violência*
- ☐ *Menina de Ouro*
- ☐ *O Aviador*
- ☐ *Sin City*
- ☐ *Star Wars: Episódio 3 – A Vingança dos Sith*

Outro:_____

NACIONAL

- ☐ *2 Filhos de Francisco*
- ☐ *Cabra Cega*
- ☐ *Casa de Areia*
- ☐ *Cidade Baixa*
- ☐ *Cinema, Aspirinas e Urubus*
- ☐ *Coisa Mais Linda*
- ☐ *Doutores da Alegria*
- ☐ *Gaijin 2 – Ama-me Como Sou*
- ☐ *Jogo Subterrâneo*
- ☐ *O Cárcere e a Rua*
- ☐ *O Casamento de Romeu e Julieta*
- ☐ *O Coronel e o Lobisomem*
- ☐ *Quase Dois Irmãos*
- ☐ *Sal de Prata*
- ☐ *Vinícius*

Outro:_____

DIRETOR:

ESTRANGEIRO

- ☐ Christopher Nolan (*Batman Begins*)
- ☐ Clint Eastwood (*Menina de Ouro*)
- ☐ David Cronenberg (*Marcas da Violência*)
- ☐ Fernando Meirelles (*O Jardineiro Fiel*)
- ☐ Peter Jackson (*King Kong*)

Outro:_____

NACIONAL

- ☐ Breno Silveira (*2 Filhos de Francisco*)
- ☐ Bruno Barreto (*O Casamento de Romeu e Julieta*)
- ☐ Mauricio Farias (*O Coronel e o Lobisomem*)
- ☐ Roberto Gervitz (*Jogo Subterrâneo*)
- ☐ Sérgio Machado (*Cidade Baixa*)

Outro:_____

ATOR:

ESTRANGEIRO

- ☐ Jamie Foxx (*Ray*)
- ☐ Johnny Depp (*Em Busca da Terra do Nunca*)
- ☐ Leonardo DiCaprio (*O Aviador*)
- ☐ Ralph Fiennes (*O Jardineiro Fiel*)
- ☐ Viggo Mortensen (*Marcas da Violência*)

Outro:_____

NACIONAL

- ☐ Ângelo Antônio (*2 Filhos de Francisco*)
- ☐ Caco Ciocler (*Quase Dois Irmãos*)
- ☐ Lázaro Ramos (*Cidade Baixa*)
- ☐ Marco Ricca (*O Casamento de Romeu e Julieta*)
- ☐ Wagner Moura (*Cidade Baixa*)

Outro:_____

ATRIZ:

ESTRANGEIRA

- ☐ Hilary Swank (*Menina de Ouro*)
- ☐ Imelda Staunton (*Vera Drake*)
- ☐ Kate Winslet (*Em Busca da Terra do Nunca*)
- ☐ Naomi Watts(*King Kong*)
- ☐ Renée Zellweger (*A Luta pela Esperança*)

Outra:_____

NACIONAL

- ☐ Dira Paes (*2 Filhos de Francisco*)
- ☐ Fernanda Montenegro (*Casa de Areia*)
- ☐ Fernanda Torres (*Casa de Areia*)
- ☐ Luana Piovani (*O Casamento de Romeu e Julieta*)
- ☐ Maria Luisa Mendonça (*Jogo Subterrâneo*)

Outra:_____

ATOR COADJUVANTE:

ESTRANGEIRO

- ☐ Ed Harris (*Marcas da Violência*)
- ☐ Morgan Freeman (*Menina de Ouro*)
- ☐ Thomas Haden Church (*Sideways – Entre Umas e Outras*)
- ☐ Paul Giamatti (*A Luta pela Esperança*)
- ☐ William Hurt (*Marcas da Violência*)

Outro:_____

NACIONAL

- ☐ Bruno Garcia (*Sal de Prata*)
- ☐ Lima Duarte (*2 Filhos de Francisco*)
- ☐ Luís Gustavo (*O Casamento de Romeu e Julieta*)
- ☐ Selton Melo (*O Coronel e o Lobisomem*)
- ☐ Seu Jorge (*Casa de Areia*)

Outro:_____

ATRIZ COADJUVANTE:

ESTRANGEIRA

- ☐ Rachel Weisz (*O Jardineiro Fiel*)
- ☐ Cate Blanchett (*O Aviador*)
- ☐ Laura Linney (*Kinsey*)
- ☐ Natalie Portman (*Perto Demais*)
- ☐ Virginia Madsen (*Sideways – Entre Umas e Outras*)

Outra:_____

NACIONAL

- ☐ Ana Paula Arósio (*O Coronel e o Lobisomem*)
- ☐ Camila Pitanga (*Sal de Prata*)
- ☐ Julia Lemmertz (*Jogo Subterrâneo*)
- ☐ Paloma Duarte (*2 Filhos de Francisco*)
- ☐ Vera Holtz (*Bendito Fruto*)

Outra:_____

REVELAÇÃO:

ESTRANGEIRO

- ☐ Adrian Alonso (ator, *A Lenda do Zorro*)
- ☐ Eugene Hutz (ator, *Uma Vida Iluminada*)
- ☐ Freddie Highmore (ator, *Em Busca da Terra do Nunca*)
- ☐ Katie Leung (atriz, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*)
- ☐ Paul Haggis (diretor, *Crash – No Limite*)

Outro:_____

NACIONAL

- ☐ Adriane Galisteu (*atriz, Coisa de Mulher*)
- ☐ Breno Silveira (diretor, *2 Filhos de Francisco*)
- ☐ Dablio Moreira (ator, *2 Filhos de Francisco*)
- ☐ João Miguel (ator, *Cinema, Aspirinas e Urubus*)
- ☐ Marcelo Gomes (diretor, *Cinema, Aspirinas e Urubus*)

Outro:_____

DVD:

ESTRANGEIRO

- ☐ *Batman Begins*
- ☐ *Guerra dos Mundos*
- ☐ *Os Incríveis*
- ☐ *Star Wars: Episódio 3 – A Vingança dos Sith*
- ☐ *Titanic – Edição de Colecionador*

Outro:_____

NACIONAL

- ☐ *2 Filhos de Francisco*
- ☐ *Edifício Master*
- ☐ *Jogo Subterrâneo*
- ☐ *Lavoura Arcaica*
- ☐ *Meu Tio Matou Um Cara*

Outro:_____

VILÃO:

- ☐ Assassino Amarelo (*Sin City*)
- ☐ Dr. Destino (*Quarteto Fantástico*)
- ☐ Jigsaw Killer (*Jogos Mortais*)
- ☐ Lorde Voldemort (*Harry Potter e o Cálice de Fogo*)
- ☐ Ra's Al Ghul (*Batman Begins*)

Outro:_____

CENA DE AÇÃO:

- ☐ Aniquilação de Jedis em *Star Wars: Episódio 3 – A Vingança dos Sith*
- ☐ Invasão inicial de ETs em *Guerra dos Mundos*
- ☐ Aviões atacam King Kong em Nova York
- ☐ Batalha por Jerusalém em *Cruzada*
- ☐ Caçada ao Batmóvel em *Batman Begins*

Outro:_____

CENA DE LUTA:

- ☐ Angelina Jolie vs. Brad Pitt em *Sr. e Sra. Smith*
- ☐ Harry Potter vs. Lorde Voldemort em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*
- ☐ Marv (Mickey Rourke) vs. qualquer um em *Sin City*
- ☐ Sing (Stephen Chow) vs. The Beast (Siu-Lug-Leung) em *Kung Fusão*
- ☐ Obi-Wan vs. Anakin em *Star Wars: Episódio 3 – A Vingança dos Sith*

Outro:_____

MELHOR CAPA DE SET

☐ Janeiro

☐ Fevereiro

☐ Março

☐ Abril

☐ Maio-1

☐ Maio-2

☐ Maio-3

☐ Maio-4

☐ Junho

☐ Julho-1

☐ Julho-2

☐ Julho-3

☐ Julho-4

☐ Agosto

☐ Setembro

☐ Outubro

☐ Novembro

☐ Dezembro-1

☐ Dezembro-2

Envie seu voto até o dia 3 de fevereiro. Escreva no envelope ou no título da mensagem: "OS MELHORES DE 2005". Por fax: (0XX11) 3049-3166. Por carta: Rua Helena, 260 – 4º andar – CEP 04552-050/ São Paulo – SP. Por e-mail: set@edpeixes.com.br. Os resultados serão publicados na edição de março de 2006 de SET.

TAKES

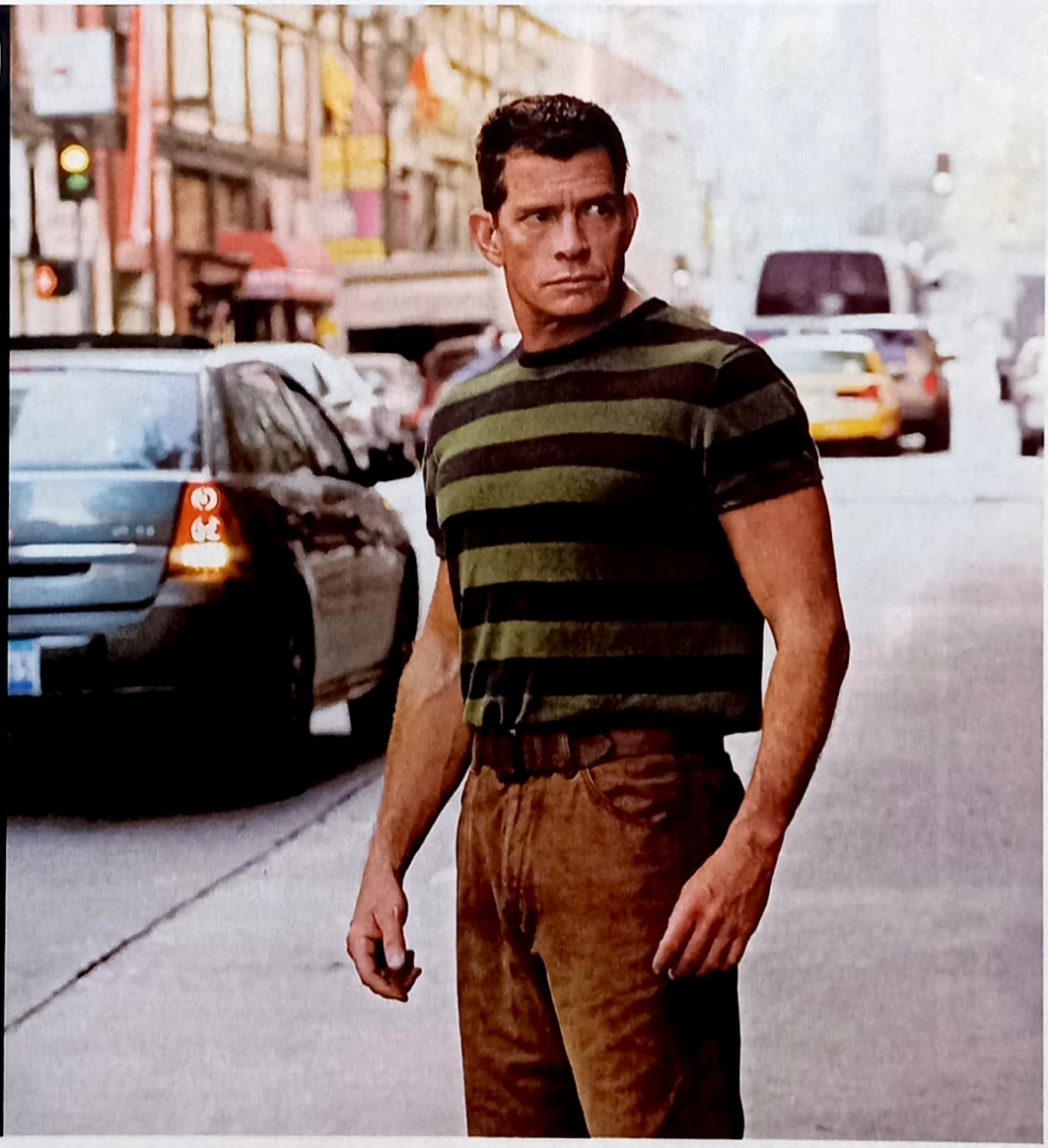
▪ retrospectiva 2005 ▪

▪ O SUCESSO DE *2 FILHOS DE FRANCISCO*
▪ OS VENCEDORES DA MOSTRA DE SÃO PAULO E DO FESTIVAL DO RIO
▪ O ANO EM QUE O CINEMA PAROU
▪ A VOLTA TRIUNFAL DE BATMAN E A APOSENTADORIA DE DARTH VADER – AS MAIORES BILHETERIAS DE 2005

O PRIMEIRO DA FILA

Aparece o vilão de *Homem-Aranha 3*

Aquelas garrafas de vinho em *Sideways* parecem ter feito bem ao subestimado Thomas Hayden Church. Na primeira imagem oficial de *Homem-Aranha 3*, o ator aparece em forma para assumir o papel de Flint Marko, conhecido no submundo do crime por Homem de Areia. Church é o único com personagem definido até o fechamento desta edição, mas a revelação só aponta para os boatos gerados por Kirsten Dunst, que adiantou a identidade do vilão da foto e ainda disse que o magrelo Topher Grace será o simbionte Venom.



COLUMBIA

OS FAMOSOS TAMBÉM AMAM

Hollywood continua amando e se separando

Dentro da tela, o mocinho fica com a mocinha. Do lado de fora, também – mas o ritmo é mais acelerado, no esquema mocinho troca mocinha, que fica com outro mocinho, que a chifra com outra mocinha. Em 2005, não foi diferente, a não ser, claro, por Ben Affleck de novo nas manchetes.

Depois de Jennifer Lopez, o astro de *Demolidor* arrastou sua asa para outra Jennifer: sua parceira de elenco, Jennifer Garner. Desta vez, o galã preferiu um namoro na encolha. O casal subiu ao altar em junho, em cerimônia reservada, e espera um rebento.

Privacidade também foi a marca do relacionamento do ano: Brad Pitt e Angelina Jolie. Pitt já havia se fechado durante seu divórcio de Jennifer Aniston – seguramente a separação mais falada de 2005. O casamento durou cinco anos, mas não resistiu à química com a colega de *Sr. & Sra. Smith*, Angelina Jolie. Para poupar a ex-esposa e evitar má publicidade para o filme, Pitt negou o romance o máximo que pôde – mas já perambula com o filho adotivo da namorada.

Se Pitt fechou a matraca, Tom Cruise botou a boca no mundo. O astro espalhou para os quatro ventos o quão feliz estava por namorar Katie Holmes: chegou a cometer o mico do ano, ao pular no sofá da Oprah Winfrey. A travessura o tornou piada nacional e lhe custou cem posições na lista de "celebridade mais querida". Não fosse o bastante, Cruise continuou falando sobre sua crença religiosa, a Cientologia. Descontente com a queda de popularidade, o galã demitiu a assessora de imprensa – a própria irmã.

Já o caso de Judie Law foi pior. O ator traiu Sienna Miller com a babá de seus filhos do casamento anterior. A bela loura deu o troco: botou um chapéu de touro em Law, envolvendo-se com Daniel Craig (o novo James Bond).

A FORÇA ACABA E O MORCEGO RECOMEÇA

2005 foi o ano das trevas – ao menos para os dois personagens que mais polarizaram as telas e a mídia. Darth Vader e Batman, ambos de armadura negra e em franco flerte com as sombras, protagonizaram momentos distintos em suas carreiras.

Vader fez sua primeira aparição desde *O Retorno de Jedi*. Com *A Vingança dos Sith*, último filme da saga de *Guerra nas Estrelas*, o ciclo do apogeu e queda de Anakin Skywalker se completou com sua transformação no maior vilão do cinema. George Lucas encerrou a trilogia com a mais polpuda bilheteria do ano.

Enquanto um cavaleiro das trevas encerrava a carreira, outro reassumia o emprego perdido. O Homem-Morcego, em aposentadoria forçada desde o mico pago em *Batman & Robin* (1997), ressurgiu com *Batman Begins*. O recomeço foi rentável: o filme de Chris Nolan arrecadou 371 milhões de dólares. O êxito maior foi crítico: *Batman Begins* é reconhecido como a melhor encarnação do Batman nas telonas.

VERGONHAS DO ANO

Ruins de doer ou obras injustiçadas, vários títulos morreram na praia em 2005. Apesar de amargarem um resultado decepcionante – ao menos em relação ao orçamento e às expectativas – os filmes abaixo tendem a recuperar o prejuízo com seu lançamento em DVD, que é praticamente uma segunda mãe para quem não se comportou bem na bilheteria. Outro alento é que um mau desempenho nos EUA pode ser contornado com uma boa performance nos cinemas estrangeiros. Precisa ser muito ruim para não compensar.

Alexandre Custo: 150 milhões. Renda: 34.293,771 (EUA) e 133 milhões (mundo)	*A Ilha* Custo: 122 milhões. Renda: 35.8 milhões (EUA) e 124.456,778 (mundo)	*A Luta pela Esperança* Custo: 88 milhões. Renda: 61.614,300 (EUA) e 44.900 milhões (mundo)	*A Feiticeira* Custo: 85 milhões. Renda: 62.252,415 (EUA) e 66.588,626 (mundo)	*Triplo X: Estado de Emergência* Custo: 87 milhões. Renda: 25.607,347 (EUA) e 44.148,761 (mundo)
Cruzada Custo: 130 milhões. Renda: 47.396,698 (EUA) e 164.274,469 (mundo)	*Elektra* Custo: 43 milhões. Renda: 24.407,944 (EUA) e 32.142,082 (mundo)	*Água Negra* Custo: 24 milhões. Renda: 25.472,967 (EUA) e 20.125,667 (mundo)	*Stealth – Ameaça Invisível* Custo: 130 milhões. Renda: 31.704,416 (EUA) e 41.220,494 (mundo)	

O ANO DAS COMÉDIAS ADULTAS

Os estúdios finalmente notaram que velhos também riem

Após anos de baixarias adolescentes na telona, Hollywood passou a fazer comédias para outro tipo de público: o adulto. Três comédias em 2005 foram além da marca dos 100 milhões de dólares sem depender da mesada dos menores de 18 anos. *Penetras Bons de Bico*, *Hitch – Conselheiro Amoroso* e *O Virgem de 40 Anos* apelaram, sim, para piadas rasteiras e humor grosseiro, mas o fizeram numa embalagem voltada para o público mais velho, com tramas que discutiam relacionamentos e chegada da maturidade. E o trio ainda sedimentou a carreira de novos talentos do riso – como Owen Wilson, Vince Vaughn e Steve Carell – e trouxe de novamente ao pódio o velho conhecido Will Smith.

O Virgem de 40 Anos, o caçula da turma com 107 milhões de bilheteria nos EUA, tirou do fundo de cena o excepcional comediante Steve Carell, que ganhou seu primeiro papel como protagonista depois de chamar a atenção em *O Âncora* e *Todo-Poderoso*. Em meio à grosseria esperada num filme sobre um sujeito que nunca transou em seus quarenta anos de vida, a comédia aborda temas como a solidão, o medo de fracassar na cama e a substituição do sexo pela satisfação na aquisição de bens materiais.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

"Show me the money, Steve!!"

Hitch – Conselheiro Amoroso, que fez 179 milhões nos EUA, também trata da dificuldade de contato com o sexo oposto. Will Smith, que veio ao Brasil divulgar o filme, encarna uma espécie de personal trainer da arte de conquistar uma mulher: ele dá dicas aos tímidos e desajustados de como "chegar junto". *Hitch*, porém, foge da temática juvenil da pegação pela pegação, e tem um protagonista com ética própria, só ensinando seus truques para aqueles realmente apaixonados, e não para os gaviões de plantão.

Insegurança é a mola motriz do modo de vida dos protagonistas de *Penetras Bons de Bico*, o sucesso-surpresa do ano com 208 milhões de dólares de bilheteria nos EUA – atrás dos óbvios *Star Wars: A Vingança dos Sith* e *Guerra dos Mundos*. Owen Wilson e Vince Vaughn são dois solteirões farristas que evitam comprometimento sendo bicões em casamentos – ocasiões que eles consideram propícias para levar moças românticas para a cama. Só que o mundo da dupla ganha uma sacudida quando eles se apaixonam de verdade por duas meninas que caíram em suas mentiras. De novo o choque entre um modo de vida adolescente e a responsabilidade de uma paixão madura é o pano de fundo para a comédia rasgada. O desempenho de *Penetras Bons de Bico* na bilheteria sacramentou de vez o sucesso da geração de comediantes encabeçada por Wilson, Vaughn e seus parceiros: Ben Stiller, Will Ferrell e Luke Wilson.

TOP 10 DOS EUA

** em dólares*

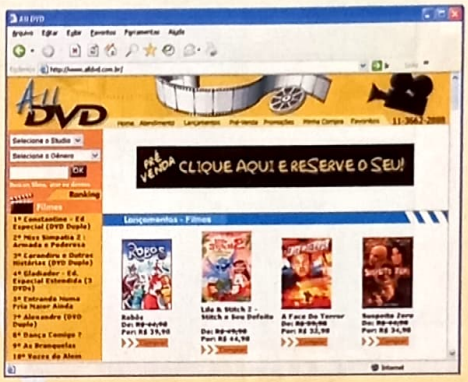
1. *Star Wars: Episódio III – A Vingança dos Sith* 380.270,577
2. *Guerra dos Mundos* 234.210,273
3. *Penetras Bons de Bico* 208.402,461
4. *A Fantástica Fábrica de Chocolate* 206.116,697
5. *Batman Begins* 205.343,774
6. *Madagascar* 193.202,933
7. *Sr. & Sra. Smith* 186.270,962
8. *Hitch – Conselheiro Amoroso* 179.495,555
9. *Golpe Baixo* 158.119,460
10. *Quarteto Fantástico* 154.600,479

All DVD

A MAIS COMPLETA LOJA DE DVDs !

- Compras em até 3X sem Juros*
- Mais de 5000 títulos em DVD
- Entregamos em Todo o Brasil

VISITE NOSSO SITE E CONFIRA!



DOCUMENTÁRIOS
RELIGIOSOS
INFANTIS
MUSICAIS
ERÓTICOS
FILMES
E MUITO MAIS

AGORA TAMBÉM COM
ACESSÓRIOS
CD´s
VHS INFANTIL

Faça seu pedido pelo site
www.alldvd.com.br
ou ligue (11) 3662-2888

* em todos os cartões de crédito, nas compras acima de R$ 150,00

SESSÃO COMÉDIA

Por Fernando Gonsales

2 FILHOS DE FRANCISCO

Batendo de frente contra preconceitos e ganhando a crítica, o filme torna-se maior sucesso do ano

Surpreendente, fenomenal, arrebatador. São adjetivos comumente usados para falar do êxito de *2 Filhos de Francisco*, o filme brasileiro que conquistou o circuito com o mesmo jeito simples de seus protagonistas – e repetiu, nas telas, o sucesso que os cantores Zezé di Camargo e Luciano, os tais dois filhos do título, vivenciam nos palcos. A cinebiografia dirigida por Breno Silveira passou dos 5 milhões de espectadores, terminando o ano não só como o longa mais visto no Brasil, como também o primeiro da safra da chamada retomada – iniciada há exatos dez anos por *Carlota Joaquina* – a conquistar essa posição. Os números da fita são superlativos não só na contagem de espectadores: *2 Filhos de Francisco* ficou por nove semanas na liderança da bilheteria e acumulou 34 milhões de reais em ingressos vendidos (a produção custou salgados 6,3 milhões). Esta cifra o coloca atrás apenas de *Titanic*, dos dois *Homem-Aranha* e de *A Paixão de Cristo* na lista de maiores sucessos dos últimos oito anos.

Para entender como *2 Filhos de Francisco* atingiu esse patamar de sucesso, é preciso primeiro encarar a rejeição que se imaginava que a obra encontraria. Afinal, o filme conta a história dos bastiões de um dos gêneros musicais mais populares que o Brasil já produziu, o estilo brega-sertanejo, que causa horror ao público mais "elitista", em teoria o que gasta seu dinheiro no cinema. Zezé di Camargo e Luciano são os segundos maiores vendedores de disco do país. Imaginava-se que os formadores de opinião e o público das grandes metrópoles urbanas jogariam pedras na obra e deixariam as salas de exibição às moscas. Ledo engano. *2 Filhos de Francisco* conquistou a crítica por seus valores cinematográficos e ganhou aval de gente de peso. Mas crítica não faz lotar sala de cinema: o que aconteceu com o filme foi, pura e simplesmente, uma resposta inconsciente do público ao cenário desanimador em que o Brasil se encontra. Some-se a isso os inúmeros predicados da obra – a direção; o roteiro de Patrícia Andrade e Carolina Kotscho, que dosa humor e tragédia na medida certa; e um elenco talentoso. Se levarmos em conta sua trajetória até aqui e o próprio espírito do longa, não é delírio sonhar com o Oscar de melhor filme estrangeiro.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

"Zezé, aquele é Jack Nicholson na primeira fila?"

A MARCHA DOS DOCUMENTÁRIOS

Pingüins em busca do acasalamento lideram febre de realismo

"Alguém topa uma cerva?"

Michael Moore tornou-se astro, mas o público estaria interessado apenas em documentários de conteúdo polêmico? O singelo *A Marcha do Imperador* provou que não. O documentário francês sobre os hábitos de migração e gestação do pingüim imperador fez impressionantes 76 milhões de dólares, gerados por um filme que, à primeira vista, parece saído da programação do Animal Planet. Filmado durante quatorze meses na Antártida por uma equipe de quatro homens, *A Marcha do Imperador* tem uma abordagem original, que dá voz aos animais e os humaniza a ponto de conquistar a empatia da platéia.

A Marcha do Imperador foi o destaque do gênero no ano, mas houve opções para todos os gostos: da investida do diretor Werner Herzog em *O Homem-Urso* a olhares sobre o trabalho de 101 humoristas em *The Aristocrats* e a prática de rúgbi por tetraplégicos em *Murderball*. Mas, em 2006, a marcha da polêmica volta ao circuito: Michael Moore promete denúncias sobre o sistema de saúde pública dos EUA em *Sicko*.

O FIM DA ERA MIRAMAX

Caiu o pano para o estúdio que mudou a face do cinema na última década: depois de 26 anos à frente da Miramax, os irmãos Harvey e Bob Weinstein deixaram em setembro o comando da produtora que foi a casa de gente como Quentin Tarantino, Kevin Smith e Steven Soderbergh. O estúdio esteve por trás de dois pilares do êxito comercial do cinema independente: *Sexo, Mentiras e Videotape*, lançado em 1989 como o primeiro sucesso fora dos grandes estúdios, e *Pulp Fiction*, de 1994, que virou a estrutura hollywoodiana de cabeça para baixo. A Miramax continua sendo da Disney, que comprou a empreitada em 1993 por 75 milhões de dólares – seu valor de mercado hoje é de 2 bilhões. Os Weinstein permanecerão no mercado, operando a The Weinstein Co., inaugurada oficialmente com o thriller *Derailed*, estrelado por Clive Owen e Jennifer Aniston.

NINGUÉM FOI AO CINEMA

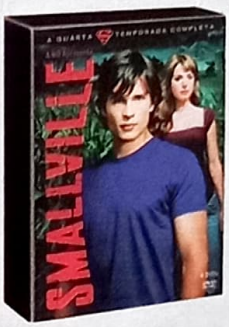
A indústria entrou em recessão com a bilheteria mais morna dos últimos vinte anos. De fevereiro a julho, por dezenove semanas, a arrecadação foi 6 por cento menor que no mesmo período em 2004 – uma perda de 520 milhões de dólares, que não foram recuperados mesmo com o aumento de 3 por cento no preço dos ingressos. Ao todo, a freqüência de público nos cinemas dos EUA caiu 8,7 por cento em comparação com o ano passado. A justificativa mais cínica para esse quadro é culpar a safra cinematográfica de 2005 – mas há mais fatores em jogo: a experiência de ir ao cinema não é mais tão prazerosa quanto antes, preços altos e a janela entre o lançamento no circuito e em DVD ficando cada vez mais curta.

TOP 10 MUNDIAL

** em dólares*

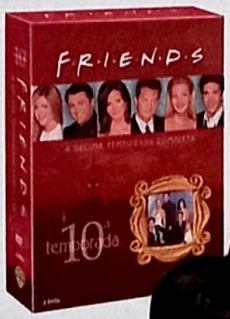
1. *Star Wars: Episódio III – A Vingança dos Sith* 468.148,329
2. *Guerra dos Mundos* 353.607,966
3. *Madagascar* 326.788,262
4. *A Fantástica Fábrica de Chocolate* 252.100
5. *Sr. & Sra. Smith* 240.816,418
6. *O Castelo Animado* 224.045,916
7. *Hitch – Conselheiro Amoroso* 188.604,865
8. *Quarteto Fantástico* 174.363,620
9. *Batman Begins* 166.510,009
10. *Cruzada* 164.274,469

Está aberta a temporada de caça às temporadas.



Smallville
4ª Temporada - 6 DVDs
3x R$ 46,63
no cartão ou
R$ 139,90 à vista

24 Horas
4ª Temporada - 7 DVDs
3x R$ 63,30
no cartão ou
R$ 189,90 à vista



Friends 10ª Temporada
4 DVDs + Maleta
3x R$ 49,97
no cartão ou
R$ 149,90 à vista

Válido de 01/12/05 a 30/12/05, sujeito à disponibilidade de estoque.Estoque mínimo de 10 peças de cada produto. Preços anunciados não incluem o serviço de entrega.

submarino
www.submarino.com.br
Pode imaginar. Aqui tem.

10 MAIORES BILHETERIAS BRASIL - 2005

* em público

1. *2 Filhos de Francisco* 5.213.854
2. *Madagascar* 4.340.779
3. *Os Incríveis* 4.293.723
4. *Quarteto Fantástico* 2.859.904
5. *Guerra dos Mundos* 2.667.191
6. *Constantine* 2.499.894
7. *Batman Begins* 2.360.521
8. *Star Wars: Episódio 3 – A Vingança dos Sith* 2.356.047
9. *Cruzada* 2.322.696
10. *Sr. & Sra. Smith* 2.248.538

MOSTRA DE SÃO PAULO

Sessões disputadíssimas, filas intermináveis e aplausos ao final de cada sessão. Para boa parte do público, conferir a 29ª Mostra BR de Cinema de São Paulo foi uma grande operação de guerra. Pelo menos para as pessoas que não compraram permanentes e tinham de disputar a tapa os ingressos nas bilheterias. Os cerca de 350 filmes – entre longas e curtas – exibidos ao longo dos 14 dias ofereceram de tudo um pouco. Difícil mesmo era conseguir ingresso para conferir produções como *2046* (do chinês Wong Kar-Wai), *Good Night and Good Luck* (dirigido por George Clooney) e até mesmo filmes próximos de sua estréia comercial, como *Marcas da Violência*, de David Cronenberg. Dois filmes brasileiros foram os principais destaques. O longa *Cinema, Aspirinas e Urubus*, de Marcelo Gomes faturou os prêmios de melhor longa de ficção, melhor ator para João Miguel e também melhor filme brasileiro. Já o documentário *Pro Dia Nascer Feliz*, de João Jardim venceu na categoria de melhor documentário e abocanhou os prêmios da Juventude e Bombril. O prêmio de melhor filme estrangeiro foi para *O Mundo* do chinês Jia Zhang-Ke. Já o público preferiu eleger o documentário sueco *Ingmar Bergman Completo: Bergman e o Cinema; Bergman e o Teatro; Bergman e a Ilha de Farö*, de Marie Nyreröd, e a produção dinamarquesa de ficção *Adam's Apples*, de Anders Thomas Jensen.

FESTIVAL DO RIO

A nova cara do cinema brasileiro é destaque em evento prestigiado

A chegada do Festival do Rio sempre deixa o cinéfilo carioca ouriçado. A cada edição, a quantidade de filmes aumenta em doses cavalares: desta vez foram 436 produções (116 a mais que a edição 2004) de sessenta países, exibidas em 24 salas entre o fim de setembro e o início de outubro. Da lista de presença, que prometia nomes como Spike Lee, Brendan Fraser, Gus Van Sant, Danny Glover e Ralph Fiennes, só os dois últimos deram o ar da graça. Se não compareceram em pessoa, ao menos os grandes cineastas se fizeram presentes com a nova safra de obras: Lars von Trier (*Manderlay*), Jim Jarmusch (*Flores Partidas*), Roman Polanski (*Oliver Twist*), Gus Van Sant (*Last Days*), Stephen Frears (*Sra. Henderson Apresenta*), Neil Jordan (*Café da Manhã em Plutão*) e Ang Lee (*Brokeback Mountain*).

Cidade Baixa é premiado no Rio

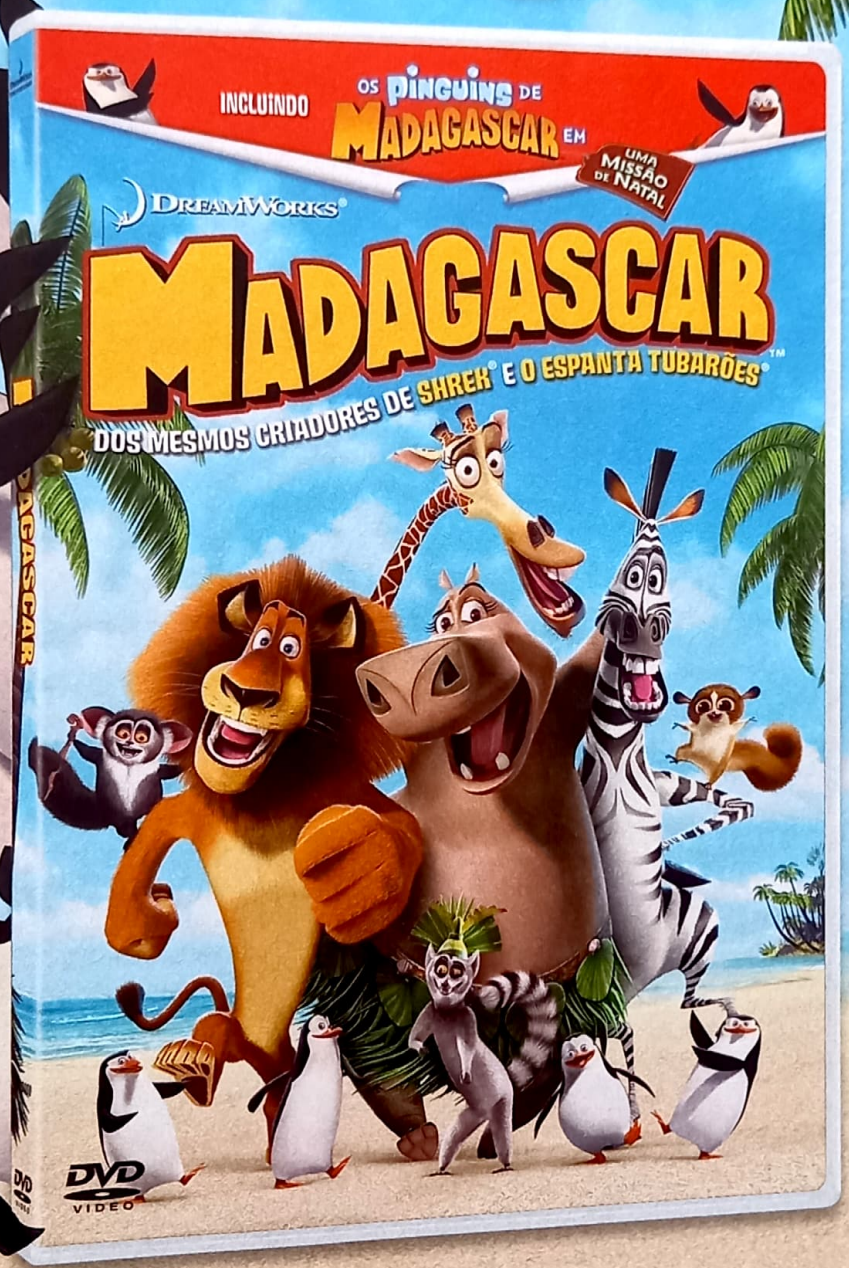
No âmbito nacional, a Première Brasil demonstrou que o cinema verde-e-amarelo está sob os ares da renovação. O júri premiou de maneira igualitária *Cidade Baixa*, de Sérgio Machado, *Cinema, Aspirinas e Urubus*, de Marcelo Gomes, e *Crime Delicado*, de Beto Brant. O primeiro ficou como melhor filme e atriz (para Alice Braga, de *Cidade de Deus*); o segundo ficou com o Prêmio Especial do Júri e de ator para João Miguel. E Beto Brant saiu com o prêmio de direção.

O Festival do Rio 2005 foi palco de encontros inesperados. Um Danny Glover visivelmente movido a caipirinha abraçou Milton Gonçalves e desandou a falar de racismo durante a sessão de gala de *Manderlay*. E presenciamos um histórico cafezinho entre Ivan Cardoso e o diretor espanhol Alex de La Iglesia no Cine Odeon, coração do festival. "Adoro *O Segredo da Múmia*", revelou o diretor de *O Dia da Besta*.

OS PREMIADOS NO FESTIVAL DO RIO 2005

LONGA DE FICÇÃO: *Cidade Baixa*, de Sérgio Machado
LONGA DOCUMENTÁRIO: *500 Almas*, de Joel Pizzini
CURTA: *Curupira*, de Fábio Mendonça e Guilherme Ramalho
DIREÇÃO: Beto Brant, por *Crime Delicado*
ATRIZ: Alice Braga, por *Cidade Baixa*
ATOR: João Miguel, por *Cinema, Aspirinas e Urubus*
PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI: *Cinema, Aspirinas e Urubus*, de Marcelo Gomes
LONGA FICÇÃO VOTO POPULAR: *A Máquina*, de João Falcão
LONGA DOCUMENTÁRIO VOTO POPULAR: *Do Luto à Luta*, de Evaldo Mocarzel
CURTA VOTO POPULAR: *Historietas Assombradas (para Crianças Malcriadas)*, de Victor Hugo Borges

Eles Chegaram!



Em DVD e VHS

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 12 ANOS
CONSUMO DE DROGA LÍCITA

© 2008 DreamWorks Animation LLC. All rights reserved.

Saindo do Armário

O ÉPICO *AS CRÔNICAS DE NÁRNIA – O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA* FILTRA O HORROR DA GUERRA PELO OLHAR DE QUATRO CRIANÇAS – E APRESENTA UM NOVO MUNDO DE FANTASIA NO CINEMA

POR ROBERTO SADOVSKI, DE MARLOW, INGLATERRA

Bombardeiros da Lutfwaffe rasgam os céus de Londres, transformando a capital inglesa num inferno de fogo e destruição. É o auge da Segunda Guerra Mundial, e a força aérea germânica deixa sua marca, despejando bombas e trazendo o terror da guerra ao centro das forças aliadas. Em meio ao caos, a família Pevensie tenta escapar da tragédia: com o pai no front, sua casa em chamas e bombas rasgando o céu, os irmãos Peter, Susan, Edmond e Lucy são jogados no meio do conflito. Sua mãe toma a única decisão possível e os envia, como grande parte das crianças de Londres, para a segurança do interior do país. No caso dos irmãos Pevensie, para a mansão do professor Digory Kirke.

Ok, a esta altura você pode se perguntar onde estão os faunos, as feiticeiras e o mundo mágico além do armário do épico juvenil *As Crônicas de Nárnia – O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, que chega aos cinemas com a dificílima missão de ocupar o vácuo deixado desde que Frodo se livrou do Um Anel na Montanha da Perdição. "Claro que a gente ia chegar a Nárnia", brinca o diretor Andrew Adamson, responsável por traduzir em celulóide o primeiro livro da série criada por C.S. Lewis há quase seis décadas. "Mas eu desejava expandir um pouco o prólogo, queria mostrar que as crianças, na vida real, também corriam perigo. E que nem sempre uma fuga para um mundo de fantasia é gratuita."

Se existe um assunto do qual Adamson entende, é fantasia. Com a assinatura dos dois *Shrek* no currículo, o diretor foi escolhido para adaptar *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* a dedo pela Disney e pela Walden Media – que bancaram a conta de 150 milhões de dólares do projeto – e por Douglas Gresham, enteado de C.S. Lewis, guardião da chama da obra de seu padrasto e coprodutor do filme. Claro que toda a ironia pós-moderna das aventuras do ogro verde teria de ser defenestrada – em seu lugar, fidelidade absoluta ao texto de Lewis, mas sem permitir que o longa fosse uma obra independente, contextualizada e nunca datada. Sobrou para Adamson o trabalho gigantesco de não deixar que os fãs de *As Crônicas de Nárnia* – tão fervorosos quanto os de... bom, você sabe – o acusassem de mutilar seu livro de cabeceira.

A GUERRA NO ARMÁRIO

A culpa é mesmo de Peter Jackson. Se ele não tivesse feito a obra-prima *O Senhor dos Anéis*, não estaríamos sofrendo de abstinência por falta de uma dose anual de fantasia épica. É até possível argumentar que *Harry Potter* funciona como alternativa, mas a série baseada nos livros de J.K. Rowling ainda peca por certa falta de... quilometragem. Ainda bem que não é só do lado de cá da máquina hollywoodiana que sentimos os efeitos dessa abstinência: quando o tilintar dos cofrinhos da New Line com a receita de *A Sociedade do Anel* mostrou aos executivos da indústria que havia uma sede imensurável por magos, monstros e mundos mágicos, a busca pelo "próximo Senhor dos Anéis" começou.

As Crônicas de Nárnia, sete contos que seu próprio autor, C.S. Lewis, referia-se como "meus livros para crianças", surgiram como alternativa natural para capitalizar em cima do sucesso de Frodo, Gandalf e cia.: no "Manual do Blockbuster", se uma fórmula funciona, corra para produzir mais um genérico. Na prática a equação é, curiosamente, reversa. Os livros de Lewis não só foram publicados antes do épico de Tolkien, como este só editou *O Hobbit* – que começou a saga do Um Anel – com uma mãozinha de Lewis, que era um de seus melhores amigos. Para que *Nárnia* fosse traduzido a contento, faltava apenas a tecnologia alcançar o refino capaz de criar com realismo um mundo habitado por animais falantes e outras criaturas mitológicas (uma versão para a BBC londrina do final dos anos 80 é a prova de que nem sempre boa vontade resulta em bons filmes) e um cineasta com a paixão necessária para materializá-lo – no caso, Andrew Adamson.

"Como provavelmente a única pessoa nativa da língua inglesa que nunca leu *As Crônicas de Nárnia*, confesso que fiquei intrigada com a visão de Andrew", diz Tilda Swinton, dona do manto de Jade, a Feiticeira Branca que governa esse mundo com mão de ferro. "Li o livro quando já estava envolvida no projeto, e enxerguei uma metáfora não só sobre as responsabilidades que uma criança pode ter, mas também acerca de como elas lidaram com a guerra." Em sua visão, Jade também significa o que os pequenos mais temem: "Eu sei que crianças se impõem ante a raiva, e gritos não são tão efetivos. Mas a Feiticeira Branca aterroriza usando sua frieza, ela é calculista – nenhuma criança sabe reagir a isso." >>

Tilda como a Feiticeira Branca: governo com mão de ferro

Segunda Guerra: fugindo para o interior do país

Faces de Nárnia

LUCY (Georgie Henley) A caçula dos irmãos Pevensie, é ela quem descobre a passagem para Nárnia e faz amizade com o fauno, sr. Tumnus. Mas quem acredita nela?

PETER (William Moseley) O mais velho dos Pevensie assume rapidamente a posição paterna – é mandão e acha que está sempre certo. Mas também é o primeiro a perceber seu papel no conflito e seu destino em Nárnia.

EDMUNDO (Skandar Keynes) Como os outros, ele duvida de Lucy, mas termina por fazer uma visita solitária a Nárnia, onde é seduzido por Jade. Será que ele vai trair seus irmãos por... doce?

SUSAN (Anna Popplewell) Sempre lógica e racional, Susan tem de aprender que, às vezes, agir com os instintos não só é preferível, como pode salvar vidas!

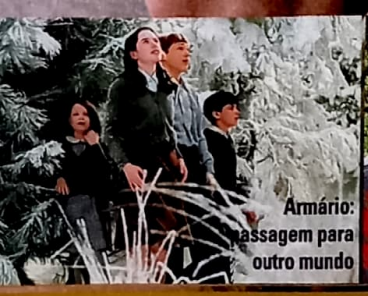
JADIS, A FEITICEIRA BRANCA (Tilda Swinton) Auto-intitulada "Rainha de Nárnia", Jade domina esse mundo com sua magia e com a ajuda das criaturas mais sombrias – mas o fim do inverno de 100 anos lhe mostra que seu reinado pode também estar por um fio.

ASLAN (voz de Liam Neeson) O verdadeiro senhor de Nárnia, o leão Aslan retorna com a chegada dos "dois filhos de Adão, duas filhas de Eva" para livrar sua terra do Mal – custe o que custar.

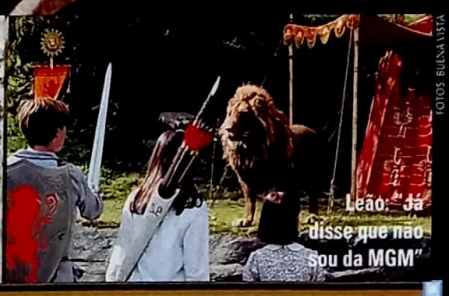
SR. TUMNUS (James McAvoy) Como todas as criaturas de Nárnia, o fauno Tumnus é obrigado a reportar a Jade a chegada de humanos a seu reino – mas reencontra sua bondade ao conhecer Lucy.

SR. E SRA. CASTOR (vozes de Ray Winstone e Dawn French) Os guias dos irmãos Pevensie em Nárnia também lhe revelam a profecia da chegada de Aslan e seu destino como governantes daquele mundo mágico.

PROFESSOR DIGORY KIRKE (Jim Broadbent) É em sua mansão que as crianças encontram o portal para Nárnia. Mas será que o sábio professor conhece todos os seus segredos?



Armário: passagem para outro mundo



Leão: "Já disse que não sou da MGM"

FOTOS BUENA VISTA

O que vem por aí...

Presentes do Velho Batuta

Minotauro e seus amigos: viagem fantástica

FOTOS: BUENA VISTA

A literatura infanto-juvenil vai dar pano para manga no cinema em 2006. Guerreiros, feiticeiras e jovens heróis irão pular das páginas para a telona em produções baseadas tanto em best-sellers como *Eragon* e até em textos clássicos – caso do poema do século 8, *Beowulf*.

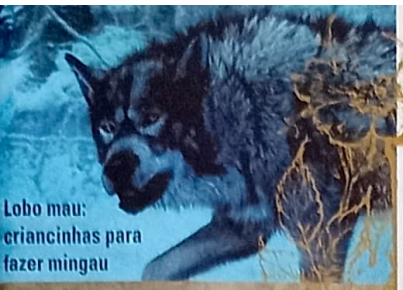
Nanny McPhee, com roteiro de Emma Thompson baseado nos livros de Christianna Brand, conta as peripécias de uma governanta (a própria Emma Thompson) que usa de magia para cuidar de sete crianças endiabradas. No elenco estão Colin Firth, Derek Jacobi e Imelda Stauton (que acabou de assinar contrato para ser a vilã de *Harry Potter e a Ordem da Fênix*).

Magia é também o que une os protagonistas de *Eragon*, *Arthur e os Minimoys* e *A Bússola Dourada*. *Eragon* narra a história de um menino e seu amigo dragão, que juntos tentam salvar seu mundo das forças do mal. O filme tem direção de Stefen Fangmeier, supervisor de efeitos visuais de *Desventuras em Série*, e tem Jeremy Irons, John Malkovich e Robert Carlyle.

Arthur e os Minimoys é uma animação computadorizada dirigida por Luc Besson, baseado em seu livro infantil homônimo. Madonna e Freddie Highmore (*A Fantástica Fábrica de Chocolate*) emprestam suas vozes à odisséia de um garoto em busca de um tesouro. *A Bússola Dourada* fala de uma menina que descobre um mundo mágico ao tentar achar um amigo desaparecido. Por enquanto a produção conta somente com um diretor: Anand Tucker, de *Hilary e Jackie*.

Outro filme que ainda não saiu do papel é a adaptação da série *Artemis Fowl*, o concorrente (com muitas voltas de distância) de Harry Potter. Até agora a vida do gênio do crime de 12 anos ainda está em fase de roteirização. É um contraste com *Beowulf*, dirigido por Robert Zemeckis, que está encerrando suas filmagens. É o segundo filme do cineasta baseado na "captura de performance" vista no seu *O Expresso Polar*. Ray Winstone é o guerreiro escandinavo que tem de livrar sua terra do monstro Grendel (Crispin Glover). O cineasta Roger Avary e o quadrinista Neil Gaiman (*Sandman*) assinam o roteiro.

André Gordirro



Lobo mau: criancinhas para fazer mingau

Aventura medieval: combates

CEM ANOS DE FRIO

É o final de setembro de 2004, e no set de *As Crônicas de Nárnia*, na Nova Zelândia, os quatro atores mirins reagem a justamente outra coisa: à ação da natureza. Enquanto a temperatura cai de uma brisa gelada para um frio mais e mais intenso, em um dos galpões que contêm os gigantescos sets do filme o calor é intenso. Curiosamente, é o mesmo galpão que abriga uma floresta congelada que cerca a toca do sr. e sra. Castor, guia dos irmãos em Nárnia. "Eu lembro que estava derretendo embaixo daquele casaco de pele", conta Georgie Henley, 10 anos, que interpreta a caçula Lucy. É ela quem primeiro descobre a passagem para o mundo gelado ao entrar num imponente guarda-roupa em um dos quartos da mansão do professor – e que desperta no fauno sr. Tumnus (James McAvoy) o calor de uma amizade que ele não sentira há um século. Claro que seus irmãos não acreditam em sua história, mas não demora para que Peter (William Mosely, sempre preocupado em substituir a figura de seu pai), Susan (Anna Popplewell, a porção lógica do quarteto) e Edmund (Skandar Keynes, como o mais humano dos quatro) estejam não só em Nárnia, como também no centro de uma profecia que trará de volta o senhor daquela terra, Aslan, e terminará com o jugo de Jade.

"Bem-vindos a *King Kong*", brinca o supervisor de efeitos especiais Howard Berger, da K.N.B. EFX, pouco antes de apresentar o leão Aslan – ou, pelo menos parte dele – em uma de suas oficinas no set da produção. "Construí três modelos dele, mas a gente só vai saber como Aslan será em definitivo quando as criaturas animatrônicas se fundirem com o leão digital", continua Berger, acrescentando que o personagem só ficará mesmo completo ao ganhar sua voz – Liam Neeson foi escolhido depois de Brian Cox (*X-Men 2*) não alcançar o efeito pretendido pelo diretor. Mas Aslan é só parte do trabalho da equipe de Berger: ao contrário do livro, que sugere uma batalha entre as forças do Bem e o exército de Jade, Andrew Adamson decidiu ir a campo e encenar uma batalha feroz. "Eu precisava pensar como um filme, e um filme necessita desses momentos mais emotivos", justifica.

Para tal, ele recrutou Richard Taylor e a Weta, responsáveis pela trilogia *O Senhor dos Anéis*, para confeccionar os armamentos e as armaduras dos dois exércitos – já o design das três dezenas de criaturas ficou a cargo do time de Howard Berger, que trabalha com Taylor há quinze anos. Toda a equipe se deslocou para as ilhas ao sul da Nova Zelândia (evitando qualquer locação usada anteriormente por Peter Jackson) para rodar o confronto – o que incluía os irmãos Pevensie, de armas em punho para defender uma causa. "No mundo de hoje pode parecer um exagero crianças numa guerra – pelo menos no mundo ocidental", ressalta Tilda Swinton. "Existe uma nova geração que nunca viu a guerra de perto, mas quando *Nárnia* foi lançado era uma realidade bem próxima... Na verdade, ela só é distante da gente, mas está viva em outras parte do planeta. Engraçado como as coisas só mudam de posição geográfica depois de sessenta anos."

MENINAS E ARMAS

Encenar batalhas e acrescentar um prólogo foi a parte fácil do trabalho de Adamson ao lado dos herdeiros de Lewis. Difícil foi convencê-los de que, em alguns aspectos, o texto original precisava de uma boa pitada de "século 21". "Foi Anna Popplewell quem me perguntou se o filme teria uma dose de girl power", lembra Adamson. "E eu disse, 'não tenha dúvidas'. Mas a verdade é que o livro, de certa forma, é extremamente machista – e, depois de fazer dois filmes exaltando a força e a independência da mulher, eu não poderia dar um passo atrás." O diretor refere-se ao tratamento dedicado às irmãs Susan e Lucy que, mesmo em meio ao caos e à guerra, foram relegadas a um papel secundário no momento mais crítico.

"Na cena em que o Papai Noel entrega as armas para os Pevensie, ele dizia às meninas que guerras ficam muito feias quando mulheres se metem", continua. "Eu argumentei com Douglas que não era possível manter a frase. O que era aceitável há sessenta anos hoje se torna risível: quer dizer que elas ganham armas de presente, mas tem de se esconder atrás dos irmãos?" Depois de muita discussão, Gresham concordou que não seria inadequado que elas tivessem um papel mais ativo – e a frase do "Bom Velhinho" foi alterada para "guerras são um negócio feio". "Se Susan usa o seu arco-e-flecha? Pode apostar!", brinca. O curioso é que, no mundo de *As Crônicas de Nárnia*, quem menos se importou com "a força da mulher" foi justamente Tilda Swinton. "Eu não sou humana, sou a Encarnação do Mal", define. "Jade não pode ser seduzida, influenciada ou manipulada: ou ela é, ou não é. E, preciso confessar, nada dá mais liberdade do que um papel assim. Dá para ir a qualquer lugar." Brrr...•

O Do

A frase que o neozelandês Andrew Adamson mais ouviu durante o último par de anos foi que, com *As Crônicas de Nárnia*, ele "finalmente estava dirigindo um filme com gente de verdade". Sua resposta? "Acho que Mike Myers deve achar engraçado quando ninguém acredita que ele é real." Mas a verdade é que o desafio de abandonar as aventuras digitais do ogro Shrek para assumir o comando de uma das produções mais ambiciosas do ano também colocou Adamson sob os holofotes de uma maneira que ele não havia experimentado nem em 2004, quando *Shrek 2* tornou-se a sexta maior bilheteria da história do cinema mundial. Relaxado e muitíssimo bem humorado, Adamson recebeu SET em um castelo no interior da Inglaterra para falar sobre como ele transportou o mundo de C.S. Lewis descrito em *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa* para o cinema. Nada como caprichar na ambientação...

Por que ser tão fiel ao livro de C.S. Lewis?

A resposta lógica é que eu cresci com a história original, sem fui apaixonado por ela. E também era algo que os herdeiros de Lewis e o estúdio queriam. E era o que eu queria. Já havia visto outras tentativas de adaptar este livro que não foram fiéis e isso sempre me decepcionou.

Você leu *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa* quando tinha 6, 7 anos...

Oito anos. Eu não era tão adiantado assim. (*risos*)

E o que mais te impressionou na época?

Algumas imagens ficam gravadas na imaginação, na memória, como um fauno em meio à neve segurando um guarda-chuva. O que mais me marcou foi mesmo a idéia de cruzar um portal e chegar em uma terra mágica. Em retrospecto, como adulto eu acredito que é uma história sobre nossa força para superar obstáculos. Essas crianças são tratadas como reis e rainhas de Nárnia, elas têm responsabilidades. Isso deixa as crianças numa posição de poder que é incomum.

FOTOS: BUENA VISTA

Algumas crianças querem ser tratadas

Algumas crianças querem ser tratadas como adultos. Estas foram tratadas como reis e rainhas... E eles ganharam espadas! (*risos*)

Como presente do Papai Noel...

É, ele é um traficante de armas. (*gargalhadas*)

Nesta época do politicamente correto, em algum momento você hesitou em usar casacos de pele?

Ah, queria que você nunca tivesse feito essa

mador de Leões

Por Roberto Sadovski

pergunta... (*risos*) Bom, eu pensei nisso, e garanto que os casacos foram adquiridos dos lugares certos. Mas queria ver como os castores reagiriam a isso. Eu cheguei a tirar uma frase do filme, quando a Sra. Castor dizia para Susan, "Belo casaco". Mas soou tão errado!

Até que ponto chegava a influência dos herdeiros de C.S. Lewis?

Douglas Gresham, seu enteado, foi co-produtor do filme. Ele tinha uma voz muito ativa, e felizmente concordamos na maioria dos detalhes. Nunca chegamos a brigar. Desde o começo eu deixei claro que filme queria fazer, e Doug esteve muito presente quando tínhamos de alterar alguma coisa, para não deixar que ficasse longe do caminho original imaginado por Lewis.

Depois de dirigir os dois *Shrek*, fazer um filme live action foi mais difícil no sentido de você perder o controle de cada reação de seus atores?

Olha, o mais legal é que as pessoas fazem as coisas automaticamente – eu nunca tive de mandar um ator piscar. (*risos*) Mas Tilda foi engraçada, ela diz que foi a primeira humana que eu comandei. Além de uma atriz intuitiva, ela também pode ser muito técnica. Um dia ela perguntou se podia mover a sobrancelha de um modo determinado em certa cena, e eu encarei como uma animação, "Claro, você pode fazer bem em cima da terceira palavra". E, quer saber? Ela podia. (*risos*) Mas a grande diferença é que, em live action, você coloca todos os atores em um ambiente, arruma o cenário, coloca armas nas mãos de cada um, e eles se sentem naquele ambiente, sentem-se nobres.

O que fez a escolha da voz de Aslan tão difícil?

Foi um processo demorado. Primeiro, seria a voz de um leão, então teria de ser uma voz grave. E é um personagem complexo, o livro tem uma frase que diz "Ele não é um leão domado". Eu queria deixá-lo mais humano, mais vulnerável, mas sem perder a majestade. Também procurava um senso de humor e queria descobrir como Aslan seria em seus dias de folga. (*risos*) Sabe, ele não pode ser o Rei do Mundo o tempo todo, tem de parar para ver TV. Liam Neeson trouxe todas essas qualidades, o espírito de liderança aliado a uma certa ternura e também o bom humor. E ele é um Cavaleiro Jedi, o que não atrapalha. (*risos*)

Existe, principalmente nos Estados Unidos, uma tendência a classificar *As Crônicas de Nárnia* como um filme cristão. Foi algo que você tentou ignorar, como vou trabalhar com isso?

Eu não tenho o menor problema com isso. Os livros de C.S. Lewis dão margem a diferentes interpretações, e essa certamente é uma delas. Depende da crença de cada pessoa. E todos são livres para dar a interpretação que lhe for mais conveniente, como o fizeram com *Matrix*, ou *Star Wars*, ou *O Senhor dos Anéis*. Todos são histórias que lidam com sacrifício e ressurreição. Se você leu *Nárnia* como uma aventura infantil, provavelmente é assim que você vai enxergar o filme.

O livro também deixa muito espaço para a imaginação, sem ser extremamente descritivo – o que não pode necessariamente acontecer com um filme. Como você preencheu estes espaços?

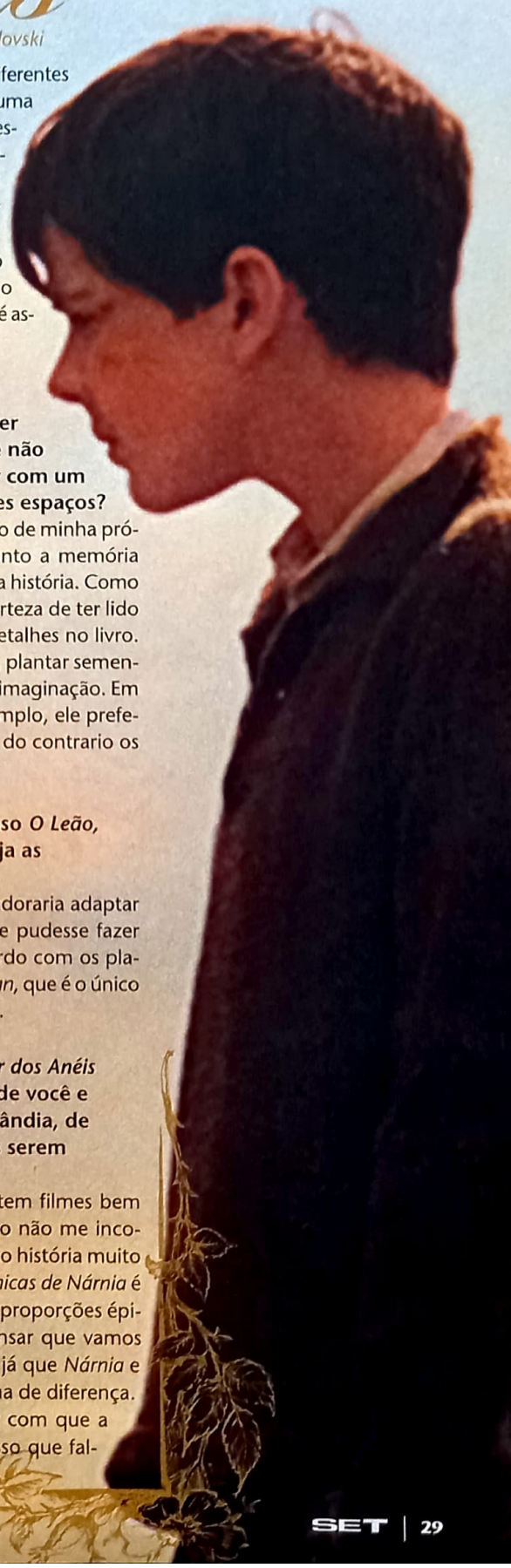
Um pouco de pesquisa, um pouco de minha própria experiência. Eu queria fazer tanto a memória que eu tinha do livro quanto a própria história. Como as cenas de batalha, que eu tinha certeza de ter lido aos 8 anos e elas não existem em detalhes no livro. Essa era a maior habilidade de Lewis, plantar sementes que germinavam em sua própria imaginação. Em vez de descrever a batalha, por exemplo, ele preferia dizer que não podia descrevê-la, do contrario os pais não deixariam as crianças ler.

Você voltaria a esse mundo caso *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa* atinja as expectativas?

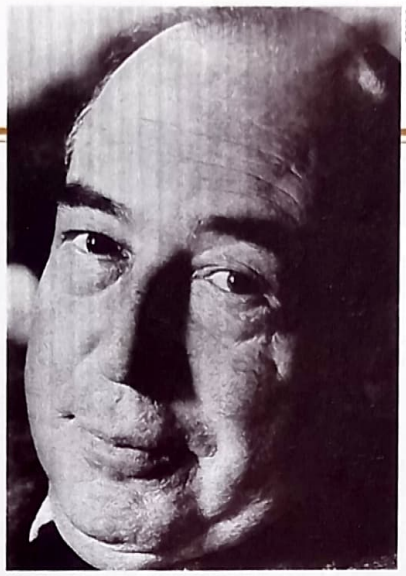
Eu tenho certeza que o estúdio adoraria adaptar os outros livros, mas eu duvido que pudesse fazer todos. (*risos*) Se tudo correr de acordo com os planos, o próximo seria *O Príncipe Caspian*, que é o único que traz as quatro crianças de volta.

As comparações com *O Senhor dos Anéis* chegam a te incomodar? O fato de você e Peter Jackson serem da Nova Zelândia, de terem filmado lá, Tolkien e Lewis serem contemporâneos...

É inevitável, e eu acho que existem filmes bem piores para uma comparação, então não me incomoda nem um pouco. (*risos*) Mas são história muito diferentes, o tom, a jornada. *As Crônicas de Nárnia* é basicamente um drama familiar em proporções épicas. Sem falar que eu gosto de pensar que vamos ajudar um ao outro nas bilheterias, já que *Nárnia* e *King Kong* estréiam com uma semana de diferença. Eu acredito que um bom filme faz com que a platéia volte para o cinema. E foi isso que faltou neste ano. Bons filmes.•



A Fé e
a Fantasia



CORBIS

C.S. LEWIS, AUTOR DE *AS CRÔNICAS DE NÁRNIA*, DIVULGOU O CRISTIANISMO COM SUA OBRA E INSPIROU O AMIGO J.R.R. TOLKIEN A TERMINAR A SAGA DO ANEL

POR SUZANA UCHÔA ITIBERÊ

O irlandês C.S. Lewis é conhecido como "o apóstolo dos céticos". Ele nasceu no cerne de uma família protestante de Belfast e foi ateu por um largo período de sua vida. Mas entrou para a história como o porta-voz não oficial do cristianismo, que divulgou com veemência através de livros e palestras transmitidas pelo rádio. Seu conversor foi ninguém menos que J.R.R. Tolkien, o autor de *O Senhor dos Anéis*. Eles foram grandes amigos, faziam parte de um clube literário chamado Inklings e foi durante esses encontros que Lewis se deixou impregnar pelo fervor com que o católico colega defendia sua religião.

Em 1948, Lewis já havia conquistado re-nome como poeta, filósofo, escritor, professor e crítico literário, e ainda gozava de prestígio como apologista cristão. Sua retórica, porém, foi contestada durante um debate público com a filósofa Elizabeth Anscombe. Discutiam o último livro dele, *Milagres*, e a defesa apaixonada de suas crenças foi demolida por Elizabeth, também católica devota, mas crítica dos argumentos usados no ensaio. Lewis ficou profundamente deprimido e chegou a questionar a validade de seu trabalho. Foi nessa época que começou a buscar uma nova forma de expressar seus pensamentos. Ao se voltar para a literatura medieval e renascentista, ele encontrou nas alegorias e na mitologia a essência de Nárnia, uma terra mágica onde criaturas fantásticas travam épicas batalhas entre o bem e o mal.

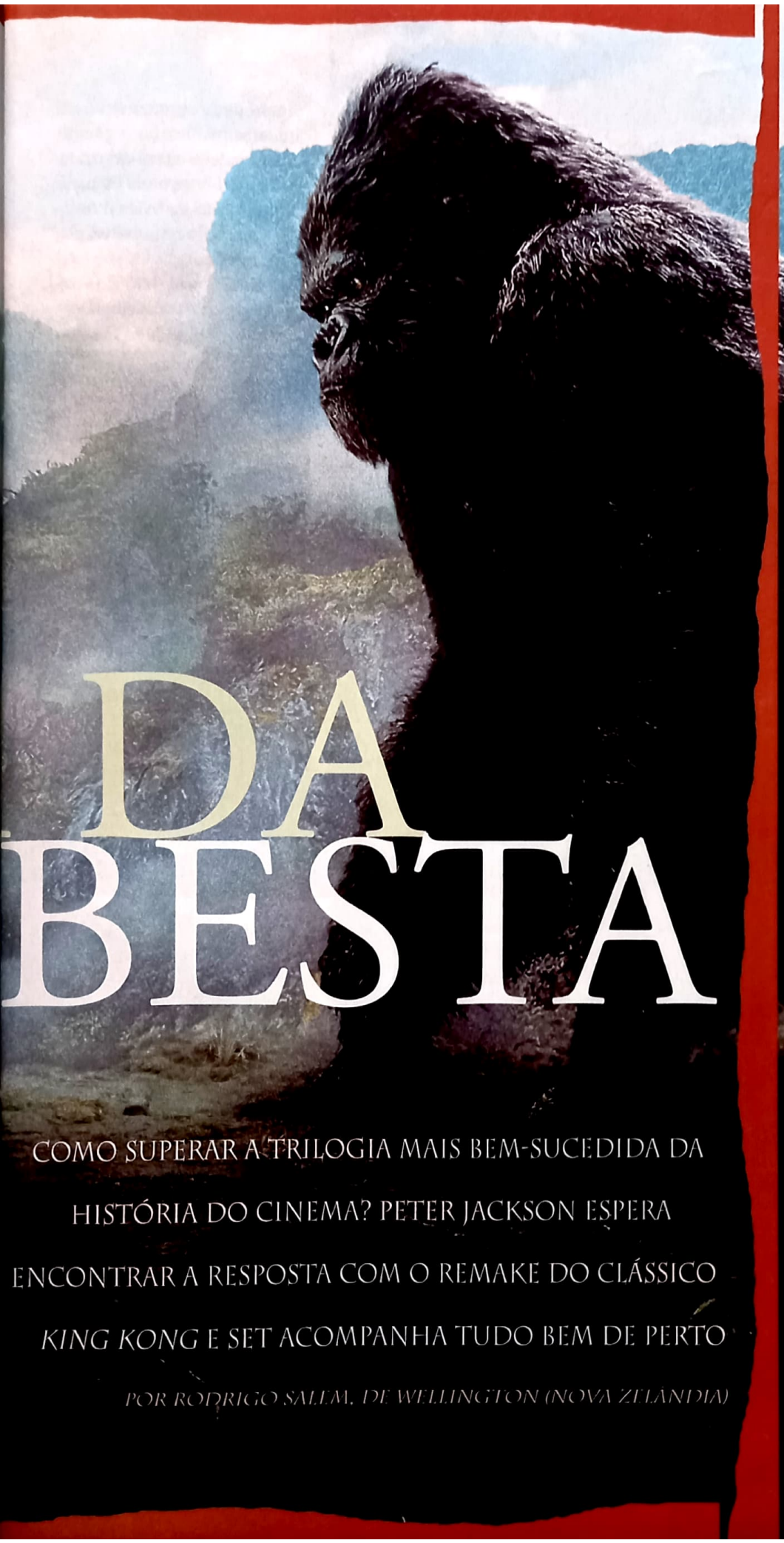
Lançado em 1950, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* foi o primeiro da série de sete livros que formam *As Crônicas de Nárnia*. Esse reino habitado por bruxas, anões e animais falantes foi recebido como o mais explícito proselitismo cristão. Afinal, o que é o leão Aslan senão uma alegoria de Cristo? Para as crianças, no entanto, aquela era uma aventura extraordinária que merecia ser lida, e o foi com avidez. Lewis escreveu mais seis episódios: *O Sobrinho do Mago*, *O Cavalo e Seu Menino*, *Príncipe Caspian*, *A Viagem do Peregrino da Alvorada*, *A Cadeira de Prata* e *A Última Batalha*. Alguém aí pensou nos sete volumes de *Harry Potter* ou na Terra-Média, que surgiu quatro anos depois na saga de *O Senhor dos Anéis*? Pois foi o sucesso de Lewis que estimulou Tolkien a lançar seu admirável mundo mágico. Quanto a J.K. Rowling, a "mãe" do aprendiz de feiticeiro sempre citou o autor como um de seus preferidos.

TRILOGIA ESPACIAL

Clive Staples Lewis, ou simplesmente Jack (apelido que ele mesmo se deu por gostar da sonoridade), cresceu em meio aos livros da seleta biblioteca particular da família. Ele e Warren, o irmão mais velho, passavam quase todo o tempo lendo. Lewis adorava os animais falantes das histórias de Beatrix Potter, autora de *The Tale of Peter Rabbit*. A infância feliz foi interrompida aos 10 anos com a morte de sua mãe, em 1908. A relação com o pai, que já era distante, tornou-se inexistente quando ele e o irmão deixaram a Irlanda para estudar na Inglaterra. Lewis foi um adolescente amante da música de Wagner e estudioso da mitologia nórdica. Em 1917, abandonou a University College, em Oxford, e se alistou no Exército. Sua participação na Primeira Guerra começou no Vale de Somme, na França. Um ferimento o afastou do front e a dispensa veio em 1918. A experiência em combate originou *Death in Battle*, publicado no jornal inglês *Reveille* e o primeiro de seus textos a sair em um veículo que não as revistas escolares. Ele terminou os estudos com honras, e em 1925 foi contratado como professor de Literatura e Inglês no Magdalen College, em Oxford, onde ficou por 29 anos até se transferir para Cambridge.

Lewis escreveu 38 livros entre obras teóricas, poesias e ficção. Existe até uma trilogia espacial, fruto de sua breve incursão pela ficção científica. São mais de 200 milhões de cópias vendidas pelo mundo (*As Crônicas de Nárnia* respondem por cerca de 85 milhões desse número), além da tradução em trinta idiomas. Em 1993, ele foi retratado por Anthony Hopkins no filme *Terra das Sombras*, que narra o casamento de quatro anos com Joy Gresham (Debra Winger), poetisa e mãe de dois meninos, morta de câncer em 1960, aos 45 anos. Douglas Gresham, filho da primeira união dela e adotado pelo escritor, assina a produção executiva da versão de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* para o cinema. Lewis ficou arrasado com a viuvez e expressou a tristeza em *Um Sofrimento Observado*, mas não agüentou por muito tempo. Morreu a uma semana de completar 65 anos, em 22 de novembro de 1963, mesmo dia em que o presidente John F. Kennedy foi assassinado em Dallas. Lewis pode ter saído na frente de Tolkien quando lançou suas *Crônicas*, mas a obra do amigo ganhou a corrida às telas com a suntuosa trilogia de Peter Jackson. O autor, no entanto, deve conquistar uma nova legião de fãs após esta bem-vinda retomada de sua obra. •

A
HORA



DA BESTA

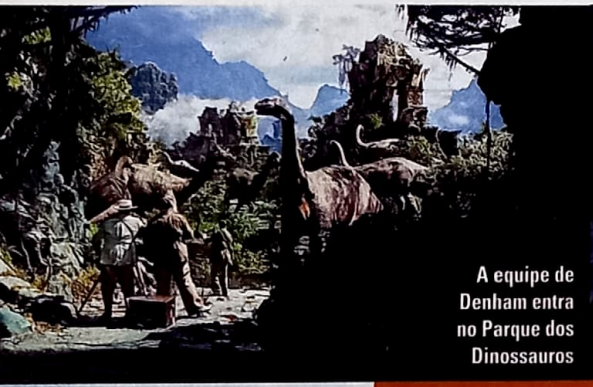
COMO SUPERAR A TRILOGIA MAIS BEM-SUCEDIDA DA HISTÓRIA DO CINEMA? PETER JACKSON ESPERA ENCONTRAR A RESPOSTA COM O REMAKE DO CLÁSSICO *KING KONG* E SET ACOMPANHA TUDO BEM DE PERTO

POR RODRIGO SALEM, DE WELLINGTON (NOVA ZELÂNDIA)

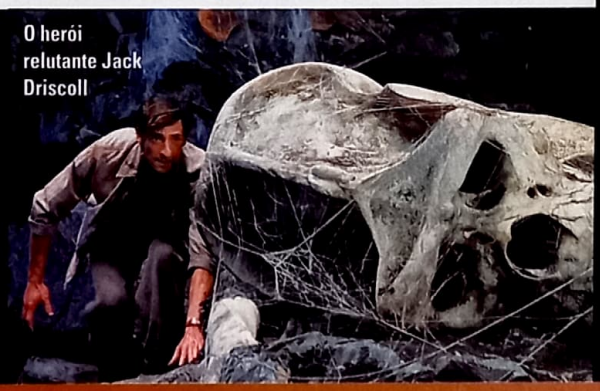
Sábado de sol na Nova Zelândia. Um gordinho usa maquetes de papelão para recriar a Nova York dos anos 30 num canto do quintal, enquanto o outro lado abriga um monte de papel machê pintado de negro, a representação da famosa Ilha da Caveira. No centro, uma ameaçadora armação de borracha. Mas, atrás da câmera Super 8, o rechonchudo cineasta sente que algo está faltando: aquilo era King Kong, o astro do filme, mas onde estava sua pelagem abundante? Para resolver o problema, ele recorre a sua mãe, dona de um exuberante casaco de peles. "Não, Peter, você não pode cortar meu casaco!", responde Joan Jackson. Estava encerrada a primeira tentativa de Peter Jackson de trazer *King Kong* à vida. Trinta e cinco anos depois, as coisas mudaram um pouco. O pequeno cineasta tornou-se um dos diretores mais prestigiados do planeta com a transposição do épico *O Senhor dos Anéis*, que ganhou dezessete Oscar e rendeu cerca de 2,9 bilhões ao redor do mundo. Outra vez comandando o remake de seu longa preferido de infância, Jackson trocou o casaco de peles por um macaco gigante digital, a câmera caseira por três aparelhos de alta definição e o papel machê por um set de filmagens estonteante e enorme, situado nas entranhas do Monte Crawford, em Wellington. O sonho finalmente se tornou realidade.

Mas, por pouco, esse sonho não se tornou um pesadelo. Obcecado em refazer o clássico de Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack, Peter Jackson conseguiu convencer a Universal a bancar a produção em 1996. Sem nenhum arrasa-quarteirão no currículo, o diretor e sua equipe da Nova Zelândia começaram a trabalhar no projeto, porém sem a menor segurança. "Já estávamos há seis meses em pré-produção e mesmo assim ainda sentíamos uma grande quantidade de incertezas vinda do estúdio", lembra Richard Taylor, dono da Weta Workshop (empresa responsável pelas maquetes, uniformes e arte conceitual), sentando à mesa de recepção da companhia, ro-

O REMAKE DEVERIA TER SAÍDO HÁ NOVE ANOS, MAS A DESCONFIANÇA DO ESTÚDIO PÔS TUDO A PERDER



A equipe de Denham entra no Parque dos Dinossauros



O herói relutante Jack Driscoll

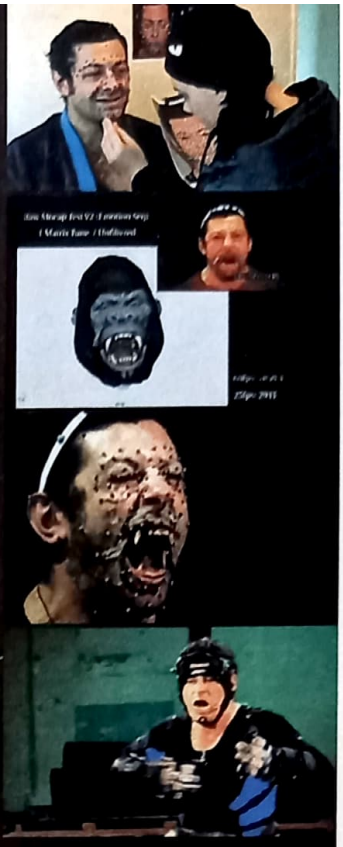
Jack Black incorpora Orson Welles

deado de prêmios e esculturas. O pressentimento de Taylor foi confirmado quatro semanas depois. Talvez movido pelo fracasso de *Os Espíritos*, primeiro grande filme de Jackson em Hollywood, o estúdio cancelou o remake. "Foi de cortar o coração", revela Taylor, que esculpiu uma estátua de Kong lutando contra dois dinossauros tão sensacional que foi colocada em exibição na Universal. "Na sua sutileza neozelandesa, Peter pediu a estátua de volta." Hoje, ela é a principal atração da entrada dos escritórios Weta, no bairro de Miramar – conhecido por Jacksonville.

O impacto do cancelamento foi grande na época. Hoje, porém, é visto como um mal que veio para o bem. Se não fosse pela recusa da Universal, a mesma equipe não teria feito um(ns) pequeno(s) filme(s) chamado(s) *O Senhor dos Anéis*. "Refleti muito na época e, no final, acho que foi o melhor, porque não estávamos preparados para fazer justiça à incrível história e ao filme original que é *King Kong*", conforma-se Richard Taylor, ganhando o apoio do amigo e chefe. "Era um roteiro um pouco bobo, cheio de frases de efeito, ao velho estilo de Hollywood", recorda Peter Jackson. "*O Senhor dos Anéis* nos ensinou que a fantasia é mais bem contada quando feita de modo realista. Não sabíamos>>

O MACACO ESTÁ CERTO

Andy Serkis, o homem por trás de Gollum, procura a fera interior ao viver (!) King Kong



Macacos são animais bacanas. Mas há um problema básico: eles não sabem interpretar – bem, pelo menos não é em nível superior ao de Jean Claude Van Damme e Arnold Schwarzenegger. Melhor para Peter Jackson, que preferiu confiar a tarefa de dar vida ao gorila definitivo dos cinemas a Andy Serkis, o homem responsável por transformar Gollum numa das criaturas mais icônica dos últimos anos. A missão não era fácil. Primeiro, Kong – ao contrário do ser de *O Senhor dos Anéis* – é uma besta gigantesca. Em segundo lugar, as dificuldades em representar um animal existente são mais desafiadoras, já que um tropeço pode matar toda a magia para o espectador.

Serkis tem uma bela noção de todos esses entraves e, por isso mesmo, dedicou-se ao papel com uma obsessão digna de um Robert De Niro no auge. O ator britânico passou quase um mês visitando o zoológico de Londres para capturar o movimento corpóreo dos gorilas silverbacks (raça que serve de base para Kong) e ganhou permissão de órgãos oficiais para passar quatro horas diárias por três dias seguidos com os símios numa reserva florestal em Ruanda. "Turistas pagam muito caro para poder ver os gorilas por uma horinha", diz, em entrevista exclusiva. "Eu tive muita sorte em poder passar tanto tempo os observando. Não podíamos passar dos sete metros de distância, mas ninguém avisava isso aos animais", brinca. "Na verdade, eles são pacíficos. Eles apenas se defendem violentamente. Kong pode ser muito selvagem se atacado", adianta.

Toda a convivência com os gorilas vem da vontade do ator em injetar o máximo de realismo possível a sua criatura. "Quando *King Kong* foi lançado, em 1933, as pessoas não sabiam nada sobre psicologia ou comportamento dos gorilas. Eles só foram descobertos no fim do século 19, quando atiravam neles ou os colocavam em gaiolas apertadas para exibi-los como aberrações", explica. "Para se ter uma idéia, no original, Kong era um bípede. Hoje, sabemos que os gorilas são quadrúpedes e que para ficar sobre dois pés, muito esforço é exigido. Eles não fecham os punhos e batem no peito. Isso é bobagem. Eles inflam o peitoral e curvam as mãos e batem com elas 17 vezes por segundo." Espere um momento: quer dizer que não vamos assistir à cena clássica de Kong anunciando sua imponência com os punhos socando os peitos com toda a força? "É uma questão de acertamos o equilíbrio entre o comportamento do gorila verdadeiro e o comportamento do gorila do filme. Se formos realistas demais, podemos não conseguir o impacto que Peter deseja."

Parte dessa intensidade precisou ser lapidada no próprio set de filmagens. Em dezembro, um mês depois de nos encontrar para esta entrevista – ainda travestido de Lumpy, o cozinheiro, seu segundo papel no filme –, Andy Serkis iniciou outra produção dentro de *King Kong*. Como o gorila é muito maior que os protagonistas humanos, um sistema de som completo (alto-falantes, equalizadores, filtros e microfones) foi montado para que o ator, do alto de um guindaste e usando uma roupa de macaco, pudesse vocalizar todo o seu dialeto gorila e ajudar o resto do elenco a imaginar a besta de 8 metros de altura. "A diferença para o Gollum é que eu precisei ficar mais alto", fala. "Não trato Kong diferentemente de qualquer outro papel que tenha feito ou farei." Além de personalizar o macaco no estúdio, Serkis ficou ainda dois meses sendo intensamente escaneado pelos animadores da Weta, que capturavam suas expressões corpóreas e, principalmente, os olhares. "A chave de Kong está no olhar".

DOZE MACACOS

A escolha foi difícil, mas finalmente encontramos os macacos mais famosos da cultura pop

FOTOS: DIVULGAÇÃO

MAGUILA, O GORILA: estrela do desenho animado homônimo da Hanna-Barbera.

CHITA – a parceira inseparável de Tarzan.

DONKEY KONG – O gorila que joga barris em Mario, no game clássico *Donkey Kong*.

DR. ZAIUS – Ministro da Ciência e Chefe de Defesa da Fé no filme *O Planeta dos Macacos*.

JOE – gorila protagonista de *O Poderoso Joe* – original e remake.

CLYDE – Orangotango que acompanha o hoje sério (e oscarizado) Clint Eastwood em *Doido para Brigar, Louco para Amar*.

MACACO LOUCO – o vilão histérico de *As Meninas Superpoderosas*.

GLICK – O macaco com dez parafusos a menos que acompanhava os Supergêmeos no desenho *Superamigos*.

AMY – A gorila "falante" que guarda um segredo em *Congo*.

MACACO TIÃO – Nosso eterno candidato à presidência.

MONGA – Principal atração de todos os parques e circos do Brasil.

SÓCRATES – O sarcástico dono da expressão "Não precisa explicar, eu só queria entender", vivido por Orival Pessini no *Planeta dos Homens*.

disso nos anos 90." A lição da trilogia baseada nos livros de J.R.R. Tolkien ensinou uma lição ainda mais cara para a Universal, que resolveu reativar o projeto *King Kong* oito anos depois de suspendê-lo: para ter Jackson no comando da superprodução, a companhia desembolsou 20 milhões de dólares de salário, além de garantir uma parcela dos lucros ao kiwi.

CONTRA O TEMPO

Quando fechou o contrato para realizar seu sonho de infância, no final de 2003, Peter Jackson deu o pontapé inicial numa corrida desenfreada contra o tempo. Apesar de muitos acharem que *O Senhor dos Anéis* é uma obra insuperável, o trabalho para reviver *King Kong* é tão difícil quanto criar a Terra-Média e com a agravante de não possuir os sete anos e meio de produção. Entre a Nova York dos anos 30 digital (um set foi levantado para as cenas que exigiam proximidade) e a Ilha da Caveira, habitada por seus dinossauros e outros animais pré-históricos, foram construídas 42 maquetes ultradetalhadas em pouco mais de um ano, além de duas mil tomadas com efeitos visuais – até as árvores em miniaturas eram plantadas e moldadas para atender à necessidade da cena. "Se *King Kong* não for visual e tecnologicamente mais avançado que *O Senhor dos Anéis*, teremos falhado com Peter", cobra-se Taylor.

Você pode pensar: "Para que tantos detalhes num filme sobre monstros?". Esse é o grande diferencial do novo *King Kong*: ao contrário do original – que, apesar de todas as metáforas conhecidas, pouco explorava seus personagens e ambientes –, o roteiro escrito por Fran Walsh, Philippa Boyens e Peter Jackson desenvolve não somente os protagonistas, como os personagens secundários. O trio central sofreu pequenas mudanças: Ann Darrow, vivida por Naomi Watts, continua uma atriz pobretona, mas adquire um pouco mais de atitude e coragem; Jack Driscoll, primeiro imediato em 1933, vira um escritor de peças teatrais na pele de Adrien Brody; e o cineasta Carl Denham fica um pouco mais jovem e obsessivo ao ganhar os contornos de Jack Black, no papel que pode definir sua carreira daqui para a frente. "Ele é perfeito para trazer algo de surpreendente para o Denham, como um jovem Orson Welles", exalta Jackson, que ainda dedica tempo nas três horas de duração (!) de *King Kong* para aprofundar a tripulação do navio Venture e outros membros da equipe de filmagem, formadas por Jamie Bell (*Billy Elliot*), Colin Hanks (*Correndo Atrás do Diploma*) e Thomas Kretschmann (*Resident Evil: Apocalypse*). "Precisávamos arrumar pessoas para sofrer mortes horrendas", brinca o diretor.

A maneira mais interessante para descobrir por que essa equipe é uma das mais prestigiadas do cinema atual é observar como a Ilha da Caveira foi concebida. Ela não é um pedaço de terra jogada no mar. Ela tem localização (perto da Indonésia) e uma rica história. "Ela um dia foi povoada por uma cultura sofisticada, no mesmo nível dos incas", explica Richard Taylor. "Esse povo construiu uma cidade como Tróia, cercada por um muro. Ela era religiosa e feita para adorar Kong. No entanto, a ilha foi afundando e, aos poucos, essa civilização desapareceu. Séculos depois, uma tribo indígena achou o local e se instalou nesse pequeno pedaço de terra, entre o muro e o oceano, onde ficam as catacumbas." Quando a equipe de filmagens chega à ilha, por volta de 1933, os nativos estão em sua quarta geração e desesperados para se manter vivos, por isso sacrificam suas mulheres para o protetor Kong, que não deixa os dinossauros invadirem o lado de cá do muro – e também impede os nativos de explorarem o restante do local.

ILHA PERSONALIZADA

Notamos essas minúcias assim que pisamos no set de A Ilha da Caveira. Um muro de cinco metros é cortado por um portão gigante com a face animalesca de um gorila monstruoso. As catacumbas povoadas pelos indígenas são adornadas por símbolos de macacos e caveiras. Se você não tomar cuidado, pode cair em um dos vários buracos que marcam o terreno. No centro de tudo está Jack Black. Ele olha com um misto de pavor e admiração em direção ao muro. Preston, o personagem de Colin Hanks, grita, aterrorizado: "Vamos, Carl. Baixe a ponte!". A resposta sai devagar. "Espere... Espere..." Preston, empurra o chefe e manda: "Não, Carl, você não dita mais as regras" e corta algo que resvala em seu rosto. Quem falou que capturar um gorila

Kong segura Ann antes do fim trágico

FOTOS: UIP

Emoção: realismo exigido dos atores

A NOVA YORK DE 1930 FOI RECRIADA INTEIRAMENTE EM PROCESSO DIGITAL QUE EXIGIU PLANTAS ORIGINAIS DE VÁRIOS PRÉDIOS

"Err, será que você pode chamar Tobey Maguire?"

King Kong faz compras em Manhattan

seria fácil? Imagine se Jackson não tivesse escolhido Andy Serkis – ausente da cena – para servir de molde para seu Kong digital (ver boxe).

Se a seqüência já é tensa, imagine o que se passa no cair das sombras na Ilha da Caveira. Na cena noturna que acompanhamos, Naomi Watts é capturada pelos nativos e levada ao altar do sacrifício, coordenado por uma bruxa e centenas de gritos de "Konga, Konga!". Por mais de duas horas de takes, ela é levada pelos cabelos e tropeça, acompanhada de uma torrencial e congelante chuva artificial. "Me senti acabada quando terminamos a cena e levei quatro horas para pegar no sono", diz a atriz, já na manhã do dia seguinte. "Estou dolorida e estava sentindo muito cansaço. Meu joelho estava doendo. O que aconteceu ali era real."

A realidade era exigência de Peter Jackson e ninguém esperava menos do diretor – nem mesmo o estúdio, que liberou mais 50 milhões de dólares para o orçamento inicial de 150 milhões. Poucos diretores possuem esse nível de confiança nos dias de hoje. "Quando me chamaram para uma reunião, pensei que procuravam atores. Mas eles estavam me querendo para o papel. Nem acreditei. Assinei sem ler o roteiro", fala Adrien Brody. "A visão de Peter é tão cristalina e você confia nele antes mesmo de pisar no set", concorda Naomi. Mas será essa confiança capaz de devolver todo o dinheiro investido e conquistar uma nova legião de fãs que ainda tem *O Senhor dos Anéis* na cabeça? De acordo com Richard Taylor, não será problema. No ano passado, Jackson reuniu técnicos e amigos para acompanharem a versão crua da seqüência de *Kong* no Empire State, cujo final todo mundo sabe qual é. "Quando as luzes foram ligadas, as pessoas estavam soluçando." Alguém ainda tem o lenço sujo de *O Retorno do Rei* por aí?•

O editor Rodrigo Salem viajou com o apoio da Kangaroo Tours

O PAI DO NOIVO

Por Rodrigo Salem

A última vez que vimos Peter Jackson, a exaustão e a alegria por ter passado pela trilogia mais bem-sucedida do cinema parecia tomar conta de sua alma. Menos de um ano depois, SET retorna à Nova Zelândia para encontrar o diretor de *O Senhor dos Anéis* já de volta ao batente – com alguns quilos a menos e sem os óculos redondos, mas ainda com o péssimo gosto por camisas. A exaustão parece ter ficado para trás. Jackson não escondia sua empolgação ao finalmente colocar as mãos em *King Kong*, remake do clássico de 1933 e seu filme preferido. Mesmo diante do apavorante muro que divide a selva habitada por Kong e encostados numa espécie de ruína indígena que faz parte do set da Ilha da Caveira, notamos o clima de amizade, ousadia e felicidade que se espalhava pela sombra do Monte Crawford, em Wellington. Entre takes, o homem de 20 milhões de dólares separou uns minutinhos para conversar conosco com sobre sua nova (e gigantesca) empreitada.

É verdade que o *King Kong* original de 1933 mudou sua vida? Foi quando você resolveu se tornar cineasta?

É a mais pura verdade. Quando vi *King Kong* pela primeira vez, o filme me fez querer ser cineasta. Eu tinha apenas nove anos e era uma sexta-feira. No dia seguinte, comecei a fazer pequenos filmes com uma câmera Super 8 de meus pais. Fiz pequenas produções que me ajudaram a encarar a adolescência (*risos*). O *Kong* original é uma das mais perfeitas misturas de escapismo, aventura, mistério e romance. O filme o transporta a lugares que você nunca verá e para experiências que você nunca terá. *Kong* tem uma maravilhosa fusão de emoção e fantasia, a qual estão tentando capturar com o remake. Eu queria basicamente tentar fazer uma versão de *Kong* que capture essa incrível aventura misteriosa.

Como você melhora um filme assim?

Bem, melhorar é um termo estranho quando estamos falando sobre um filme feito em 1933. Assim que ele foi lançado, tornou-se clássico, porque foi uma das produções mais bem-sucedidas da época e salvou o estúdio da falência. Como melhorar isso? Bem, provavelmente não vamos (*risos*). O filme clássico sempre será o filme clássico e o nosso será a refilmagem do filme clássico. É uma história fantástica e uma premissa única que apenas queria ter a oportunidade de refazer e, obviamente, com a tecnologia que possuímos hoje em dia, há uma razão para isso. O que quero dizer é que agora nós podemos fazer um gorila gigante incrivelmente realista, levando em conta os elementos básicos da trama, como Kong combatendo dinossauros, a Ilha da Caveira, o Empire State e os aviões antigos. É empolgante apenas pensar em fazer isso realisticamente. Acredito que essa é a razão de ter assumido o projeto.

Você queria fazer essa refilmagem antes mesmo de realizar *O Senhor dos Anéis*. Esse novo filme é diferente do que vocês planejavam produzir em 1996?

Completamente. É 100 por cento revisto. Não acredito que exista um único diálogo daquele roteiro. Os personagens mudaram. Não gostamos assim do antigo script. Precisamos ler de novo no começo do ano passado, porque havíamos esquecido como era. Em 1996, nós estávamos tentando fazer uma espécie de filme como *Indiana Jones*. *O Senhor dos Anéis* nos ensinou que a fantasia é mais bem contada quando feita de modo realista. Nós não sabíamos disso nos anos 90. A melhor experiência de fantasia no cinema é aquela na qual você realmente acredita no que está acontecendo com os personagens e os personagens acreditam no que está

acontecendo. Essa foi a lição que aprendemos com *O Senhor dos Anéis*. Os personagens precisam reagir como pessoas reais reagiriam numa situação semelhante. Essa relação entre Kong e Ann é contada do modo mais realista possível. O que um gorila pensaria sobre ela? Por que ele não a mata como fez com várias outras anteriormente? Por que ela ficou em suas mãos? O que ela faz quando acredita que vai morrer? O que faz quando nota que a curiosidade e a empatia da criatura estão sendo despertadas por ela? Todas essas questões eram perguntadas para saber o que realmente aconteceria se existisse um gorila de oito metros numa situação com aquela mulher. Essa realidade é interessante e não a vontade de ser um filme antigo de Hollywood.

Essa visão influenciou na escolha do elenco?

Sim. Você certamente tenta chamar os melhores atores que podem representar a realidade. Obviamente, melhor o ator, maior a sua crença neles.

Há alguma coisa no remake dos anos 70 que acha válido e usou? Ou seu filme é exclusivamente baseado no original?

Bem, a maioria é baseada no original. Sim, não usamos nenhum truque de roteiro ou subterfúgios psicológicos como fizeram em 1976.

Você pode explicar sobre a criação de Kong?

Richard Taylor (*supervisor de efeitos e miniaturas da Weta*) desenhou um busto de Kong, o qual escaneamos para o pessoal da computação gráfica trabalhar nas expressões faciais. Não há muito mistério. Pegamos um gorila silverback e o estamos fazendo parecer muito antigo. Eu queria que Kong parecesse velho, que mostrasse que estava na área faz um bom tempo. Estamos fazendo-o parecer assustador. Quero-o bem apavorante. Acho que isso é a coisa mais interessante que podemos acrescentar ao personagem: começa com o mais grotesco e aterrorizante gorila que possamos imaginar e, depois, revelamos sua cabeça e sua alma.

Qual a importância de Fran Walsh (*co-roteirista do filme e mulher de Jackson*) na caracterização de Kong?

A parte mais interessante de Fran é que ela não é fã de *King Kong* como eu. Aquilo não mudou a vida dela (*risos*). Então, ela não se aproximou do filme com o grau de respeito e admiração que eu tenho pelo material original. Foi realmente uma grande ajuda, porque ela está indo na direção que citei, imaginando o que realmente é intrigante no personagem, como Ann responderia à situação e a seus sentimentos. Ela está se esforçando muito para deixar as personagens reais.

***King Kong* é seu primeiro filme depois do sucesso de *O Senhor dos Anéis* e seu sonho de criança. Há muita pressão sobre seus ombros?**

Sim, sempre há pressão. Acho que há uma pressão externa por ser o primeiro trabalho após *O Senhor dos Anéis*, mas isso não me preocupa muito. A pressão tem dois lados. A primeira, de fazer um bom remake de *King Kong*, aquele que os fãs vão ficar contentes. A segunda é que de fazer o melhor filme possível. Essa é a verdadeira pressão sobre um cineasta. Não é fácil fazer um bom filme, então sempre há uma pressão.

Como você teve a idéia de escalar Jack Black em um dos papéis principais do filme? A contratação foi inesperada.

As pessoas parecem realmente surpresas com a escolha, e posso entendê-las. Sabe, é interessante, porque você só escolhe um elenco de duas formas. Uma forma é: você pensa num ator e molda o papel para encaixar no ator. A outra forma é: o papel vem primeiro e você passa a procurar alguém para representá-lo. Foi mais ou menos assim que Jack foi contratado. Inicialmente, todo mundo imagina o personagem de Carl Denham como sendo mais velho, já que Robert Armstrong o interpretou no original. Pensamos em qual ator no grupo dos cinqüenta que poderíamos chamar, mas nenhum deles trazia um diferencial para o papel. Havia várias escolhas óbvias. Então, começamos a considerar o que poderia ser surpreendente em nosso Denham e não sair de nossa idéia de trabalhar personagens de forma realista. Ponderamos um pouco e... "Ok, são os anos 30. Que tal modelarmos nosso Denham um pouco no jovem Orson Welles, no período de *Guerra dos Mundos*? O que aconteceria se Welles fundisse com Denham e estivesse naquele navio tentando achar Kong?" Como Welles, Denham é um gênio com uma obsessão e irresponsabilidade que eventualmente nos levará às lágrimas. Todos esses pensamentos vieram antes de falarmos: "Quem vamos chamar para o papel?". Jack Black veio à mente naquele momento. Ele não é o Jack Black de *Escola de Rock* e do Tenacious D (*a banda de metal satírico do astro*). É Jack Black lidando com um cineasta obsessivo-compulsivo, que tem uma personalidade poderosa o bastante para convencer as pessoas a embarcarem nessa jornada.

É verdade que há uma seqüência no filme que fará o público chorar feito bebê?

Yeah, mas espero que chore mais de uma vez (*risos*). Certamente, no final, no Empire Stete. Mas não vou lhe dar aquela citação, ouviu? Aquela citação de Dino (*De Laurentiis, produtor do* Kong *de 1976*): "Quando o macaco desmoronar, as pessoas vão chorar. Quando meu macaco desmoronar, as pessoas vão chorar mais e mais". Eu não vou falar isso! (*risos*)

Há muitas mudanças no longa? Novos personagens?

Sim, nós criamos um monte de novos personagens, porque queríamos personalizar e humanizar vários membros da tripulação do Venture. Os três personagens principais são os únicos que você conhece profundamente no original. Eu queria desenvolver a tripulação e a equipe de filmagens. Era uma boa idéia, já que iríamos matar alguns deles (*risos*). Chegamos à conclusão de que precisaríamos lidar com muitos dinossauros e teríamos de arrumar pessoas para serem comidas e sofrer mortes horrendas (*risos*) durante a trama. Sempre é mais poderoso se você conhece alguém e depois o perde. Então, desenvolvemos vários papéis secundários para que as pessoas se importem mais com elas quando passarem pelos perigos da ilha.

Sei que você ainda está preocupado com *King Kong*, mas *Uma Vida Interrompida* será seu próximo filme?

Sim, estamos trabalhando nisso. Ainda está em estágio inicial. Obviamente, algumas cenas serão filmadas nos EUA. Vamos basear a produção aqui, na Nova Zelândia, mas ainda não sei quantas cenas externas. •

"*KING KONG* É UMA DAS MAIS PERFEITAS MISTURAS DE ROMANCE, MISTÉRIO E AVENTURA"

SELVAGEM ERA O REI

GIGANTE COMO SEU PROTAGONISTA, O PRIMEIRO *KING KONG* AJUDOU A MOLDAR OS FILMES DE EVENTO. E PERMANECE UMA INSPIRAÇÃO PARA CINEASTAS

POR EDUARDO TORELLI

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Sob muitos aspectos, *King Kong* foi o pai dos grandes blockbusters. Como tantos filmes-pipoca da atualidade, sua trama foi lapidada em torno dos efeitos especiais e seu marketing agressivo visava o lucro certo em tempos de crise. Vivia-se, na época, a Grande Depressão, quando milhares de norte-americanos (à maneira da heroína Ann Darrow, vivida por Fay Wray) lutavam para sobreviver nas ruas do país, que despencara em uma crise sem precedentes. No escuro do cinema, como efeito resultante do choque entre pressões externas (a crise econômica que convidava à alienação) e internas (o reconhecimento de nosso comportamento ancestral no símio enfurecido), surgiu o poderoso mito de *King Kong*.

Os conceitos de Darwin sobre evolução humana ainda estavam sendo digeridos quando a tripulação comandada por Carl Denham desembarcou na Ilha da Caveira. Mas cristalizaram-se no inconsciente das platéias: sem a identificação dos espectadores com Kong, o drama teria sido posto a perder. Na literatura e no cinema, macacos já tinham sido utilizados como espelhos da agressividade humana. King Kong era diferente. Acuado no alto do Empire State, em luta contra aeroplanos que representavam a manutenção das regras sociais, ele era um bárbaro que ameaçava a preservação da ordem – um impulso emotivo que precisava ser aplacado pela razão. Talvez por isso, não houve quem não chorasse por ele na cena final.

AVENTUREIRO

É interessante que essa história de contornos fantásticos tenha se materializado por obra de um aventureiro pragmático, muito parecido com o Denham,

interpretado por Robert Armstrong no longa original: documentarista, produtor e diretor, Merian C. Cooper firmou uma parceria com o cameraman Ernest B. Schoedsack na década de 20. Cooper teve a idéia de rodar um filme sobre um gorila gigante solto em Nova York. No início, ele utilizaria um macaco de verdade como protagonista, que, posteriormente, seria "aumentado" por efeitos fotográficos. Cativado com a inventividade de Cooper, David O. Selznick o contratou como consultor de projetos quando assumiu a chefia dos estúdios RKO, em 1931. Um dos empreendimentos cogitados pela empresa naquele período era um documentário sobre a vida pré-histórica, *Creation*, cuja supervisão de efeitos especiais estaria a cargo de Willis O'Brien, outro nome vital para o surgimento de Kong.

Mestre da técnica do stop-motion, O'Brien usava miniaturas para representar feras antediluvianas nos primeiros filmes do gênero de que se tem notícia. Ao assistir aos copiões de *Creation*, Cooper abandonou a idéia de filmar com um gorila de verdade e abraçou as possibilidades dos recursos visuais. Kong, assim, foi "interpretado" por uma miniatura articulada – bem como os dinossauros e serpentes pré-históricas. O resultado pareceu tão convincente que, durante anos, especulou-se sobre a possibilidade de um enorme robô (controlado por homens aboletados em suas engrenagens) ter sido utilizado em cenas-chave. "Lenda", esta, que não era totalmente infundada, já que um colossal antebraço mecânico foi construído para cenas que exigiam "interação" mais radical entre Kong e o elenco humano – como na seqüência em que a mão do macaco arrebenta uma janela e agarra Fay Wray.

OBRA INFLUENTE

Além de Cooper, Schoedsack, Selznick e O'Brien, outros gênios contribuíram para *King Kong*. A trama ganhou mais sofisticação quando o autor de contos de mistério Edgar Wallace se juntou ao projeto. Cooper teve a idéia de um gorila gigante aterrorizando Nova York, mas não pensara em um background para esse clímax. Aos poucos, foram surgindo concepções que, hoje, são indissociáveis do mito de King Kong: a chegada da equipe de filmagens à ilha; a descoberta do muro que isola os nativos de sua temperamental divindade primata; e, o que é mais importante, o envolvimento sentimental da criatura com a mocinha. *King Kong* evoluiu de um espetáculo visual para uma releitura contemporânea – e um pouco cínica – de *A Bela e a Fera*. A sutileza e excitação dessa história atemporal foram, ainda, maximizadas pela trilha sonora de Max Steiner, que driblou os acordes-clichês das partituras para filmes de horror do período e buscou uma real conexão com os eventos vistos na tela.

Dada a influência do filme em tudo o que se produziu no cinema fantástico, é natural que o gorila tenha reaparecido várias vezes. Em 1933, Cooper produziu *O Filho de Kong*, dirigido às pressas por Schoedsack. No longa, Carl Denham volta à Ilha da Caveira para capturar outro primata superdesenvolvido – um espécime albino. Jocosamente apresentado ao público como "uma fantasia cômica séria", *O Filho de Kong* não tinha outras ambições senão capitalizar alguns dólares em cima da idéia original. Recepção igualmente frívola teve *O Poderoso Joe* (1949), outro esforço da dupla Cooper/Schoedsack. Até os japoneses acharam um meio de lucrar: a Toho produziu, na década de 60, os infames e cults *King Kong versus Godzilla* (1962) e *A Fuga de King Kong* (1967), nos quais o monstro era vivido por um ator fantasiado.

MACACO-ROBÔ

Apelando para técnicas modernas de maquiagem, o produtor Dino De Laurentiis recorreu à mesma estratégia quando rodou um remake setentista de *King Kong*, em que a escultural Jessica Lange substituiu Fay Wray como diva do símio apaixonado. Contemporânea do feminismo, a produção de 1976 psicanalizou o gorila (a heroína o define como "um macaco chauvinista") e sua relação com os humanos. Para promover o filme, De Laurentiis apareceu na TV afirmando que o primata era um robô hidráulico. Na verdade, um robô foi construído (o boneco excursionou pelo mundo e chegou a ser exibido no Brasil), mas sua "atuação" se resumia a poucos takes de multidão. Quem realmente fazia as vezes do macaco era o maquiador Rick Baker, pagando o maior mico de sua carreira. A versão de 1976 teve direito a uma continuação, talvez o pior filme de macacos da história: *King Kong Lives!*, em que o gorila é submetido a uma cirurgia de coração após despencar do World Trade Center, antes de encontrar o amor nos braços de uma macaca gigante.

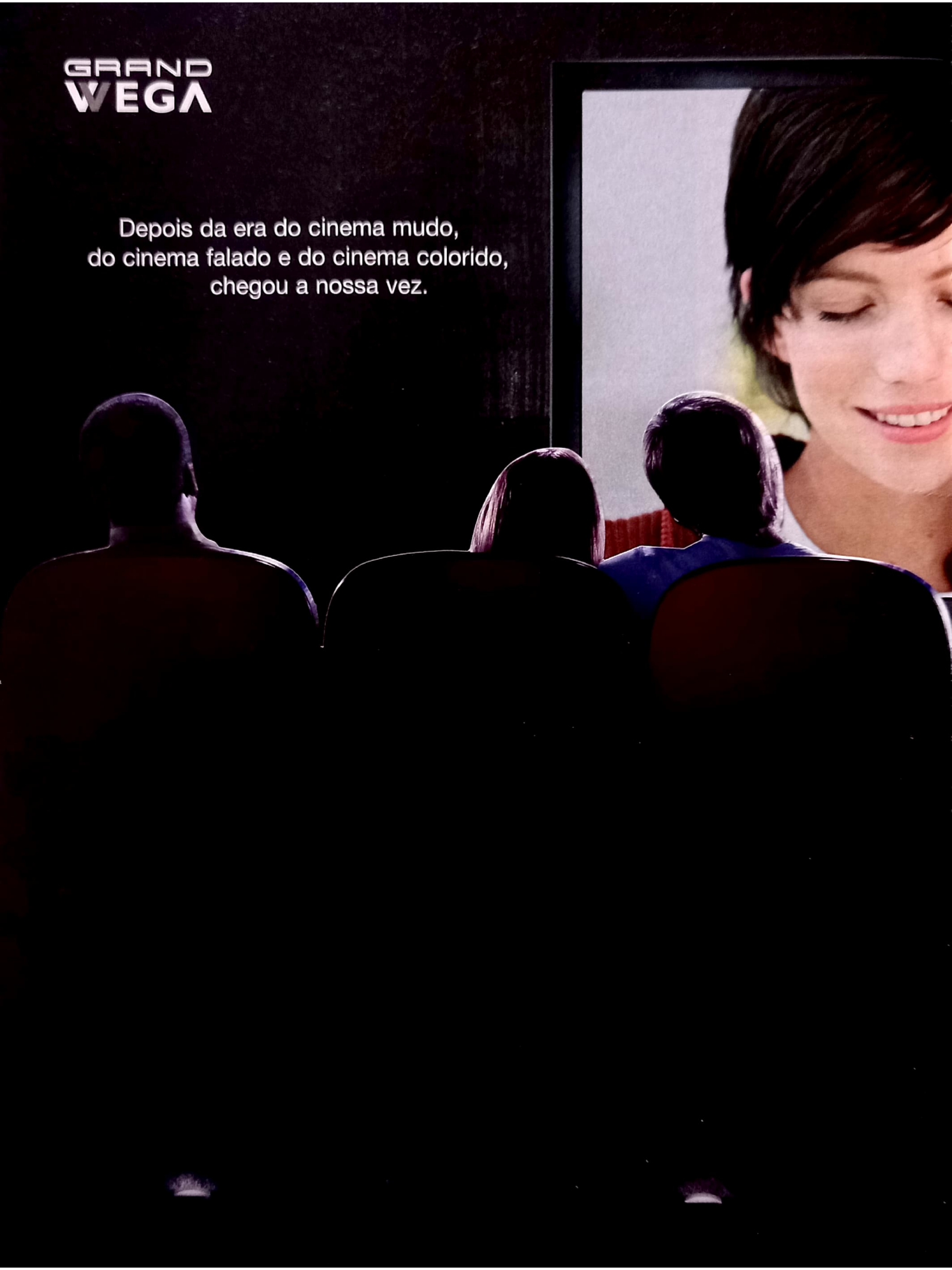
A qualidade duvidosa dessas produções não invalida o esforço de se atualizar esta história para as novas gerações. Como qualquer trama calcada em arquétipos fortes, a odisséia do gorila enfurecido em choque com uma civilização intolerante e violenta é digna de ser recontada. Até porque, em sua aparente ingenuidade, tem uma mensagem forte: quando deixamos as florestas e seguimos o curso da evolução, perdemos um elo com nossa natureza primal, inconquistável e não-civilizada. O reencontro com este elo – seja na vida real, seja na tela do cinema – é sempre um assunto digno de nossa reflexão.•

DO ORIGINAL À IMITAÇÃO, KONG PASSOU POR VÁRIAS REENCARNAÇÕES

King Kong (1933)

King Kong versus Godzilla

King Kong (1976)


GRAND
WEGA
Depois da era do cinema mudo,
do cinema falado e do cinema colorido,
chegou a nossa vez.

SONY
PRODUZIDO NO
PÓLO INDUSTRIAL
DE MANAUS
CONHEÇA A AMAZÔNIA

VÁ DE RETRÔ, SATANÁS!

O Exorcismo de Emily Rose volta no tempo e resgata o espírito realista e assustador dos filmes que marcaram os anos 70

Por Ricardo Matsumoto, de Vancouver

O terror abriu o baú e vestiu uma roupagem nostálgica! Pois monstros como Freddy Krueger e Jason Voorhees não assustam tanto como nos velhos tempos e a onda de refilmagens japonesas já deu o que tinha de dar (*O Chamado 2* e *Água Negra* que o digam), o gênero precisava de algo novo. Mesmo que para isso fosse preciso reviver um estilo que marcou época nos longínquos anos 70, época em que o público saía aterrorizado das salas de cinema depois de conferir filmaços como *A Profecia* e *O Exorcista*. *O Exorcismo de Emily Rose* surgiu como um projeto menor que tinha orçamento baixo e elenco com nomes conhecidos, mas sem nenhum astro ou estrela de salário exagerado. Baseado em um fato real – o caso de Anneliese Michel, acontecido na Alemanha há mais de trinta anos –, a produção ousava abordar um tema que sempre foi considerado amaldiçoado: a possessão demoníaca.

Dirigido pelo desconhecido Scott Derrickson (roteirista da segunda parte de *Lenda Urbana* e diretor de *Hellraiser: Inferno*, lançado direto em vídeo), o terror foi todo rodado em Vancouver, no Canadá. A SET esteve presente durante as filmagens, que aconteceram no início do ano. Apesar de certa apreensão – *O Exorcista: O Início* (quarto exemplar da série baseada na obra de William Peter Blatty) havia sido um desastre nas bilheterias no ano passado –, o filme caiu nas >>

"Eu já vi dúzias de filmes de tribunal, mas nunca tinha visto um terror de tribunal"

graças do público americano e fez sucesso ao misturar terror com um suspense de tribunal. Só no primeiro final de semana, faturou 30 milhões de dólares – 10 milhões a mais do que custou. Virou assim uma das grandes surpresas da temporada.

Wilkinson: "Eu nunca vi um fantasma"

† FORÇA OCULTA †

"O que eu achei mais interessante no projeto foi a forma como o assunto seria tratado. Era uma grande oportunidade para discutir o real significado do demônio para as pessoas. Como elas interpretam esse conceito. Algumas acham, por exemplo, que o álcool é o demônio. Outras podem ter um ataque de ansiedade e estresse e imaginar se tratar de alguma força externa", diz Laura Linney (vista recentemente em *Simplesmente Amor* e recentemente indicada para o Oscar por *Kinsey*), atriz que interpreta a advogada Erin Bruner – personagem que defende o padre Moore (Tom Wilkinson), acusado de negligência na morte da jovem Emily Rose (Jennifer Carpenter).

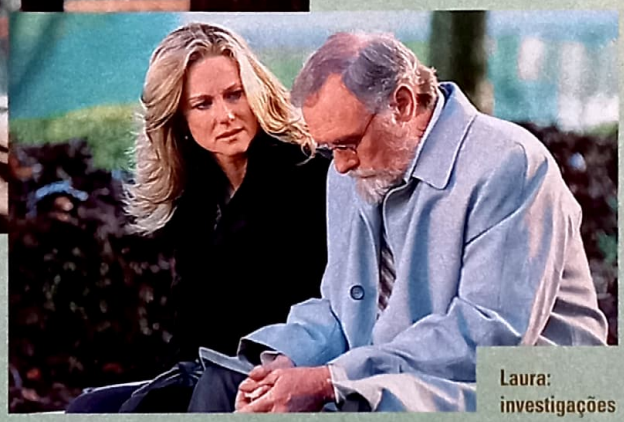
O filme acompanha o julgamento do religioso, alternando com cenas de flashback onde se acompanha o drama de Emily, que começa como uma jovem normal que passa a ser atormentada por visões bizarras até o final trágico. "Todos nós gostamos de desafios, e era uma grande oportunidade trabalhar com dois gêneros tão diferentes", completa a atriz.

Para Derrickson, esse é o grande diferencial do projeto. "Eu já vi dúzias de filmes de tribunal, mas nunca tinha visto um terror de tribunal", brinca. "É claro que era uma idéia arriscada. Colocar dois elementos tão diferentes poderia ser desastroso. Um poderia anular o outro. Mas era um risco que valia a pena ser corrido." Ele também não poupa elogios para a jovem Jennifer de 25 anos, que antes de viver Emily só tinha feito papéis pequenos em filmes como *As Branquelas*. Responsável por grande parte do contorcionismo visto na tela, ela assombra o público nas seqüências mais assustadoras do longa.

Jennifer: contorcionismo assombroso

† VERDADE OU MENTIRA †

"Geralmente os filmes do gênero fazem o público acreditar em fenômenos sobrenaturais e as pessoas entram na onda e é divertido. A intenção de *O Exorcismo de Emily Rose* não é discutir a veracidade do caso, e sim contar uma história inspirada em fatos reais sobre um exorcismo", explica o diretor. Desde o início ele sabia que comparações com a obra de Blatty seriam inevitáveis. Mas como bom fã de ci-



Laura: investigações

nema, ele não nega as influências. "O que eu adoro em *O Exorcista* e também em outros filmes clássicos dos anos 70 como *A Profecia* e *O Bebê de Rosemary* é que eles tentam incorporar mais realismo com as seqüências assustadoras. Você sempre se lembra da cabeça girando de Linda Blair, mas o filme é memorável não apenas por essa cena e sim pela história de um padre que perdeu a fé". Apesar de seguir essa linha de raciocício, Derrickson sabe que precisa vez ou outra cair no clichê. "É claro que se você vai para o cinema para ver um filme com 'exorcismo' no título, eu tenho de oferecer sustos, e isso há de sobra."

O cineasta empolga-se quando se fala em cinema e mostra grande conhecimento. "Há vários diretores que serviram de inspiração para fazer este filme. Dario Argento foi um deles. O que eu gosto em seu trabalho é sua capacidade em criar cenas visualmente maravilhosas e aterrorizantes ao mesmo tempo. Acho que o típico em Hollywood é que se apela apenas para cenas horríveis para assustar. E ele usa cores vivas e consegue casar o belo com o assustador", revela. "Eu adoro o cinema clássico europeu, o cinema asiático – em especial o trabalho de Akira Kurosawa –, e também produções americanas dos anos 70. Então em muitos aspectos meu filme tem um pouco desses três elementos", completa.

† MALDIÇÃO NO GÊNERO †

A pergunta inevitável era sobre as maldições que cercam os filmes de terror, em especial as séries *Exorcista* e *Poltergeist* – que já ganharam até especiais de TV. Mortes misteriosas de pessoas envolvidas na produção e estranhos acontecimentos criaram um folclore no gênero. Depois de um longo silêncio entre o elenco e o diretor, Laura olha para os colegas e se manifesta. "Bem... Minha TV se ligou sozinha e também o aparelho de som de Jennifer Carpenter." "Podia ser pior", interrompeu Derrickson em tom de brincadeira. "Eu sei por que você fez essa pergunta, porque há um mito sobre estranhos acontecimentos nos filmes do gênero. Não sei se houve um exagero quando retrataram os eventos sobrenaturais que aconteceram durante as filmagens de *O Exorcista* original. O que posso dizer é que nossa produção correu bem tranqüila e as pessoas se divertiram bastante em trabalhar nele". Mesmo assim, era possível sentir uma certa tensão no ar.

Laura, assim como sua personagem e apesar da televisão mágica, não acredita em possessões demoníacas. O diretor Derrickson, sim. A melhor resposta, entretanto, veio do veterano ator Tom Wilkinson. "Eu não creio, mas isso não significa que não exista. É como fantasma. Não acredito em fantasma porque nunca vi nenhum. Eu falo com gente que já passou por experiências sobrenaturais e penso comigo: 'Mas eu realmente queria acreditar em fantasmas'." Além de Laura e Wilkinson, o elenco conta com a presença de Campbell Scott, que interpreta o promotor do caso.

Deixando de lado maldições ou polêmicas, *O Exorcismo de Emily Rose* mostra que ainda é possível surpreender o público usando uma abordagem realista e sem apelar para os sustos fáceis. Se o sucesso do filme irá criar uma nova febre de refilmagens da época, ninguém sabe... Pelo menos, não dá para fazer uma continuação. Aparentemente. "Teria de ser o quê? *A Ressurreição de Emily Rose?*", brinca o diretor. Tomara que os produtores não tenham levado a sério a piada, senão, nunca se sabe... •

Campbell Scott: promotor

O Anjo Loiro

abrindo a B·O·C·A

Surgido na década de 1960, o Cinema da Boca do Lixo ganha a devida importância e começa a ser melhor compreendido *Por Alfredo Sternheim*

O cinema brasileiro passou por diversas fases em sua história. Fala-se muito da época das chanchadas da Atlântica, da Vera Cruz, de Glauber Rocha e do Cinema Novo até a recente retomada. O mesmo não se pode dizer da chamada Boca do Lixo. A maioria das pessoas já ouviu falar, mas poucas sabem exatamente o real significado desse importante período na história cinematográfica brasileira. Hoje, com a produção nacional em ascensão, muita gente se interessa em descobrir mais sobre esse momento que ganhou o rótulo de obscuro.

Para se conhecer esse período tão fértil e tão estigmatizado, é preciso primeiro esclarecer o motivo da denominação. Para quem não sabe (principalmente os leitores que não vivem em São Paulo), Boca do Lixo é o nome dado (ao que parece pela polícia) a uma parte do bairro da Luz que, a partir da década de 50, passou a concentrar prostitutas baratas. Nessa região estão também duas estações de trens e existia uma rodoviária. Essa proximidade com importantes meios de transporte fez com que as distribuidoras cinematográficas (Columbia, Fox, Condor, Paris Filmes, Cinedistri, etc.) por lá se instalassem. Assim, haveria maior agilidade no envio das cópias para os diversos cantos do Brasil. A vizinhança com os distribuidores fez com que os produtores brasileiros também abrissem seus escritórios na rua do Triunfo e imediações. A região, hoje, é conhecida como cracolândia, por razões óbvias.

O problema é que, induzido por alguns críticos da época, passou-se a considerar que o cinema da Boca do Lixo fosse um estilo, ou só um tipo de cinema, vulgar e apelativo. Não é verdade. Ninguém nega que possa ter existido vulgaridade em muitas realizações, mas esse elemento não era freqüente. E não era também uma linha única entre os filmes concebidos e executados pelos cineastas daquela região. Embora os que insistem em depreciar aquela fase citem apenas produções com títulos de apelo erótico como *Vidas Nuas* ou *Tráfico de Fêmeas*, é preciso frisar que da Boca saíram criações consideradas cult como *O Bandido da Luz Vermelha*, de Sganzerla, ou *Esta Noite* >>

José Mojica Marins na Boca do Lixo

O Bandido da Luz Vermelha

Encarnei no Teu Cadáver, de José Mojica Marins, bem como *O Pagador de Promessas*, a única realização nacional laureada com a Palma de Ouro do Festival de Cannes. Dirigida por Anselmo Duarte, foi produzida e distribuída pela Cinedistri, a empresa de Oswaldo Massaini sediada na rua do Triunfo. Naquele escritório, em abril de 1962, muita gente da Boca brindou a vitória do filme no famoso festival.

Foi lá ainda que cineastas como Sylvio Back, Ozualdo Candeias, Walter Hugo Khouri e Carlos Reichenbach, que se consagraram construindo uma obra pessoal, fizeram boa parte de suas criações. Reichenbach é um dos poucos sobreviventes daquela fase que está na ativa, ao lado de Anibal Massaini Netto, Guilherme de Almeida Prado, Fauze Mansur e alguns outros que ainda prosseguem, adequando-se aos novos tempos.

DIÁLOGO COM O PÚBLICO

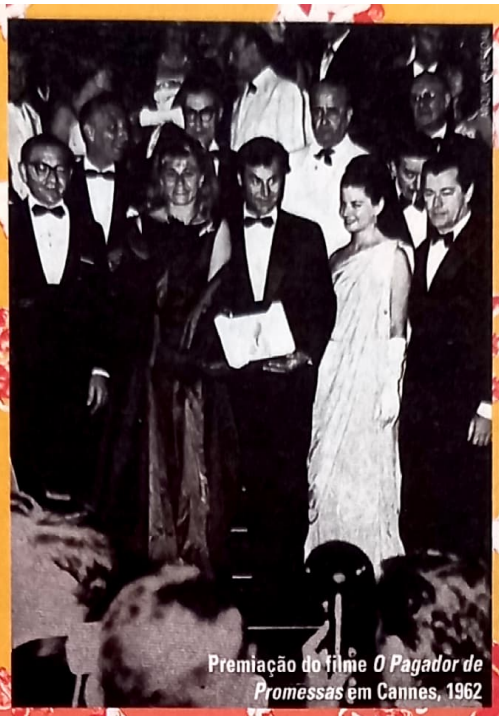
Só mesmo no clima ousado da Boca era possível surgir uma versão rural de *Hamlet*, de Shakespeare; foi *A Herança*, de Candeias. Mas a ênfase do cinema paulista – que nas décadas de 60 e 70, praticamente só existia na Boca do Lixo – era o produto de consumo popular. A busca pelo sucesso se fazia em gêneros diversos. Era comum surgir aventuras de cangaço como *Lampião, Rei do Cangaço*, *O Cangaceiro Sem Deus* ou *O Cangaceiro Sanguinário*, que a Servicine, de Polo Galante e Alfredo Palácios produziu tendo como molde o faroeste americano *Galante e Sanguinário*, de Delmer Daves. Ou ingênuas comédias sertanejas com cantores de então. Caso de *Sertão em Festa* e *No Rancho Fundo*. E não faltou uma luxuosa evocação histórica, *Independência ou Morte*, feita sob a direção de Carlos Coimbra em tempo recorde para ser lançado em setembro de 1972, sesquicentenário de nossa Independência.

Mas o erotismo começou a ter presença mais forte, não obstante ser necessário enfrentar os rigores da censura da ditadura militar. Daí surgirem suspenses como *A Noite do Desejo* ou paródias como *Bacalhau* ou *A Ilha das Cangaceiras Virgens*. Nada mais natural essa tendência. Nascia então a pornochanchada (termo pejorativo que passou a designar as produções).

Esse desprezo de parte da crítica não inibiu seus diretores e nem impediu que aparecessem estrelas carismáticas no Cinema da Boca. Caso de Vera Fischer e Helena Ramos. O cinema era o melhor e mais imediato escapismo, principalmente para o público masculino. Mas, exceto David Cardoso e Tony Vieira que produziam os seus filmes, não surgiram astros do Cinema da Boca. É verdade que, menos por machismo e mais por temor à censura, os diretores não exploravam a sensualidade e a nudez de algum ator. Nas vezes em que isso ocorreu, houve problemas em Brasília. Foi o que se deu com *Anjo Loiro*, onde o estreante Nuno Leal Maia aparecia pelado ao lado de Vera Fischer nua. E comédias como *Os Garotos Virgens de Ipanema*, que faziam humor com a suposta homossexualidade de dois adolescentes, também enfrentaram a repressão oficial.

DIVULGAÇÃO

O Cangaceiro Sanguinário



Premiação do filme *O Pagador de Promessas* em Cannes, 1962

Independência ou morte

Nessa assumida preocupação de dialogar com o público, o Cinema da Boca, que se autossustentava, fazia filmes com orçamentos baixos. Em média, um produtor autorizava ao diretor três a quatro semanas de filmagem e permitia gastar um número limitado de latas de negativo. Era um sufoco. Porém, o retorno era mais rápido, a bilheteria amortizava os custos e gerava lucros imediatamente aplicados em um novo longa.

O DECLÍNIO

Muitos afirmam que o Cinema da Boca terminou por causa do filme de sexo explícito. Mas o seu declínio começou no surgimento da Embrafilme que, ao se tornar distribuidora com capciosos e generosos avanços sobre a receita para alguns, criou uma situação desfavorável a produtores e distribuidores como Oswaldo Massaini, Alfredo Cohen e outros. Mesmo assim, com a sua natural agilidade, ainda foi possível prosseguir. Primeiro, com filmes convencionais, depois, com aqueles que tinham sexo explícito.

Isso se deu a partir do grande sucesso de *O Império dos Sentidos*, por volta de 1980. A reserva de mercado – grande conquista de nossos cineastas e que garantia o espaço para o filme nacional chegar ao conhecimento do público – passou a ser cumprida pelo exibidor de preferência com produtos que tivessem genitálias em atividade. Conseqüentemente, esse cinema, que por volta de 1978 chegou a responder por mais de 60 por cento de nossa produção, optou por atender às exigências dos circuitos. Sucessos como *A Menina e o Cavalo* e *Sexo em Grupo* provaram ao comércio cinematográfico a nossa força com essas características. Mas o escárnio da mídia também se ampliou.

O fim do Cinema da Boca se deu por outro motivo: quando os governos Sarney e Collor deixaram de exigir o cumprimento da reserva de mercado. Forçados a buscar outras atividades, vários técnicos, diretores, produtores e artistas entraram em depressão. Alguns, somatizando a situação, adoeceram e morreram antes dos 50 e 60 anos. Ao mesmo tempo, não faltaram aqueles que passaram a cuspir no prato que comeram, desqualificando essa fase.

A maior lição que se extrai desse período é que o cinema ali era feito de forma racional, sem a vaidosa apoteose orçamentária que se vê hoje em dia. Acomodados no mecenato oficial, atualmente é comum ver cineasta gastando oito, nove ou dez milhões de reais – importâncias exagerada para o mercado brasileiro. Se esse dinheiro fosse particular, não saísse da renúncia fiscal, tudo bem. Mas feito com recursos públicos, casos emblemáticos como o do ainda inédito *Chatô* (iniciado em 1998 e que consumiu 10 milhões de reais) são graves. No Cinema da Boca esse desperdício jamais seria tolerado. Afinal, lá se criava com amor e responsabilidade.•

Alfredo Sternheim é autor do livro Cinema da Boca – Dicionário de Diretores, *da* Coleção Aplauso, *publicado pela* Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

ALICE BRAGA e LÁZARO RAMOS

falam sobre cinema, Salvador e as filmagens de *Cidade Baixa*

Por Roberto Sadovski

Para Alice Braga, ser atriz era coisa de sangue. Filha de Ana Maria Braga (não a apresentadora) e sobrinha de Sônia Braga, essa paulistana de 22 anos começou a carreira com o pé direito: em *Cidade de Deus*, o melhor filme brasileiro desde sempre, ela surgiu como um sopro de luz em meio ao caos urbano da favela carioca. Depois do sucesso com o filme de Fernando Meirelles, ela apertou o pause e foi dedicar-se aos estudos como atriz. Voltou de Nova York para outro labirinto urbano, o de *Cidade Baixa*, de Sérgio Machado – em um triângulo amoroso com Wagner Moura e Lázaro Ramos. Alice conversou com SET sobre esse processo e, claro, sua paixão pelo cinema.

Já foram três anos entre *Cidade de Deus* e *Cidade Baixa*. Por que esse hiato longe das câmeras?

Ah, estudo. Eu fiz *Cidade de Deus* com 17 anos, terminei o colégio e fui estudar em Nova York. Queria me preparar de verdade para seguir essa carreira, saber onde estava pisando.

Mas você não era estranha a sets de filmagem...

Não, de jeito nenhum. Minha mãe trabalhava com publicidade, então eu sempre saía da aula e ia direto para um set. Foi onde cresci. E como sempre fui meio desbocada, os amigos dela me chamavam para fazer comerciais, que é tudo meio brincadeira, não exige muito do ator. Mas foi assim que eu fiz alguns comerciais com o Fernando Meirelles. E, quando ele estava escalando *Cidade de Deus*, lembrou-se de mim.

De *Cidade de Deus* então para *Cidade Baixa*...

É, eu estava morando em Nova York quando o Sérgio estava escalando o elenco. Meu nome era mais um em sua lista, e como ninguém me achou aqui começaram a

Assim como seu colega de trabalho e melhor amigo, Wagner Moura, Lázaro Ramos se tornou sinônimo da nova geração do cinema brasileiro. Desde que deixou a Bahia coma peça *A Máquina* (que, por sinal, também virou filme e estréia ano que vem), o ator dedica-se a deixar sua marca em alguns dos melhores exemplares da safra recente da produção nacional. Nada mais adequado para ele, que cresceu respirando cinema, nas sessões das salas em Salvador que hoje nem existem mais. Lázaro conversou com SET sobre passado, presente e futuro – e, claro, sobre *Cidade Baixa*.

Me disseram que você ia ficar furioso se eu mencionasse que o Vitória está...

(*interrompendo*) Na terceira divisão? Eu já suplantei isso, nem penso mais. (*risos*) Eu estou esperando o Vitória disputar o campeonato com o time dos funcionários do restaurante Porcão. A essa altura acho que não sobrou mais nenhum time...

Mas em *Cidade Baixa* o Vitória está bem defendido...

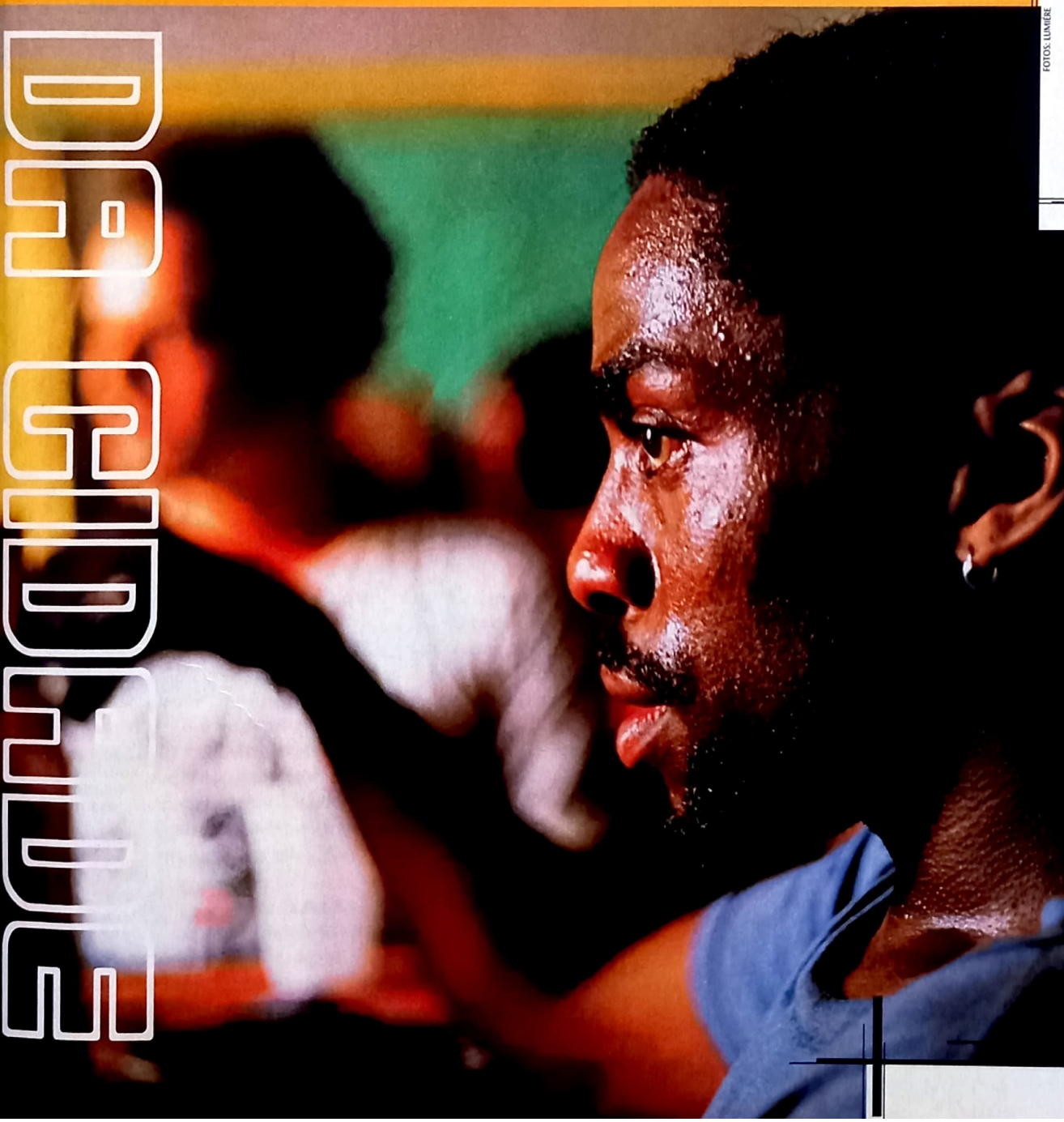
É, eu tenho um escudo tatuado no braço, uso camisas vermelho e preto.

Isso foi improviso?

Não, claro que é intencional, o Sérgio também é torcedor do Vitória.

Como foi voltar para a Bahia e rodar esse filme?

Foi maravilhoso, e para mim foi especial já que eu nunca tinha feito um filme assim na Bahia, com um personagem baiano. Sem falar que é um universo que eu conheço bem, é próximo à minha história.



FOTOS: LUMIÈRE

trabalhar com outra atriz. Foram três semanas de preparação e acho que não rolou muito com ela. O Sérgio me ligou quando eu passava alguns dias no Brasil, justamente no dia em que estava viajando para fazer a divulgação de *Cidade de Deus* no Oscar. Recebi o roteiro, li na viagem, e quando voltei já fui direto para a Bahia.

Sua personagem, Karina, tem algumas cenas bem fortes. Deu para sentir um frio na barriga?

Deu, deu sim. Mas foi também uma sensação muito forte de desafio. Não pelas cenas de nudez, mas por ela ser uma personagem forte, com muita vida. E eu nunca tive dúvidas de que queria fazer o filme. Claro que tive medo, mas ele faz parte, e a gente trabalhou muito isso na preparação, com a Fátima Toledo. Foram só três semanas de oficina, não tinha tempo para hesitar.

E na hora de filmar, você teve algum receio?

Não, por causa dessa preparação. E o Sérgio escolheu uma equipe muito bacana, reduzida, escolhida a dedo mesmo. Ele sabia que a gente estaria muito exposto, e todo mundo tinha de se dedicar. O Sérgio é muito dono do roteiro, isso dava uma segurança muito grande.

Moura, Alice e Ramos: ménage

O roteiro já trazia as gírias, aquele jeito de falar...

Sabe, eu não lembro (*risos*). Só li o roteiro uma vez, nessa viagem para Nova York. Mas acho que sim, o Sérgio é baiano, a primeira frase que os meninos, o Wagner e o Lázaro, falam para mim, "e aí, piriguete", é muito da Bahia. Eu virei piriguete para o resto do filme, a equipe só me chamava assim.

Como foi rodar em Salvador?

Ah, foi especial. A cidade é muito personagem. E "cidade baixa" é literal. Eu tenho uma ligação com a Bahia, é a terra de minha avó, sempre passava férias lá. Sem falar que não é a Salvador do turista, da elite, é uma cidade desconhecida.

E o que você descobriu de Salvador que não conhecia?

Ah, eu vou a Salvador desde os dois anos. Mas não conhecia a cena teatral, os meninos me mostraram esse lado. Eu acabei não vendo nenhuma peça, mas acabei conhecendo os grupos, me familiarizando com a cena. Foi uma descoberta.

Agora você está fazendo um filme em São Paulo, *Journey to the End of the Night*, uma produção americana. Como é lidar com essa diferença?

Ah, é gringo. O ritmo é meio igual, mas não é raro passar de 12 horas de filmagem, o que não rola no Brasil. Aqui tem de pagar hora extra. Mas é engraçado, a gente tem trailer e cadeirinha com nome... eu não tenho a cadeira (*risos*), mas os gringos têm.

É mais confortável trabalhar assim?

Ah, com certeza. Ter um trailer parece frescura, mas, para as cenas noturnas, é maravilhoso. Eu tenho dormido pouco, três, quatro horas por dia. Quandonão estou filmando, entro no trailer e desabo.•

Você conseguiu enxergar alguma coisa em Salvador que não havia percebido antes e durante o processo?

Olha, posso falar de coisas específicas, tipo o universo do boxe na Bahia, que é muito mais difundido do que eu imaginava, e tem muito mais pessoas querendo ser boxeadores profissionais do que eu sabia. Conheci o Tião Bahia, que me treinou e é dono de uma academia de boxe em Salvador. Percebi que lá existe um universo enorme do boxe. Também não conhecia o mundo dos marítimos de Salvador, do porto, como funciona um barco. Mas de resto era bem meu território. Desde a época em que eu fazia teatro em Salvador, a pesquisa da gente era um pouco por aquela região. É um grupo formado por atores negros que busca através de espetáculos cômicos falar de temas sociais baianos.

Você e o Wagner Moura saíram de lá para fazer a peça *A Máquina* no Sudeste...

Fazer *A Máquina* já era um sonho, mas foi quando as pessoas começaram a notar nosso trabalho. A gente já sabia que isso dava certo na Bahia, mas não fazia idéia até que ponto isso poderia chegar. Sem falar que me possibilitou fazer cinema, de que sempre fui fã. Eu assistia a muito filme. No centro, a entrada custava 2 reais, eu economizava o dinheiro do lanche para ver filme. Era o que eu queria fazer, e de repente o cinema me abraçou.

Qual foi o seu primeiro filme?

O primeiríssimo foi *As Três Marias*. Vou dizer a seqüência: *O Homem do Ano*, *Madame Satã*, *O Homem Que Copiava*, *Carandiru*, *Nina*, *Quanto Vale ou É por Quilo*, *Cafundó*, *Meu Tio Matou Um Cara*, *Cidade Baixa*, *A Máquina* e *O Cobrador*, que eu fiz com o Peter Fonda. Acho que tem uns outros aí no meio que eu não lembro...

***Cinderela Baiana*...**

(*risos*) Esse foi na Bahia ainda, teve este, *Jenipapo* e *Sabor da Paixão*.

O filme que não fez nada para a carreira da Penélope Cruz nos Estados Unidos...

E ela tinha um sotaque estranho, um inglês esquisito... Mas quem sou eu para falar do inglês da Penélope Cruz! (*risos*) Hoje me viro bem, mas o meu inglês naquele filme é de qualquer lugar menos dos Estados Unidos. Na época eu não falava nada. Fui fazer o teste, encontrei o Wagner na sala e ele: "Vamos fazer o teste em inglês". Eu dizia que não falava nada, e ele insistia, "A gente decora". A gente passou no teste, mas no dia em que começamos a rodar o filme, a diretora, Fina Torres, olhou para nós e pediu para trocarmos o diálogo. Imagina meu desespero! E eu, "Waguinho, meu irmão!". Mas tudo deu certo...

O que a fascina tanto no cinema?

Olha, gosto de tudo. Gosto dos bastidores, da preparação, do tempo que a gente leva para montar as cenas – em cinema eu gosto de esperar, em televisão sempre tenho pressa. Mas, acima de tudo, é a sensação de eternidade... Se você fez uma cena ruim, vai ficar ali para sempre (*risos*).•

FILTRO

o guia de entretenimento

CINEMA 54
DVD & VÍDEO 64
TELEVISÃO 72
MÚSICA 76
LIVROS & HQS 78
GAMES 79
EQUIPAMENTOS 80

História verídica na África, a segunda chance de Bill Murray, o que rolou na TV paga em 2005, bandas estilosas nacionais e quadrinhos insanos para o Natal

IMAGEM

64

DVD & VÍDEO

HOTEL RUANDA

Don Cheadle tenta coordenar um hotel de luxo e salvar milhares de pessoas num drama tocante e verdadeiro

DIVULGAÇÃO

54

CINEMA

FLORES PARTIDAS

Bill Murray volta a procurar o amor para completar a vida superficial. Nada de Japão: ele percorre os EUA atrás de ex-namoradas e do filho desconhecido, sempre perseguido pela câmera de Jim Jarmusch

DIVULGAÇÃO

72

TELEVISÃO

FENÔMENOS

2005 marcou o início de dois fenômenos de audiência que estão ditando as tendências na TV por assinatura: *Lost* e *Desperate Housewifes*.

TRAMA

76

MÚSICA

NAÇÃO ZUMBI E CANSEI DE SER SEXY

Bandas nacionais abrem uma maior discussão sobre a importância do visual e da moda no rock

DIVULGAÇÃO

LIVROS

TOP 10

Numa cidade habitada por cidadãos poderosos, somente uma polícia igualmente forte poderia colocar ordem. Cortesia de Alan Moore e Gene Ha

Bill Murray pode não ter ficado com Scarlet Johansson, mas ninguém ouve o sujeito reclamar

FLORES PARTIDAS

Bill Murray percorre os Estados Unidos atrás do passado e de suas mulheres *Por Sérgio Rizzo*

BROKEN FLOWERS, EUA/FRANÇA, 2005. **DE** JIM JARMUSCH. **COM** BILL MURRAY, JULIE DELPY, JEFFREY WRIGHT, TILDA SWINTON, CHLOË SEVIGNY. 106 MIN. HTTP://BROKENFLOWERSMOVIE.COM/HOME.HTML EUROPA. **DRAMA/COMÉDIA**

Agora que ser "independente" agrega pontos ao currículo, um monte de gente sai por aí dizendo que é. Se um júri fosse examinar caso a caso para liberar ou não o uso do termo, o diretor e roteirista Jim Jarmusch poderia ser chamado para presidi-lo, por sua coerente trajetória no cinema independente de verdade – aquele que corre à margem do sistema industrial, pouco se importando com as regras e os milhões de dólares do mercado. Jarmusch permanece assim até mesmo quando se une, em *Flores Partidas*, a um braço "simpático" da indústria, a Focus Features, divisão da Universal que levou o Oscar de melhor filme com *O Pianista* e, nesta temporada, assina também produções de prestígio como *O Jardineiro Fiel* e *Brokeback Mountain*.

Quem anda circulando por esse universo recentemente é Bill Murray, e, não por acaso, adquirindo (ou aumentando, dependendo do ponto de vista) a aura de ator cult. Indicado para o Oscar por *Encontros e Desencontros*, de Sofia Coppola, produzido pela American Zoetrope de papai Francis, o astro de *Caça-Fantasmas* hoje não escolhe qualquer projeto para colocar a cara. Nas mãos de Jarmusch, Murray rende ainda mais e melhor como um aposentado que fez dinheiro em informática e, agora, passa o tempo confortavelmente diante da TV, se reunindo de vez em quando com o vizinho (Jeffrey Wright, ótimo) e sua adorável família, que não tem muito e ao mesmo tempo tem todo o necessário para ser feliz. Vida meio besta, tanto que a namorada (Julie Delpy) pula fora desse barco logo no início do filme. A inércia governaria esse mundo aborrecido não fosse a chegada de uma carta-bomba: nosso anti-herói, garante uma ex-namorada anônima, tem um filho que, hoje, é adulto e acaba de fugir de casa.

No lugar de obedecer ao desenvolvimento-padrão de uma trama detetivesca, Jarmusch e Murray fazem dessa jornada do pai em busca do filho – e, por tabela, de um homem que reavalia seu passado e os relacionamentos que manteve empoeirados no arquivo – uma comédia de humor negro com observações sociais impagáveis. Na jornada pelos Estados Unidos, o entediado ricaço se depara com todos os níveis de cultura e sociedade que formam o país – da Lolita sem pudores à namorada isolada com motoqueiros barra-pesada. Jarmusch ainda entrega uma excelente trilha sonora, uma participação-surpresa no final (repare bem na derradeira seqüência) e uma autêntica seiva de cinema independente.

NOTA: 8,5

O EXORCISMO DE EMILY ROSE

Filme mistura terror e suspense de tribunal na medida certa

THE EXORCISM OF EMILY ROSE, EUA, 2005. DE SCOTT DERRICKSON. COM LAURA LINNEY, TOM WILKINSON, CAMPBELL SCOTT, JENNIFER CARPENTER. 119 MIN. SONY. TERROR

Em 1975, a Igreja reconheceu o caso de possessão da jovem alemã Annaliese Michel. Morta durante um exorcismo, a tragédia ganhou as manchetes dos jornais locais depois que o padre responsável pelo ritual foi acusado de negligência e homicídio. Seria uma vítima de esquizofrenia ou ela estaria realmente sob o controle do demônio? Para discutir essas questões, Paul Harris Boardman e Scott Derrickson (que também dirige o longa) resolveram escrever o roteiro de *O Exorcismo de Emily Rose* com base nesse fato que gerou bastante controvérsia na época. Transportaram a ação para os dias de hoje e mudaram o nome da garota para Emily Rose. O resultado foi uma mistura de filme de terror com suspense de tribunal que prende a atenção do espectador e homenageia o estilo de clássicos do gênero como *A Profecia* e *O Exorcista* original.

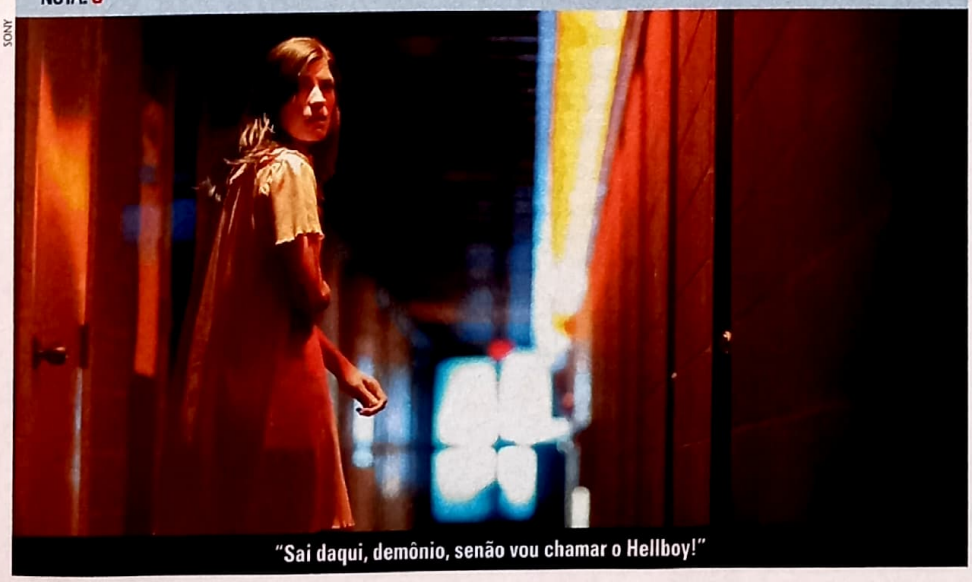
A atriz Laura Linney (que concorreu ao Oscar neste ano por sua atuação em *Kinsey*) interpreta a ambiciosa advogada Erin Bruner. Agnóstica, ela aceita meio que relutante defender o padre Moore (Tom Wilkinson) em troca de sociedade no escritório de advocacia no qual trabalha. Seu ceticismo é posto à prova confirme o caso avança e ela vai simpatizando com a figura de Moore. Assombrada por estranhos fenômenos, Erin revê suas crenças ao mesmo tempo em que procura descobrir uma forma de derrubar as provas científicas levantadas pelo promotor Ethan Thomas (Campbell Scott).

Contado em flashbacks, o espectador vai conhecendo toda a trajetória da jovem Emily (Jennifer Carpenter). Nascida de pais religiosos, ela passa a ser atormentada por visões demoníacas. A família então pede ajuda para Moore, que percebe a gravidade da situação. Apesar de alguns sustos previsíveis, o destaque do filme fica para a performance de Jennifer nas cenas de possessão – as seqüências na igreja ou no quarto com o namorado são de arrepiar.

Derrickson (que antes havia dirigido apenas um longa lançado direto em vídeo: *Hellraser – Inferno*) usou um estilo bem sóbrio ao alternar as cenas de tribunal com seqüências mais assustadoras. Para quem estava cansado de terror adolescente e refilmagem japonesa, *O Exorcismo de Emily Rose* surge como boa opção de "Dois em Um". Funciona como terror e também como suspense de tribunal. Uma boa surpresa. ***Ricardo Matsumoto***

NOTA: 8

SONY



"Sai daqui, demônio, senão vou chamar o Hellboy!"

NÃO PERCA TEMPO!!!
Faça sua compra de Natal sem sair de casa, pela mais nova e moderna loja Virtual de DVDs "Oliver Vídeo". Você pode comprar em até 06 vezes pelo seu cartão de Crédito Visa, sem valor mínimo
Entregamos para todo Brasil
Conheça e faça sua pré-venda pelo site:

Oliver Vídeo

www.oliverdvdvideo.com.br

Oliver Video

Pouso Alegre (35) 3421 2061
Itajubá (35) 3623 5391

IMOVISION

"Galego, você vai beber ou conversar?"

E SE FOSSE VERDADE...

JUST LIKE HEAVEN, EUA, 2005. DE MARK WATERS. COM RESEE WITHERSPOON, MARK RUFFALO, DONAL LOGUE, BEN SHENKMAN, JON HEDER. 95 MIN. WWW.JUSTLIKEHEAVEN-THEMOVIE.COM. UIP. COMÉDIA

Após duas vitórias seguidas em *Sexta-Feira Muito Louca* e *Meninas Malvadas*, filmes que equilibram bobagens juvenis com roteiros bem sacados, o diretor Mark Water deu uma bola fora. *E Se Fosse Verdade...*, como os dois anteriores, também tem uma história batida, mas não há personagens interessantes e ácidos. No melhor estilo "Novela das 7", o filme traz Reese Witherspoon, a Gabriela Duarte deles, como uma médica sem sal tão trabalhadora que morre sem amigos. Por alguma razão, o espírito da doutora fica preso a seu apartamento, alugado por Mark Ruffalo (tentando com afinco virar o Murilo Benício deles), um homem com o coração em frangalhos. Para poupar seu dinheiro: os dois se apaixonam e vivem felizes para sempre. Se quiser saber o que acontece no meio do caminho, boa sorte.

Rodrigo Salem

NOTA: 5,5

CINEMA, ASPIRINAS E URUBUS

BRASIL, 2005. DE MARCELO GOMES. COM PETER KETNATH, JOÃO MIGUEL, HERMILA GUEDES. 104 MIN. WWW.URUBUS.COM.BR. IMOVISION. DRAMA

Nos anos 40, um caixeiro viajante alemão, a serviço da Bayer, percorre o interior do Brasil para apresentar e vender a aspirina aos brasileiros. Por onde passa, o cenário é de miséria e muita pobreza, mas a acolhida e a cordialidade são enormes. Na companhia de um jovem nordestino que deseja tentar a vida no Sul, ele conquista mulheres, enfrenta mordidas de cobra e, com a entrada do país na Segunda Guerra Mundial, a desconfiança das autoridades. Peter Ketnath, no papel de Johann, e o baiano João Miguel no do mal-humorado Ranulpho compõem uma dupla tão diferente entre si quanto harmoniosa. Marcelo Gomes insere-se numa tendência do cinema mundial ao adotar a linguagem do documentário e resgata a tradição do Cinema Novo ao apontar a câmera para o interior do país sem se deslumbrar com o que vê.

Alessandro Giannini

NOTA: 9

DOOM

EUA, 2005. DE ANDRZEJ BARTKOWIAK. COM KARL URBAN, ROSAMUND PIKE, THE ROCK. 100MIN. WWW.DOOMOVIE.COM. UIP. AÇÃO

Hollywood tem certo fascínio em adaptar o conteúdo de outras mídias para as telonas. É só alguma história, livro, musical da Broadway ou jogo fazer sucesso que então contratam alguém para escrever o roteiro. Claro que algumas vezes funciona muitíssimo bem – já em outras. No caso de *Doom*, game de computador sobre soldados enviados para investigar o que ocorreu numa estação espacial, o resultado é uma canastrice sem tamanho. Atuações carregadas, personagens forçados e monstros malfeitos parecem servir de introdução para a realização de uma seqüência com pouco mais de 5 minutos, onde observamos um visual mais próximo do jogo – como se a câmera fosse os olhos do protagonista, que só enxerga sua arma e monstros para explodir a sua frente.

UIP

The Rock votou "não"

Roberto Larroude

NOTA: 3

PALAVRAS DE AMOR

BEE SEASON, EUA, 2005. DE SCOTT MCGEHEE E DAVID SIEGEL. COM RICHARD GERE, JULIETTE BINOCHE, FLORA CROSS, MAX MINGHELLA, KATE BOSWORTH. 104 MIN. WWW2.FOXSEARCHLIGHT.COM/BEESEASON/ FOX. DRAMA

Richard Gere já é difícil de convencer como namorado de Julia Roberts, imagine como professor de religião conceituado. Puro preconceito, claro. Se Gere não se destaca no delicado *Palavras de Amor*, ele passa longe de estragar a produção. Afinal, a responsabilidade cai em cima dos ombros da pequena Flora Cross, uma menina com o dom especial de soletrar e entender a raiz das palavras e que começa a ver a família desmoronar ao mesmo tempo em que é pressionada pelo pai a descobrir os segredos da Cabala. É uma mistura difícil de religião, drama familiar e romance, mas o caldo não entorna com a direção segura de Scott McGehee e David Siegel, mesmos do bom *Até o Fim*.

R.Sl.

NOTA: 7

PONTO CRÍTICO

	Alessandro Giannini Jornal da Tarde	Celso Sabadin Cinedclick/Rádio Eldorado	Chris Hewitt Empire	Christian Petermann Ver Vídeo/Guia da Folha	Marcelo Forlani Omelete	Maria Cândida Rede Record	Miguel Barbieri Jr. Veja São Paulo	Odair Braz Jr. Herói	Pablo Villaça Cinema em Cena	Sérgio Rizzo Guia da Folha/ UOL News	SET	MÉDIA
BEIJOS E TIROS	6	–	9	–	–	–	4	–	–	–	9	7
CIDADE BAIXA	8	7,5	–	8	–	8	5,5	7,5	7,5	7,5	8,5	7,5
DOMINO – A CAÇADORA DE...	–	3	6	–	8	–	2	–	–	7	8	5,5
HARRY POTTER E O CÁLICE...	5	8,5	6	6,5	9	–	6,5	8,5	–	7,5	8,5	7,5
MANDERLAY	7	7,5	–	7,5	–	8	7,5	–	8	6	2	6,5
MARCAS DA VIOLÊNCIA	9	–	8	9	8	9	7,5	9	8,5	7,5	9,5	8,5
MERGULHO RADICAL	2	–	7	3	7	–	2	7,5	–	4,5	6	5
O GALINHO CHICKEN LITTLE	–	5	–	6	–	7	2	8	5	–	5,5	5,5
OLIVER TWIST	–	–	4	5	–	8	7,5	–	4	–	6,5	6
TUDO ACONTECE EM ELIZABE...	–	–	6	4,5	7,5	6	6,5	6,5	–	4,5	4	5,5

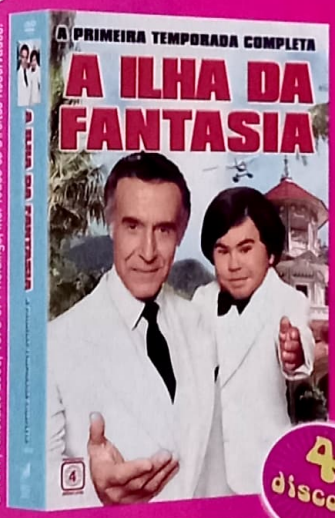
Os bons tempos voltaram.

GREY

E desta vez sem prazo para sair do ar.

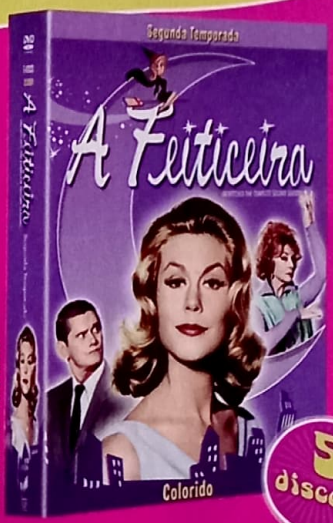
6 discos

© 1979, 1980 CPT Holdings, Inc. Todos os Direitos Reservados.



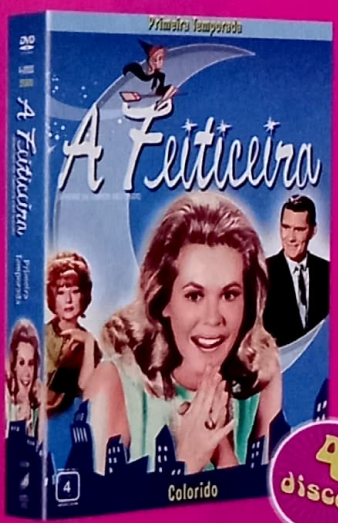
4 discos

© 1977, renovado 2005, 1978 CPT Holdings, Inc. Todos os Direitos Reservados.



5 discos

© 1964, 1965, 1966, renovadas 1992, 1993, 1994 CPT Holdings, Inc. Todos os Direitos Reservados.



4 discos

© 1964, 1965, renovada em 1992, 1993 CPT Holdings, Inc. Todos os Direitos Reservados.

Compre já o seu
e comece a sua coleção.

www.sonypictures.com.br

SONY PICTURES
HOME ENTERTAINMENT

OUTRAS ESTRÉIAS

• **TUDO EM FAMÍLIA** – Sarah Jessica Parker, em seu primeiro papel desde o fim de *Sex and the City*, sofre o pão que o diabo amassou ao aceitar o convite de passar o Natal na casa do namorado. Controladora e totalitária, ela entra em conflito com uma família eclética, liderada por Diane Keaton e Craig T. Nelson, e pede ajuda à irmã (Claire Danes) para enfrentar os "malucos" e a cunhada malvada (Rachel McAdams).

• **VOCAÇÃO PELO PODER** – Os diretores Eduardo Escorel e José Joffily acompanham as campanhas de seis estreantes a candidatos a vereador no Rio de Janeiro. O documentário mostra a esperança e um lado pouco visto da política nos horários gratuitos.

• **O PRAZER É TODO MEU** – Mulher independente e realizada em todos os âmbitos da vida resolve apresentar o namorado aos pais, mas, por alguma razão, ela pára de sentir prazer no sexo e se desespera para recuperar.

• **XUXINHA E GUTO CONTRA OS MONSTROS DO ESPAÇO** – Uma boa notícia para os cinéfilos: vocês não terão Xuxa nas telonas neste fim de ano. A má notícia: vocês terão Xuxa desenhada nos cinemas. Como não pode ficar mais jovem no mundo real, a apresentadora volta uns trinta anos no tempo, vira animação e ajuda um garotinho a salvar o mundo de uma invasão alienígena.

AS CRÔNICAS DE NÁRNIA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA

THE CHRONICLES OF NARNIA: THE LION, THE WITCH AND THE WARDROBE, EUA, 2005. DE ANDREW ADAMSON. COM GEORGIE HENLEY, SKANDAR KEYNES, WILLIAM MOSELEY, ANNA POPPLEWELL, TILDA SWINTON, JAMES MCAVOY. 135 MIN. WWW.NARNIA.COM. BUENA VISTA. **AVENTURA**

As Crônicas de Nárnia não é "o novo *O Senhor dos Anéis*". *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, primeiro dos sete livros da série de C.S. Lewis a ser adaptado, é uma aventura ingênua – feiticeiras más, bichinhos falantes e cavaleiros em armadura. A história dos quatro irmãos destinados a cumprir uma profecia e livrar uma terra encantada do mal não carrega nas tintas épicas como os filmes de Peter Jackson. O diretor Andrew Adamson entende que não existe lugar para imitações e não entra no território de Tolkien: a opção do cineasta neozelandês explorar a força do texto de Lewis, a metáfora cristã. Visto assim, fica fácil entender os conceitos que desfilam em pouco mais de duas horas de projeção: sacrifício, traição, sedução, morte e ressurreição. Tudo encapsulado na saga do leão divino Aslam em livrar Nárnia do jugo da Feiticeira Branca – contando, para isso, com a ajuda dos "dois filhos de Adão, duas filhas de Eva". Declaradamente uma fábula infantil, *As Crônicas de Nárnia* ganhou um prólogo que ajuda a dar o tom da aventura – numa Londres bombardeada pelos nazistas em plena Segunda Guerra – e uma batalha campal com milhares de criaturas. Sim, o filme é um espetáculo, mas a favor de uma boa história, que Adamson conta com honestidade e paixão. Coisa que a gente não via em um blockbuster desde que Frodo deu cabo de um certo Anel...

Roberto Sadovski

NOTA: 8

BUENA VISTA

Por onde andava este pessoal quando Frodo precisava?

TODAS AS CRIANÇAS INVISÍVEIS

ALL THE INVISIBLE CHILDREN, ITÁLIA, 2005. DE VÁRIOS. COM FRANCISCO ANAWAKE, MARIA GRAZIA CUCINOTTA, DAMARIS EDWARDS, VERA FERNANDEZ, HAZELLE GOODMAN. 116 MIN. WWW.ALLTHEINVISIBLECHILDRENMOVIE.COM PARIS FILMES. **DRAMA**

Como a grande parte dos filmes coletivos, ou de antologia, este também não foge ao limite da irregularidade. Tendo as crianças como tema central, os sete segmentos mostram situações vividas por meninos e meninas de várias nacionalidades e diferentes situações sociais em algumas partes do mundo. Mehdi Charef, Emir Kusturica, Spike Lee, Jordan & Ridley Scott, Stefano Veneruso, John Woo e a brasileira Kátia Lund transformam esse exercício, cada um a seu modo, numa curiosa montanha-russa de sensações. Os altos ficam por conta dos episódios de Kusturica (Blue Gipsy), dos irmãos Scott (Jonathan) e de Kátia (Bilu e João), que mostra como um casal de amigos ganha a vida na rua durante uma madrugada. ***A.G.***

NOTA: 7

PARIS FILMES

Criança mostra a utilidade do plástico

QUERIDA WENDIE

DEAR WENDY, DINAMARCA/FRANÇA/ALEMANHA/INGLATERRA, 2005. DE THOMAS VINTERBERG. COM JAMIE BELL, BILL PULLMAN. 105 MIN. CALIFÓRNIA. **DRAMA**

O cineasta dinamarquês Lars von Trier é hoje em dia, ao lado de Michael Moore, o crítico mais polêmico e radical dos EUA, como denotam seus filmes *Dogville* e *Manderlay* e o roteiro deste, dirigido por seu amigo Thomas Vinterbergh (*Festa de Família*). O que se tem aqui é uma fantasia sobre o poder de fascínio das armas de fogo. Numa cidade de tempo e espaço indeterminados, o dândi enrustido Dick Dandelion (Jamie Bell) acaba de posse de um revólver, pelo qual se apaixona e que passa a chamr de Wendy. Ele funda um clube de adoração às armas com outros jovens outsiders como ele. Nesta primeira metade, o filme é instigante, com várias cenas "chapantes" ao som de canções dos Zombies. Mas a reviravolta imaginada por Von Trier quebra o movimento da trama e não resolve muito bem seu desenlace trágico. Mesmo assim, a cena final, toda relacionada com a onipresente narração em off de Dick Dandelion, é antológica. ***C.P.***

NOTA: 7,5

A GENTE PENSA EM CINEMA O ANO INTEIRO. PRINCIPALMENTE NO NATAL.

Na 2001 você encontra o maior acervo de filmes em DVD para dar de presente neste Natal. E também encontra um atendimento especial, feito por quem conhece cinema de verdade, para ajudar você a encontrar o filme certo. O cinema e o Natal estão na 2001.

o cinema está aqui

2001 Vídeo Pinheiros - Av. Pedroso de Moraes, 1241 - Pinheiros - Tel.: (11) 3816 7666 • **2001 Vídeo Paulista** - Av. Paulista, 726 - Bela Vista - Tel.: (11) 3251 1044 • **2001 Vídeo Sumaré** - Av. Sumaré, 1744 - Perdizes - Tel.: (11) 3873 2017 • **2001 Vídeo Cidade Jardim** - Av. Cidade Jardim, 1000 - Jd. Europa - Tel.: (11) 3093 3366 • **2001 Vídeo Washington Luis** - Av. Washington Luis, 1708 - Jd. Marajoara - Tel.: (11) 5687 0911

Televendas: (11) 3093 3377.

www.2001video.com.br

IMAGEM

Cheadle: interpretação forte e indicado para o Oscar em um filme-denúncia

HOTEL RUANDA

Filme vigoroso retrata genocídio pouco conhecido que aterrorizou a África *Por Alfredo Sternheim*

HOTEL RWANDA, ÁFRICA DO SUL/INGLATERRA, 2004. **DE** TERRY GEORGE. **COM** DON CHEADLE, SOPHIE OKONEDO, NICK NOLTE, JEAN RENO. 121 MIN. DVD/VHS IMAGEM. **DRAMA**

Existem ótimos filmes que logo após o final deixam uma desagradável sensação de culpa ao espectador. Este sente-se mal por ter, de uma maneira ou de outra, se omitido a respeito do que viu. Como *Gritos do Silêncio* e *Um Grito de Liberdade*, entre outros, *Hotel Ruanda* também passa esse sentimento. Claro que a maior parte do público não poderia ter feito nada para impedir os verídicos fatos relatados. E nesse caso, mal ficamos sabendo do que aconteceu em 1994, tamanha foi a discrição da mídia a respeito. O longa expõe a luta obstinada de um homem para salvar vidas durante o conflito civil em Ruanda, África, que em cerca de 100 dias teria causado aproximadamente um milhão de mortes. Tudo em decorrência de posturas étnicas divergentes. Uma luta fratricida entre hutus e tutsies que se intensificou logo após o assassinato do presidente do país, naquele ano. A brutalidade se instala na capital Kigali onde o hutu Paul Rusesabagina (o excelente Don Cheadle em atuação indicada para o Oscar), casado com uma tutsi (Sophie Okonedo), se preocupa inicialmente em salvar a família. Depois, essa atitude arriscada e involuntariamente heróica se amplia e alcança uma centena de pessoas que ele acomoda no Mille Collines, o luxuoso hotel belga do qual era gerente. Ao mesmo tempo em que clama diante da ausência de uma ajuda mais efetiva por parte dos militares da ONU, Paul tenha ganhar tempo visando retirar dali o maior número de pessoas. Por isso, passa a contemporizar com os líderes dos algozes usando os meios que dispunha (inclusive bebidas importadas como suborno). Essa luta individual que em outras mãos poderia propiciar uma aventura triunfalista, rendeu um filme autenticamente político que jamais resvala na retórica bombástica, na análise de valores. Nada surpreendente tendo em vista que seu diretor e roteirista Terry George se fez notar em1993 como co-roteirista de *Em Nome do Pai*, clássico que passa pela luta entre os ingleses e o movimento IRA na Irlanda contemporânea. Continuando fiel às suas preocupações com as conseqüências das guerras internas, e sem detalhar a violência de certas situações, esse irlandês obstinado e humilde na forma fez de *Hotel Ruanda* um retrato vigoroso e tocante de um genocídio esquecido ou ignorado pelo mundo ocidental. Uma proeza.

FILME: 9 **EXTRAS:** N.A.

HOMENS – MODO DE USAR

COMPLETE GUIDE TO GUYS, EUA, 2005. **DE** JEFF ARCH. **COM** MEGAN WEST, GREGG AVEDON. 82 MIN. DVD/VHS FOCUS. **COMÉDIA**

Pseudodocumentário que deverá agradar aos órfãos do extinto *TV Pirata* (e admiradores de comédias malucas na linha de *As Amazonas da Lua*). Entrevistados e "autoridades médicas" (entre estas, John Cleese, ex-integrante do Monty Phyton, que interpreta um psicólogo canastrão) tentam compreender a complexa natureza do "cara" – o tipo de homem que detesta discutir a relação e considera o Nirvana um campeonato de videogames regado a pizza e cerveja. O ritmo televisivo não depõe contra a inteligência do roteiro, calcado em piadas que brotam da perspicaz observação do comportamento humano. Não custa experimentar. ***E.T.***
FILME: 7 **EXTRAS:** N.A.

A VIDA SECRETA DOS DENTISTAS

THE SECRET LIVES OF DENTISTS, EUA, 2002. **DE** ALAN RUDOLPH. **COM** CAMPBELL SCOTT, HOPE DAVIS. 101 MIN. DVD/VHS EUROPA. **DRAMA**

O drama de Alan Rudolph, talentoso discípulo do mestre Robert Altman, apresenta uma abordagem singular e metafórica de uma crise conjugal protagonizada por dentistas (Scott e Davis, premiada pela crítica de Nova York junto com o roteiro). O casal trabalha no mesmo consultório e vive num lar aconchegante ao lado das três filhas pequenas. A crise irrompe quando ele começa a desconfiar da fidelidade da companheira e decide levar a situação em banho-maria, esperando ver no que vai dar. Age como um sujeito que sabe que seu dente está cariado, mas só toma providência quando o mesmo começa a doer. Um eficiente recurso narrativo, já usado por Woody Allen em *Sonhos de Um Sedutor*, transforma um paciente inconveniente (Leary) no alter ego invisível do protagonista. Quando ele surge do nada para palpitar nas situações mais agudas, a coisa fica mais divertida. ***Roberto Pujol***
FILME: 8 **EXTRAS:** N.A.

EUROPA

Scott: crise conjugal

UNIVERSAL

Espiada: passagem para outro mundo

A CHAVE MESTRA

THE SKELETON KEY, EUA, 2005. **DE** IAIN SOFTLEY. **COM** KATE HUDSON, GENA ROWLANDS. 104 MIN. DVD/VHS UNIVERSAL. **SUSPENSE**

Como que por milagre, este filme de terror ianque não é refilmagem de um exemplar japonês. Também não é um remake de algum "clássico" americano, e muito menos uma continuação. Se só por isso já merecia mérito, *A Chave Mestra* traz ainda uma trama bem amarradinha que, embora desapareça da memória segundos após os créditos finais, não ofende durante a projeção. Kate Hudson é uma enfermeira que, desiludida com o tratamento de carne de açougue dado a pacientes terminais num hospital, aceita cuidar de uma vítima de derrame que mora com a mulher numa mansão em meio aos pântanos de Nova Orleans. Com a sugestão de que o lugar é assombrado por escravos que praticavam magia negra, aos poucos Kate substitui seu ceticismo pela crença de que existe, de fato, algo além do plano físico em ação – o que poderá ter conseqüências catastróficas. ***Roberto Sadovski***
FILME: 6 **EXTRAS:** N.A.

TERRA DOS MORTOS

George Romero continua sua famosa saga dos zumbis com estilo e muito bom humor

LAND OF THE DEAD, EUA, 2005. **DE** GEORGE A. ROMERO. **COM** ASIA ARGENTO, DENNIS HOPPER, JOHN LEGUIZAMO. 93 MIN. DVD/VHS UNIVERSAL. **TERROR**

Quando George Romero deu início à sua influente e ultra-imitada "saga dos mortos-vivos", o mundo estava mergulhado em guerras e conflitos raciais. Pouca coisa mudou de lá para cá, apesar das aparências – e, por conta desse fator, as metáforas elementares do cineasta (para quem os zumbis são uma "força transformadora" em choque com os dogmas sociais) continuam válidas. Nesta produção mais bem-acabada e com alguns nomes famosos no elenco (Hopper, John Leguizamo e Asia – que é filha de outro mestre do terror, o diretor Dario Argento), o planeta ameaçado por zumbis está à beira do caos. Os humanos aprenderam a conviver com a desgraça e até usam algumas das criaturas como atrações em shows sensacionalistas – e grupos paramilitares fortemente armados lucram alto detendo o avanço dos cadáveres ambulantes. Alguns ricaços resistem aos monstros isolando-se em condomínios fechados, mas nenhuma cerca eletrificada ou sistema de segurança será suficiente para impedir o pior. Depois de *Shawn of the Dead* (ou se preferir o horrendo título nacional, *Todo Mundo Quase Morto*), é difícil encenar uma história como esta sem recorrer ao humor – e isso, *Terra dos Mortos* tem de sobra. Um filme nojento, tenso e ocasionalmente engraçado, como os melhores títulos que levam a assinatura do realizador.
Eduardo Torelli
FILME: 7 **EXTRAS:** N.A.

UNIVERSAL

Elenco frio: turma dos mortos-vivos reivindicam melhores condições de trabalho

TEST DRIVE ESPECIAL

UMA LUZ SOBRE O MORCEGO

Edições especiais caprichadas revelam bastidores da série *Batman* Por Roberto Sadovski

DIVULGAÇÃO

As faces do herói: Keaton em frente do Batmóvel e ao lado de DeVitto nos dois primeiros filmes, Kilmer em *Batman Eternamente* e Clooney e O`Donnell em *Batman & Robin*

BATMAN, EUA, 1989. DE TIM BURTON. COM MICHAEL KEATON, JACK NICHOLSON. 126 MIN. DVD WARNER. ***BATMAN RETURNS***, EUA, 1992. DE TIM BURTON. COM MICHAEL KEATON, DANNY DEVITO. 126 MIN. ***BATMAN FOREVER***, EUA, 1995. DE JOEL SCHUMACHER. COM VAL KILMER, JIM CARREY, TOMMY LEE JONES. 122 MIN. DVD WARNER. ***BATMAN & ROBIN***, EUA, 1997. DE JOEL SCHUMACHER. COM ARNOLD SCHWARZENEGGER, GEORGE CLOONEY. 125 MIN. DVD WARNER. **AVENTURA**

Os quatro primeiros longas do Homem-Morcego foram lançados no Brasil na primeiríssima fornada de DVDs que a Warner colocou no mercado – mas, de tão toscos, *Batman*, *Batman – O Retorno*, *Batman Eternamente* e *Batman & Robin* nem sequer traziam um trailer. Para compensar a sede dos fãs, as novas edições especiais dos quatro filmes chegam em versões para lá de caprichadas, em discos duplos, com documentários que não só explicam o processo de criação de uma das séries mais lucrativas do cinema moderno – retomada este ano com o impecável *Batman Begins* –, como também esmiuçam as mudanças radicais no modo de vender um filme (ou um "produto) nos últimos quinze anos.

O DVD mais caprichado é, claro, *Batman*, de 1989. Além de um documentário sobre a criação do personagen nos quadrinhos – e ainda acerca da história da arte seqüencial –, o segundo disco traz também as três primeiras partes do especial *As Sombras do Morcego*, com depoimentos recentes de todos os envolvidos na criação do filme que se tornou um fenômeno. O produtor Michael Uslam explica como adquiriu os direitos do personagem para o cinema e sua luta de dez anos para levá-lo ao cinema – com ênfase para a batalha contra a percepção popular de que o Homem-Morcego ainda era representado pela série de TV dos anos 60. A certa altura, ele conta que Bill Murray e Eddie Murphy foram cogitados para o papel de Batman e Robin. A estruturação da produção é lembrada por Peter Guber, que fez o filme tomar vida na Warner, e que também revela que, sem o envolvimento de Tim Burton, *Batman* jamais deixaria de ser apenas uma idéia.

Outros especiais abordam, não só no longa de 1989, mas também nos outros três filmes, detalhes de cada produção, como o visual de cada aventura, figurino, maquiagem e, claro, a construção de cada Batmóvel (você sabia que as botas de Michael Keaton em *Batman* eram da Nike?). Com a recepção fria de *Batman – O Retorno*, no qual Burton experimentou total liberdade artística para uma bilheteria abaixo do esperado pelo estúdio, *As Sombras do Morcego* aborda a subseqüente mudança de tom da série, quando ela foi para as mãos de Joel Schumacher com *Batman Eternamente* (Tim Burton conta que estava com a idéia para um terceiro filme pronta quando foi polidamente afastado da série pela própria Warner).

O triunfo comercial de *Eternamente* foi seguido pelo assumidamente infantil *Batman & Robin* – que ainda deu origem ao documentário mais fascinante: afinal, você já viu um diretor se desculpando literalmente pelo filme que fez? Schumacher conta que a intenção do estúdio com a aventura protagonizada por George Clooney e Arnold Schwarzenegger era mesmo vender brinquedos com a marca do morcego, mas assume totalmente a responsabilidade pelo fracasso artístico e comercial da empreitada. Todos os extras são legendados, e os filmes também estão disponíveis com dublagem em português.

BATMAN (EXTRAS): 9
BATMAN – O RETORNO (EXTRAS): 8
BATMAN ETERNAMENTE (EXTRAS): 8
BATMAN & ROBIN (EXTRAS): 8

A ILHA DA FANTASIA – A PRIMEIRA TEMPORADA COMPLETA

FANTASY ISLAND, EUA, 1978. COM RICARDO MONTALBAN, HERVÉ VILLECHAIZE. 775 MIN. DVD SONY. DRAMA

"O avião, o avião!", gritava o baixinho Tattoo (Hervé Villechaize) cada vez que uma nova trupe de ricos fúteis desembarcava na localidade do título, capitaneada pelo misterioso sr. Roarke (Ricardo Montalban). A idéia desta telessérie era bárbara: os episódios mostravam que nossos grandes sonhos, quando realizados, podiam se converter em pesadelos – mas tudo era encenado de forma leve e meio engraçada, sem um pingo de pretensão. É melhor conferir a versão original, que está saindo em DVD no Brasil, do que perder tempo assistindo ao pavoroso remake com Malcolm McDowell (*Laranja Mecânica*) no papel do ilusionista Rourke. ***E.T.***

FILME: 7,5 EXTRAS: N.A.

SONY

Dupla dinâmica: clássico da TV

COM A MALDADE NA ALMA

HUSH... HUSH, SWEET CHARLOTTE, EUA, 1964. DE ROBERT ALDRICH. COM BETTE DAVIS, OLIVIA DE HAVILLAND. 133 MIN. DVD FOX. SUSPENSE

O crítico e cineasta Peter Bogdanovich observou que, independentemente do gênero, os filmes de Robert Aldrich (1918-1983) são carregados de ira. E este não foge à regra. Segue a fórmula de *O Que Terá Acontecido a Baby Jane?* que fez dois anos antes com Bette Davis e Joan Crawford. Daí ter escalado a mesma dupla. Mas Crawford adoeceu no início da filmagem e foi substituída por Olivia de Havilland. Como a prima Miriam, ela acrescentou uma peculiar suavidade ao clima perverso e ressentido da mansão onde vive a solteirona Charlotte (Davis, sempre magnífica), suspeita de ter assassinado o noivo (Bruce Dern) na juventude. Neste drama gótico em preto-e-branco, o cineasta mantém a tensão do início ao fim, tirando grande partido da música de De Vol, em especial daquele coro infantil. ***A.S.***

FILME: 8 EXTRAS: N.A.

COLUMBIA

Exemplar espanhol: aparições

A MALDIÇÃO

LA MONJA/THE NUN, ESPANHA, 2005. DE LUIS DE LA MADRID. COM BELÉN BLANCO, ORIANA BONET. 95 MIN. DVD/VHS PARIS. SUSPENSE

Terror espanhol (mas dublado em inglês) que não se sai mal ao copiar a estética dos filmes do gênero realizados nos EUA. Faltam à história, porém, dois elementos que têm assegurado o êxito das fitas terroríficas em tempos recentes: dinamismo e uma pitada de humor. Apesar da falta de tensão e dos diálogos solenes, a trama tem momentos intrigantes – particularmente, os que assinalam as aparições do "fantasma" da história: o espírito de uma freira que persegue grupo de jovens egressas de um internato. Não é a maior invenção desde a penicilina, mas os aficionados pelo filão poderão gostar. ***E.T.***

FILME: 6 EXTRAS: N.A.

PARAMOUNT

Adaptação teatral: ação durante um plantão policial

CHAGA DE FOGO

Produção modesta de William Wyler coloca Kirk Douglas em um drama sufocante

DECTETIVE STORY, EUA, 1951. DE WILLIAM WYLER. COM KIRK DOUGLAS, ELEANOR PARKER, WILLIAM BENDIX, LEE GRANT. 103 MIN. DVD PARAMOUNT. DRAMA

Nas décadas de 40 e 50, os diretores precisavam se submeter aos rigores dos grandes estúdios tanto quanto aos prazos e custos, como também na criação. Porém, havia alguns que, por conta do merecido prestígio alcançado com seus filmes, desfrutavam de autonomia nesse aspecto. William Wyler (1902-1981) pertenceu a essa minoria. Geralmente, ele mesmo escolhia o argumento que desejava levar à tela. Mas mesmo trabalhando às vezes sob encomenda, esse cineasta três vezes laureado com o Oscar tinha o poder total na edição final e na escolha do elenco. E nessa área, atuar com ele era o sonho de muitos intérpretes; afinal, mais de trinta ganharam prêmios sob a sua direção, carregadas de emotividade tanto nos épicos (*Ben-Hur*) como nos romances (*A Princesa e o Plebeu*) ou ainda em produções modestas. Caso de *Chaga de Fogo*. Adaptada de uma peça de Sidney Kingsley, passa-se apenas durante o plantão de uma delegacia de polícia. A jornada permite a aparição de vários protótipos do comportamento humano. Como um humilde trapaceiro, dois fanfarrões violentos, a serena e refinada judia (Lee Grant em atuação premiada em Cannes) detida por roubar em uma loja e o obstinado detetive McLeod (Kirk Douglas). Este ocupa mais tempo na trama. Radical na sua intolerância com os deslizes de condutas, ele se vê perturbado por uma situação que envolve a sua apaixonada esposa Mary (Eleanor Parker, magnífica, em trabalho indicado para o Oscar). Wyler não se preocupou muito em disfarçar a origem teatral do argumento (só três cenas foram feitas fora do ambiente principal). Mesmo assim, de forma seca e apoiando-se mais nos diálogos e nos atores, ele fez com esse mosaico de defeitos e virtudes um drama ainda hoje sufocante. Em preto-e-branco. ***Alfredo Sternheim***

FILME: 8 EXTRAS: N.A.

2 FILHOS DE FRANCISCO

Grande sucesso chega em DVD caça-níquel

BRASIL, 2005. DE BRENO SILVEIRA. COM ÂNGELO ANTÔNIO, DIRA PAES, PALOMA DUARTE, DABLIO MOREIRA, MARCO HENRIQUE. 119 MIN. DVD COLUMBIA. DRAMA

Confesso: nunca gostei das músicas de Zezé Di Camargo e Luciano, nem de qualquer outra sertaneja. Mas o filme que conta a sofrida história de vida da família liderada por Francisco (Ângelo Antônio, excepcional) é realmente surpreendente e muito bem comandada pelo diretor Breno Silveira. Sonhando em melhorar a vida de sua mulher e filhos, ele praticamente obriga seus rebentos a aprender o ofício musical. Neste lançamento em DVD, infelizmente, o capitalismo natalino falou mais alto e o disco simples não vem com extras condizentes com a qualidade do longa: um making of de pouco mais de vinte minutos, com muitos depoimentos da equipe técnica e elenco, é quase obrigatório hoje em dia. Mas neste caso fica a impressão de que não havia tempo hábil para se fazer algo mais elaborado. Já um minidocumentário sobre a dupla de cantores é uma espécie de complemento para o filme e deve agradar justamente aos fãs. As cenas excluídas, que geralmente só servem para mostrar o que ficou de fora da versão final e nem sempre são interessantes, parecem mais recheio de espaço na tela de menu por causa da pequena quantidade. Em compensação, os sempre engraçados erros de filmagem – mesmo que poucos – ganharam uma edição ágil que os torna ainda mais divertidos. Para quem está interessado em adquirir o DVD, saiba que já está planejado para o ano que vem uma edição especial, muito provavelmente dupla, com muitos outros extras. Quem sabe até com uma "versão do diretor". *Roberto Larroude*

FILME: 8,5 EXTRAS: 5

COLUMBIA

Antônio e os garotos: fenômeno de público em lançamentos relâmpagos

NÃO SOMOS ANJOS

WE'RE NO ANGELS, EUA, 1955. DE MICHAEL CURTIZ. COM HUMPHREY BOGART, ALDO RAY. 105 MIN. DVD PARAMOUNT. COMÉDIA

A mesma peça serviu de base para o filme homônimo que Neil Jordan fez em 1986 com Robert De Niro. Mas o ambiente é outro, é a Guiana Francesa de 1985 que dá um charme especial a esta comédia sobre três fugitivos do presídio da Ilha do Diabo. Omitindo essa condição, eles vão parar na casa de uma família e acabam tendo maior participação na vida problemática que levam. A direção do húngaro Michael Curtiz, que fez cerca de 170 filmes (mas só é lembrado por *Casablanca*) é leve e dinâmica, coerente com o sarcasmo e o humor negro do enredo. Ele só não obteve maior proveito de Humphrey Bogart (Joseph) que não parece à vontade, destoando do resto do elenco, ágil e divertido. É verdade que o ator já lutava contra o câncer que o mataria em janeiro de 1957. *A.S.*

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

REPRODUÇÃO

VEJA FORREST, ESTE É OSMENT...

Antes de assombrar o público em *O Sexto Sentido*, Hale Joel Osment começou sua carreira cinematográfica em *Forrest Gump – O Contador de Histórias*. O astro mirim interpreta o filho do personagem-título, que aparece apenas no final do filme. A dica foi enviada pelos leitores Deborah Dias e Rodrigo Santos Barbosa.

Se você souber de alguma cena ou curiosidade vista em algum filme lançado em DVD, envie um e-mail para ricardo.matsumoto@edpeixes.com.br ou envie uma carta para Caixa Postal 27020, CEP 04007-990 São Paulo - SP, escrevendo no envelope SEÇÃO CINEMA EM CASA.

AS AVENTURAS DE SHARKBOY E LAVAGIRL

THE ADVENTURES OF SHARK BOY AND LAVA GIRL, EUA, 2005. DE ROBERT RODRIGUEZ. COM TAYLOR LAUTNER. 92 MIN. DVD/VHS. COLUMBIA. AVENTURA

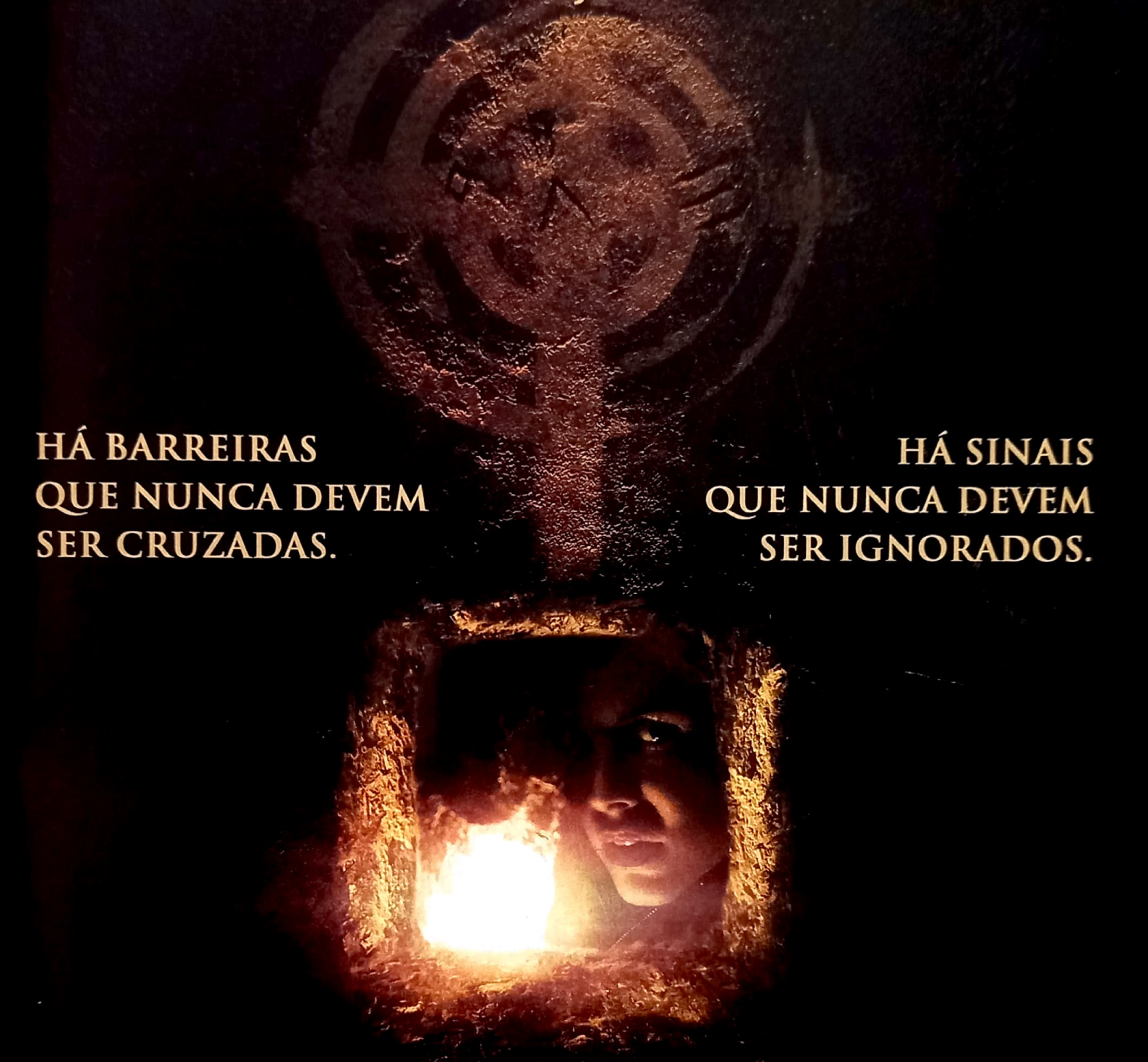
Esta nova aventura familiar do cineasta Robert Rodriguez promete render outra franquia e repetir o fenômeno de *Os Pequenos Espiões*. A fórmula é a mesma: crianças na pele de heróis destemidos, doses cavalares de ação e fantasia, overdose de trucagens especiais. Vale avisar que o filme sai em duas versões, 2D e 3D, sendo que a última traz aqueles tradicionais óculos que tornam os feitos tridimensionais (que são muitos) mais legais. A trama gira em torno de um garoto com imaginação excessiva que é recrutado para participar de uma aventura fantástica e perigosa ao lado dos super-heróis mirins do título, que ele mesmo criou. Diversão garantida para a criançada, mas nem tanto para os adultos, o filme foi desenvolvido a partir de uma idéia do filho do diretor, de apenas sete anos. Essa família vai longe... *R.P.*

FILME: 7 EXTRAS: N.A.

COLUMBIA

Aventura tridimensional: diversão

A TEMPORADA COMEÇA NA SEXTA-FEIRA 13!



HÁ BARREIRAS
QUE NUNCA DEVEM
SER CRUZADAS.

HÁ SINAIS
QUE NUNCA DEVEM
SER IGNORADOS.

ESCURIDÃO
(The Dark)

ESTRÉIA
SEXTA-FEIRA
13 DE JANEIRO

SUMMIT
ENTERTAINMENT

PlayArte
PICTURES

PROMOÇÃO

GUERRA DOS MUNDOS

VOCÊ PREFERE A VERSÃO CLÁSSICA OU A REFILMAGEM? POR QUÊ?

Regulamento:
1. Participação: 1.1 - O premiado será o autor da criação. 1.2 - Só terão direito aos prêmios as cartas com todos os dados do autor (nome, endereço completo e e-mail quando houver) preenchidos de forma legível, com letras de fôrma ou impressa, enviadas pelo correio para Caixa Postal 27.020 - CEP 04007-990 - São Paulo, pelo e-mail: promoset@edpeixes.com.br 1.3 - Ou pessoalmente na Rua Helena, 260, 4º andar - Vila Olímpia - São Paulo; até o dia 06/01/2006. 2. Critérios: 2.1 - Para participar, o concorrente deverá enviar pelo e-mail de Promoções da revista SET, utilizando no máximo 5 (cinco) linhas, a resposta à pergunta: "Você prefere a versão clássica ou a refilmagem? Por quê?". 2.2 - O texto deverá ser apresentado obrigatoriamente em língua portuguesa. 2.3 - A avaliação será baseada nos seguintes critérios e pela ordem: criatividade e adequação ao tema. 2.4 - A avaliação final e a escolha definitiva dos ganhadores acontecerá no dia 13/01/2006. 3. Premiação: 3.1 - Serão escolhidas as 10 (dez) melhores respostas, cuja colocação será estabelecida pela comissão julgadora e de acordo com a resposta enviada. 3.2 — Os ganhadores receberão, de acordo com sua escolha, um DVD do filme (clássico ou novo). 3.2 - Os prêmios serão enviados pelo correio até 45 dias após a publicação dos resultados. 4. Divulgação: 4.1 - Os ganhadores serão notificados por meio de um anúncio, publicado na revista SET de fevereiro de 2006. 4.2 - Os participantes vencedores desse concurso autorizam automaticamente a Editora Peixes a usar suas imagens, nomes e vozes em: fotos, cartazes, filmes e/ou spots, e em qualquer outro tipo de mídia e peças promocionais para a divulgação do resultado da promoção, além de concordarem automaticamente com a cessão dos direitos autorais eventualmente existentes sobre os textos premiados à Editora Peixes e à Paramount Home Video , sem nenhum ônus para que os organizadores desse concurso possam fazer uso desse material livremente e da forma que melhor lhes convier. 5. Considerações: 5.1 - Esse concurso tem caráter exclusivamente cultural, não estando vinculado à compra de produtos, nem subordinado a qualquer modalidade de sorte ou sorteio (art. 30 do Decreto-Lei Nº 70952/72). 5.2 - Quaisquer dúvidas, divergências ou situações não previstas nesse regulamento serão julgadas e decididas de forma soberana e irrecorrível pela comissão julgadora. 5.3 - É vedada a participação de funcionários (parentes e familiares) da Editora Peixes, e de quaisquer outras pessoas envolvidas na organização desse concurso.

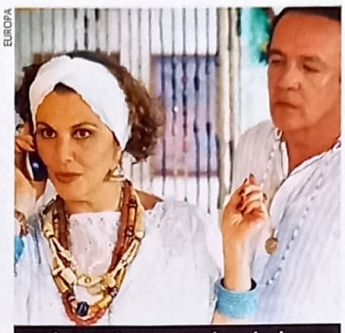
PROMOÇÃO: EDITORA PEIXES — Paramount

UMA NOITE DE FÚRIA

SANTA'S SLAY, EUA, 2005. DE DAVID STEIMAN. COM BILL GOLDBERG, DOUGLAS SMITH. 93 MIN. DVD/VHS FLASHSTAR. COMÉDIA

Este merece entrar para a lista dos "Dez filmes mais estranhos já produzidos". E o lançamento é oportuno, pois estamos às vésperas do Natal. Trata-se de uma comédia de horror protagonizada por ninguém menos que o Papai Noel – que, segundo o filme, é uma espécie de demônio obrigado a ser bonzinho durante mil anos, por ter perdido uma aposta com um anjo. Agora que a aposta expirou, ele está novamente livre para aterrorizar e matar. Então, tá. Na verdade, a piada dura uma única cena – a de abertura, em que James Caan, Fran Drescher e Chris Kattan são trucidados pelo bom velhinho. O resto é rotina. ***E.T.***

FILME: 5 EXTRAS: N.A.



EUROPA

Irene e Latorraca: chanchada

VIVA SAPATO!

BRASIL, 2004. DE LUIZ CARLOS LACERDA. COM JORGE SANZ, LAURA RAMOS, IRENE RAVACHE. 94 MIN. DVD/VHS EUROPA. COMÉDIA

A comédia de Luiz Carlos Lacerda (*For All – O Trampolim da Vitória*) embaralha o destino de brasileiros e cubanos na tentativa de lançar um olhar zombeteiro sobre as particularidades sociais/culturais de cada povo e enfatizar as semelhanças existentes entre si. A trama é movimentada por uma dançarina de rumba que largou o marido infiel, um espanhol que vive feliz na terra de Fidel Castro, uma cubana que virou mãe-de-santo no Brasil e a busca por um sapato recheado de dinheiro. A idéia de reviver o espírito das saudosas chanchadas da Atlântida começa pelo título, uma brincadeira com o clássico *Viva Zapata!*, de Elia Kazan. Pena que o filme também ressuscite uma triste fase do cinema nacional, na qual os roteiros eram mal-acabados, os atores mal dirigidos, a montagem amadora... ***R.P.***

FILME: 5 EXTRAS: N.A.

SONY

Humor absurdo e efeitos especiais: aposte tudo nesta combinação

KUNG-FUSÃO

Stephen Chow brinca com filmes de gângsteres em comédia de ação

KUNG FU HUSTLE, HONG KONG, 2005. DE STEPHEN CHOW. COM STEPHEN CHOW, XIAOGANG FENG. 95 MIN. DVD/VHS SONY. AÇÃO

O cinema pop virou um composto insípido de efeitos digitais, cenas de ação mirabolantes e áudio histérico – nunca se ouviu tanta explosão e tiroteio por frame de filme como hoje. Quando todos achavam que essa estética boboca já dera tudo o que tinha de dar, eis que surge o polivalente cineasta e ator chinês Stephen Chow com seus peculiares *Kung-Fu Futebol Clube* e *Kung-Fusão* (êêê, título nacional cretino!). Uma das qualidades de sua obra é o trâmite por vários gêneros, sem se prender particularmente a nenhum – *Kung-Fusão*, por exemplo, pode ser curtido como uma comédia xarope, um bom filme de pancadaria ou um *Matrix* de chinelo de dedo e estética barroca. Os efeitos digitais amplificam a intensidade dos combates corporais, dando-lhes um ritmo de Papaléguas – mas, em cada arranca-toco encenado pelo diretor, notamos a existência de uma autêntica e elaborada coreografia marcial, que, por si, já vale o espetáculo. O êxito da narrativa – centrada nas desventuras de dois malandros que tentam se fazer passar por membros de uma gangue da pesada – reside, também, na eficácia da trilha sonora, na boa fotografia e na espirituosidade dos diálogos, proferidos por personagens muito carismáticos. Não deixe de ver. ***Eduardo Torelli***

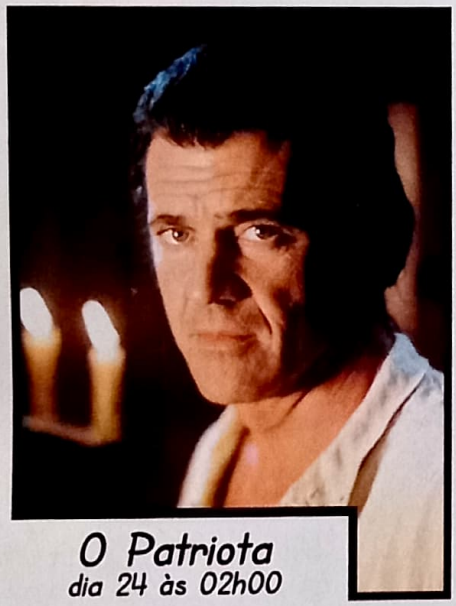
FILME: 8,5 EXTRAS: N.A.

A TNT apresenta:

MARATONA MEGAFILMS

As Panteras
dia 25 às 10h00

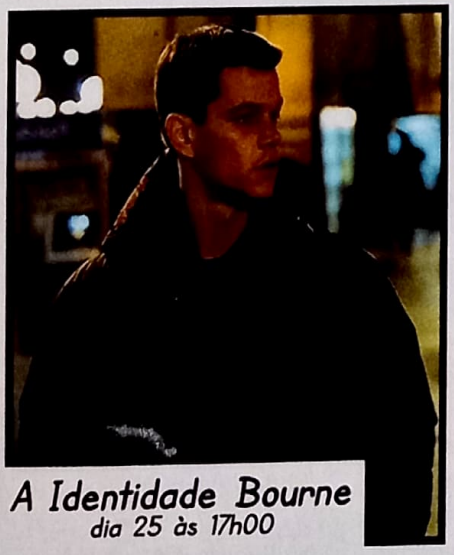
Erin Brockovich
Uma Mulher de Talento
dia 25 às 12h00



O Patriota
dia 24 às 02h00

Pearl Harbor
dia 24 às 22h00

A Senha: Swordfish
dia 25 às 06h00



A Identidade Bourne
dia 25 às 17h00

A Herança de Mr. Deeds
dia 25 às 8h00

TNT

TNT.COM.BR

EM DEZEMBRO NA

O ANO DOS FENÔMENOS DE

Desperate Housewives e *Lost* foram os principais destaques em um ano repleto de boas estréias po

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Esposas desesperadas: curtindo a vice-liderança na televisão americana

Se depender das séries de TV, 2005 foi um ano para entrar para a história. Dois fenômenos de audiência – aqui e lá fora – polarizaram as atenções em frente à telinha: a comédia *Desperate Housewives* e o suspense *Lost*, ambos do canal americano ABC (aqui exibidos, respectivamente, pela Sony e AXN). Ao explorar os motivos do suicídio de uma dona de casa burguesa, o primeiro mostrou uma curiosa mistura de *Twin Peaks* com *Beleza Americana*, apoiado num talentoso elenco feminino que tem uma Terry Hatcher em plena ressurreição na carreira. Já *Lost* estreou com um tremendo hype de sucessor de *Arquivo X* em termos de mistérios e adoração dos fãs. E não deu outra: além de corresponder às expectativas, seu sucesso levou as outras emissoras a lançar os chamados "filhotes de *Lost*", séries com apelo misterioso/sobrenatural para embarcar na onda. No rastro de *Lost* vieram *Invasion* e *Supernatural* (que já estão na programação brasileira) e os inéditos *Threshold* (com Carla Gugino e Brent Spiner, o Data de *Jornada nas Estrelas – A Nova Geração*), *Surface* e *The Night Stalker*. Este último, aliás, é uma refilmagem da série dos anos 60 que inspirou Chris Carter a criar *Arquivo X*.

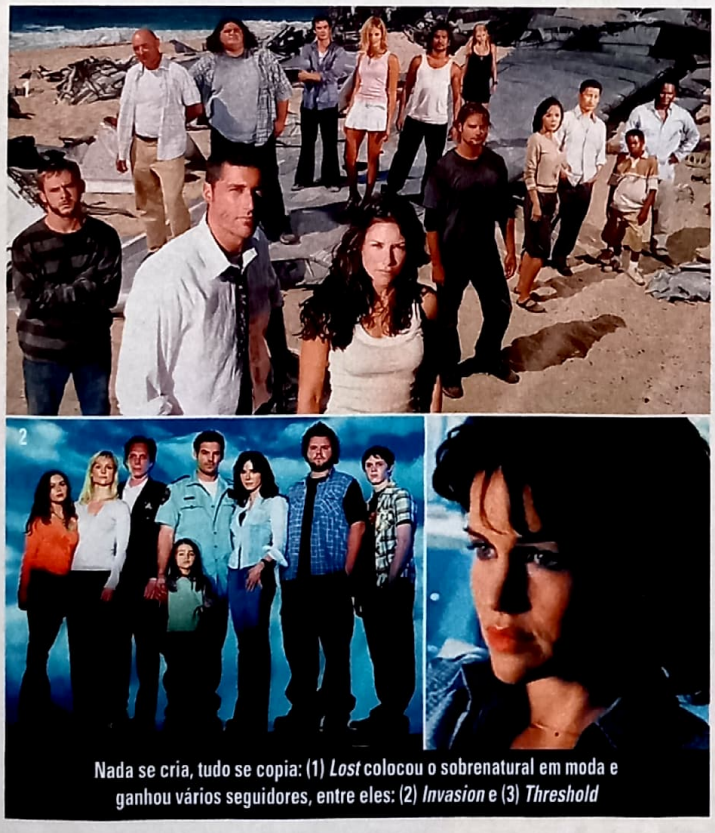
Sem provocar o frenesi de audiência de *Lost* e *Desperate Housewives*, outras séries novatas completaram o ótimo quadro de estréias do ano. A HBO

AUDIÊNCIA

ndré Gordirro

lançou a ambiciosa *Roma*, uma co-produção com a BBC de Londres de mais de US$ 100 milhões. Mesmo com o fracasso nos cinemas de filmes recentes do mesmo gênero (como *Alexandre* e *Cruzada*), *Roma* conquistou público o suficiente para garantir uma segunda temporada. A HBO ainda investiu no Brasil, co-produzindo a série *Mandrake*, com Marcos Palmeira no papel do personagem de Rubem Fonseca. Do canal americano também saiu o sucesso-surpresa de *Entourage*, que acompanha um ídolo de Hollywood e seus amigos nos bastidores da indústria de cinema. Outra surpresa veio na forma de *Prison Break*, da Fox, lançada como esquenta-lugar para o hiato entre as temporadas de *24 Horas* e que agradou em cheio – a emissora não sabe o que fazer com a série quando a saga de Jack Bauer tiver de recomeçar.

Dos programas regulares, tivemos *24 Horas* e *Smallville* chegando ainda instigantes às suas quartas temporadas, e um segundo ano de *Nip/Tuck* que manteve o interesse gerado após sua polêmica estréia no ano passado. Já a estabelecida *Alias* denotou cansaço criativo por parte de JJ Abrams – com certeza com a cabeça em *Lost* e *Missão Impossível 3*. Na atual temporada americana (a quinta), a agente Sidney Bristow enfrenta pela primeira vez a diminuição de sua audiência. Enquanto isso, *C.S.I.* continua mostrando fôlego de estreante dominando o topo do ibope americano em seu sexto ano. Que venha 2006.



Nada se cria, tudo se copia: (1) *Lost* colocou o sobrenatural em moda e ganhou vários seguidores, entre eles: (2) *Invasion* e (3) *Threshold*

Só na flauta: cantos populares

UM MAPA DA NOSSA DANÇA

Programa do Canal Futura explora os ritmos mais tradicionais do Brasil

Canal Futura Às quartas, às 21h30

País imenso e cheio de contrastes, o Brasil oferece dança popular em seus mais diversos cantos, cada uma com as suas peculiaridades. Por isso, fazia falta em nossa TV um mapeamento dessa variedade. *Danças Brasileiras* preencheu essa lacuna. Dirigido por Belisário Franca, o programa tem como proposta abordar a criação de cada dança, assim como seu processo de sistematização. A série é ancorada por Antonio Nóbrega e Rosani Almeida. Nascido em Recife, Pernambuco, há 53 anos, Nóbrega é um multi-instrumentista que ganhou fama internacional como dançarino e cantor. E com Rosani, há alguns anos, dirige o Espaço Brincante, em São Paulo, que se destaca pelas manifestações artísticas nada convencionais. A dupla viajou com Belisário e sua equipe por vários Estados do Brasil, indo ao encontro de grupos folclóricos e de dança.

A exemplo do que ocorreu nos diversos programas da primeira fase, exibida no segundo semestre de 2004, a produção atual também apresenta com detalhes não só os procedimentos corporais como os figurinos de cada uma das danças. Caso da bombacha e do chapéu de feltro nas manifestações gaúchas, das máscaras e chocalhos do bumba-meu-boi e das saias rodadas do tambor-de-crioula que pode ser visto no Maranhão, de acordo com uma tradição que vem do tempo da escravatura.

Na segunda fase, que estreou em 23 de novembro, essas características foram mantidas pela produtora Giros. Em cada episódios, costumam aparecer dois grupos. No do dia 7 deste mês, Nóbrega e Rosani abordam os grupos Coco Alagoano e Coco Zambé, nos Estados de Alagoas e do Rio Grande Norte. No dia 14, uma festa de candomblé na Bahia e outro culto de origem africana no Maranhão. No dia 21, aparecem um bailado de origem religiosa no interior de São Paulo e uma apresentação do boi-bumbá no Maranhão. No dia 28, no Rio de Janeiro, a dança do mestre-sala e da porta-bandeira, e o jongo que também tem base afro-brasileira. No dia 4 de janeiro, *Danças Brasileiras* apresenta os melhores momentos de toda a série.

Alfredo Sterheim

O CARISMA DE JEANNE MOREAU

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Eurochannel Dia 29, às 22h e 23h30

Desde que mostrou sua impressionante força introspectiva a partir da década de 1950, Jeanne Moreau se impôs como uma das grandes atrizes do cinema. Ela brilhou em criações assinadas por Malle, Antonioni, Losey, e Welles, entre outros. Aos 77 anos, essa francesa continua atuando, embora muitos de seus filmes mais recentes permaneçam inéditos no Brasil. Caso de *O Manuscrito do Príncipe* (*Il Manoscritto del Principe*, 2000), que abre este programa duplo em sua homenagem. A produção é de Giuseppe Tornatore, o diretor de *Cinema Paradiso*. Em seguida, será exibido *Creezy* (*La Race des Seigneurs*, 1974), drama francês em que Jeanne é a viúva Renée, amante e conselheira de um jovem e ambicioso político (Alain Delon). O diretor é Pierre Granier-Deferre.

QUANDO OS ANIMAIS SÃO PERIGOSOS

NGC Dia 18, às 20h

Os animais podem ser surpreendentemente perigosos. Mesmo quando o ser humano se aproxima com as melhores das intenções, sempre existe a possibilidade de uma reação inesperada. É o que comprova a série *Frente a Frente com o Perigo* em dois programas. No primeiro, *Encontros Selvagens*, até treinadores profissionais e visitantes de zoológicos são enganados diante da serenidade transmitida por ursos e elefantes. No segundo, *Resgates de Animais*, um dos exemplos é a surpreendente reação de uma vaca na Escócia ao receber ajuda de um veterinário. Um alerta para os desavisados.

CONHECENDO ESCRITORES FAMOSOS

F&A A partir do dia 5, às 21h

Sempre na segunda-feira, *Grandes Escritores* vai enfocar a vida e a obra de autores ingleses que tiveram muitas de suas criações adaptadas pelo cinema. O programa de estréia traz John LeCarré, atualmente em evidência com *O Jardineiro Fiel*, de Fernando Meirelles. No dia 12 é a vez de Roald Dalh (1916-1990), de *A Fantástica Fábrica de Chocolate*. No dia 19 surge Joseph Conrad (1857-1924) e no dia 26, a romancista Jane Austen (1775-1817).

Meirelles e LeCarré: biografia do autor

SEAN ASTIN NA SAGA DE HÉRCULES

Hallmark Dia 3, às 22h

Sean Astin parece que não quer sair da Nova Zelândia. O jovem ator americano, que passou um bom tempo por lá vivendo Sam na trilogia *O Senhor dos Anéis*, voltou ao país para atuar como Linnus na minissérie *Hércules*. Dirigida por Roger Young, a mais recente versão da história do mitológico herói grego começa quando ele foi gerado em uma relação adúltera da princesa de Tebas com Zeus.

Austin: presença em produção neozelandesa

Vários atores interpretam o personagem central em diversas fases de sua vida. Mas o jovem Paul Telfer é quem mais aparece como Hércules. Atuam também Timothy Dalton, Elizabeth Perkins e Leelee Sobielski. As duas partes serão apresentadas sempre em seguida, também nos dias 7 (18h30), 8 (4h30), 11 (às 15 e às 24h), 16 (20h), 21 (14h), 22 (2h30), 26 (18h), 30 (10h) e 31 (0:10h).

< ZAPEANDO >

ESPECIAL DE NATAL DE BETTY ATÔMICA

Onde: Cartoon
Quando: Dias 15 e 21, às 21h
O que: Nesta animação especial, Betty percebe que sua cidade esqueceu o verdadeiro sentido de Natal. Ao mesmo se dá conta do desencanto de seu amigo Máximo com Papai Noel.

ELTON JOHN – THE RED PIANO

Onde: MGM
Quando: Dia 12, às 22h
O que: Abrindo a programação que tem como tema Las Vegas, um show com o irreverente cantor e compositor inglês Elton John. Reprises dias 13 (18h) e 31 (22h).

XTREME CLOSE UP: VIGGO MORTENSEN

Onde: E!
Quando: Dia 13, às 19h30
O que: O programa mostra o intérprete do mítico Aragorn em *O Senhor dos Anéis* quando fazia o seu trabalho em *Marcas da Violência*, elogiada realização de David Cronenberg que foi exibida recentemente nos cinemas.

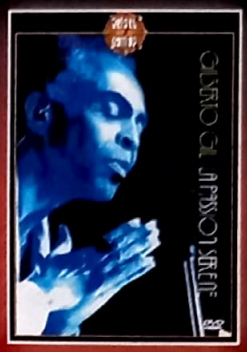
200 CIGARROS

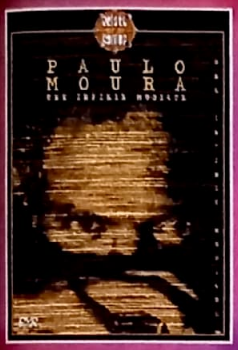
Onde: TNT
Quando: Dia 29, à 0h45
O que: Comédia dramática pouco vista que aborda os anseios e problemas de um grupo de amigos que estará presente na festa de ano-novo organizada por duas garotas. Kate Hudson, Ben Affleck e Christina Ricci estão no elenco.

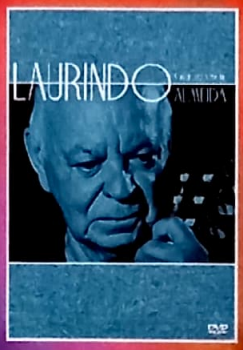
SUPER PROMOÇÃO

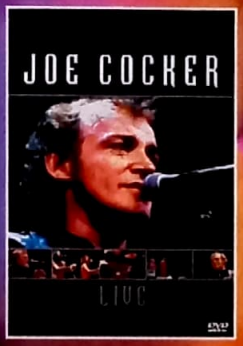
SHOWS MUSICAIS EM DVD

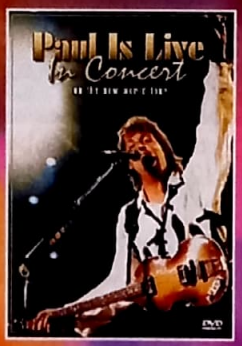
APENAS R$ 9,99 CADA

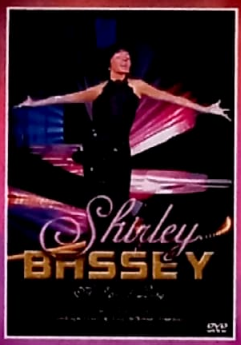


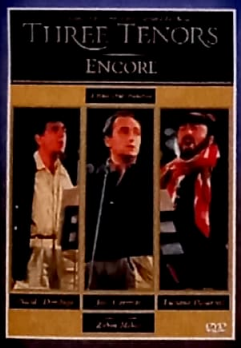


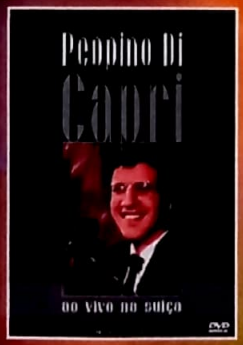


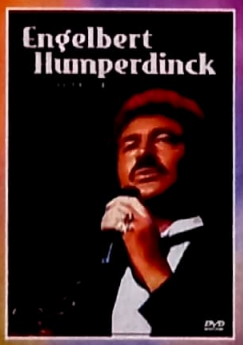












works DVD

www.worksdvd.com.br

LOJAS AMERICANAS

TRAMA

O juiz da moda na luta do século: do lado esquerdo do ringue, as modernetes do Cansei de Ser Sexy. Do lado direito, a nova roupagem fashion da Nação

A BELA E A FERA

Nação Zumbi e Cansei de Ser Sexy colocam música, hype e atitude em combate *Por Rodrigo Salem*

FUTURA – NAÇÃO ZUMBI. *CANSEI DE SER SEXY* – CANSEI DE SER SEXY. TRAMA

Dois lançamentos simultâneos de uma mesma gravadora levantam uma questão pouco abordada no rock nacional: afinal, até onde o visual e a atitude influenciam no produto final e no sucesso comercial – e mesmo crítico – de uma banda? A Nação Zumbi, grupo que moldou o mercado a seu formato desde que surgiu com Chico Science em cima do palco, nunca se importou com firulas marqueteiras de gravadoras, mas precisou (e precisa) ralar muito para fechar o mês no verde. Por outro lado, o sexteto Cansei de Ser Sexy já abria festivais, tocava em desfiles de moda e atraía a atenção de críticos mesmo sem ter um disco no mercado, tudo por causa da pose das meninas, mais preocupadas em usar a roupa mais correta do que na qualidade do som. *Futura*, o sexto disco da Nação Zumbi, e a estréia do Cansei de Ser Sexy, são tão díspares que representam dois lados de uma moeda rara no Brasil, aquela que compra um consultor de moda e um produtor americano. Quem estaria errado na equação?

Na verdade, nenhum dos dois. Somente uma alma muito inocente acha que a música se vende apenas por causa de "três acordes e a verdade". Em tempos de iPod e MP3, o sucesso é relativo – bandas desconhecidas sobrevivem do boca-a-boca –, mas o verdadeiro destaque precisa saber aproveitar todas as armas disponíveis. No Brasil, roqueiro foge da produção extramusical como vampiro foge da cruz – talvez por causa da insegurança de ser confundido com artista pop. Esse sempre foi um dos grandes defeitos da Nação Zumbi, mas será que podemos dizer que ideologia radical é um defeito? Será que a decisão de não bancar palhaços para as piadas sem graça de Jô Soares é um erro?

Pouco provável. A Nação Zumbi, instrumentalmente, é a banda mais poderosa do Brasil, e *Futura* só reafirma isso, mergulhando de vez na sombria mistura de maracatu e black music que tomou conta da banda desde a morte do líder. O disco se distancia das canções memoráveis e de refrão cantado do início de carreira, com Jorge du Peixe falando muito mais do que cantando. Ainda assim, todas as faixas trazem uma banda afiada e Lúcio Maia nem sua para ser o guitarrista mais inventivo do país. Quando esses elementos se juntam, ganhamos a ótima "Hoje, Amanhã e Depois", a melhor música dos pernambucanos em seis anos.

O Cansei de Ser Sexy é outro esquema. É quase uma brincadeira que se tornou séria demais. Há dois anos animando festas hypadas de São Paulo, o grupo formado, por cinco mulheres e um homem, virou trilha sonora

Zumbi

de game (*The Sims*) e ganhou destaque por causa do hino "Meeting Paris Hilton". O primeiro CD lida com uma pretensão de certo modo inocente. Suas músicas são capengas em termos instrumentais, e, por isso mesmo, têm algum charme sardônico. É pop até a medula e metido a arte como Miss Kittin um dia foi. É música para tocar em abertura de novela da Globo e ainda angariar fãs roqueiros, ou electros. Neste caso, o importante é a atitude de se achar dono do mundo. Alguém pode virar o nariz, mas num mercado pobre de idéias e ousadia, é um alívio ver uma banda preocupada com o visual e em aparecer como trilha sonora da alta costura. Algumas vezes, ir contra o rock é a coisa mais rocker que existe. É por um curto período de tempo, mas nada como aproveitar se divertindo.

NAÇÃO ZUMBI: 8
CSS: 6,5

JAMIE CULLUM

CATCHING TALES. UNIVERSAL

Apelidado de "Invasão britânica de um homem só", Jamie Cullum é a versão masculina do fenômeno "jazz é cool, jovens", capitaneado por Joss Stone e Norah Jones. Tirou versões de Radiohead no pianinho, anda com roqueiros na Inglaterra e é adorado pelas adolescentes. Por cima de todo o hype, Cullum pode parecer, mas não é picaretagem. Ele consegue misturar a leveza arrogante do jazz – usando muito piano – com o despojamento do britpop. Fez com maestria em *Twentysomething* e a peteca não cai neste novo *Catching Tales*. Não meça o rapaz pela fraquinha "Get Your Way", feita por encomenda para contentar os executivos de gravadoras e virar single. O disco é de uma sensibilidade única, mesmo podendo agradar até a seu avô. ***R.SI.***

NOTA: 8

HOLLYWOOD MUSICALS

MAGIC MUSIC FOR EVER. WARNER

Não há muito o que escrever sobre um disco como este *Magic Music for Ever*. Como resenhar um álbum que tenta reunir em pouco mais de vinte faixas a grande era dourada dos musicais hollywoodianos? É bem verdade que a prometida remasterização é fraquinha, pouco fazendo diferença em recuperar digitalmente canções que podem ter mais de sessenta anos de idade, caso de "Toot Toot Tootsie Goodbye", levada por Al Jolson. Os chiados, entretanto, ajudam a manter certo charme ao ouvir pérolas como "Old Man River", por Paul Robson, "Singin'in the Rain", na famosa versão de Gene Kelly, "Cheek to Cheek", interpretada por Fred Astaire, e "Over the Rainbow", na voz de Judy Garland. ***R.SI.***

NOTA: 7,5

DEPECHE MODE

PLAYING THE ANGEL. EMI

Em tempos de revival dos anos 80 seria muito fácil para o Depeche Mode sair com um disco retrô, alegre e feito para as massas – como fez em vários singles ao longo dos vinte anos de carreira. Mas *Playing the Angel* é o oposto do que os fãs de electro poderiam esperar: sombrio (mais que o ótimo *Ultra*), doloroso e sexy, o disco coloca o trio liderado por Dave Gahan por cima de qualquer mediocridade atual. "Suffer Well" traz lembranças do *Violator*, até hoje o melhor álbum do grupo, e o único momento mais leve do novo trabalho é no single "Precious". E ainda assim passa longe de servir de uma boa desculpa para tomar ácido. ***R.SI.***

NOTA: 8

THE CARDIGANS

SUPER EXTRA GRAVITY. UNIVERSAL

Quando o grupo sueco surgiu com seu pop que reciclava as melhores bobagens dos anos 70 em roupagem moderna e divertida, ninguém esperava estar diante de uma banda com tamanha alta rodagem. A previsão parecia certa após o sucesso de *Gran Turismo*, álbum mais produzido que o excelente *First Band on the Moon* e que colocou o quinteto perto do Olimpo do rock: o disco seguinte só saiu cinco anos depois e passou despercebido. Mas se este trabalho, *Super Extra Gravity*, não tem a capacidade de ressuscitar a alma pop de refrões fáceis do Cardigans, ele mostra uma banda madura, de letras interessantes e musicalidade afiada. O disco é radical, sem refrão algum para assobiar junto, mas cada música tem personalidade e arranjos crescentes, como nas boas baladas do U2. E Nina Persson até consegue se fazer levar a sério na canção antiguerra, "Godspell", cantando que "Isto não é assassinato, mas um ato de fé". Nada mal. ***R.SI.***

NOTA: 7,5

STEVIE WONDER

A TIME TO LOVE. UNIVERSAL

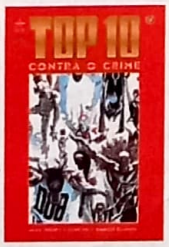
Um dos maiores compositores de música pop da história, Steve Wonder infelizmente não deve ter ouvido falar do diálogo de *Alta Fidelidade*, no qual Jack Black afirma – com exatidão – que é melhor "explodir do que sumir aos poucos". Em *A Time to Love*, o grande feeling de Wonder para escrever peças inesquecíveis virou uma apenas moderada coletânea de baladas honestas e adocicadas. Não podemos negar que até a canção mais fraca do disco é uma aula de R&B para os pretensos herdeiros da música do instrumentista – de R. Kelly a Usher, que parecem mais preocupados com a aparência e menos com a música. O álbum é honesto, com um início claudicante (baseado em ritmos latinos), mas obras como a deliciosa "Moon Blue" valem a pena uma passada. Infelizmente, ainda é pouco para o mestre. ***R.SI.***

NOTA: 6

DIVULGAÇÃO

LEI NAS MÃOS

Superpoliciais em mundo de poderosos. Alan Moore explica... *Por Rodrigo Salem*



TOP 10. DE: ALAN MOORE E GENE HA; ED. DEVIR; 208 PÁGS; PREÇO: R$ 42,00

Imagine se todos os policiais de *Nova York contra o Crime* possuíssem poderes especiais. Ou melhor: tente colocar na cabeça um mundo no qual poderosos vivem como cidadãos comuns, comendo, andando (ou voando) pelas ruas e, claro, cometendo crimes. Para conter esses meliantes extraordinários, a polícia precisa ser extraordinária. É o caso de *Top 10*, revista que toma emprestado o nome do décimo distrito da cidade de Neópolis para contar a história muitas vezes ordinária desses seres que precisam combater crimes bizarros (para nós) no dia-a-dia. O primeiro arco da trama, batizada aqui no Brasil de *Contra o Crime*, acompanha a chegada de uma nova detetive numa das delegacias mais conhecidas e pauleiras da megalópole. Essa mistura insana só poderia ter saído da mente de Alan Moore, que criou *Top 10* como novelas seriadas, com começo, meio e fim – característica que transforma o gibi numa obra acessível e de fácil compreensão, mesmo para novatos no mundo de Moore. Outra atração é a arte de Gene Ha, desenhista-promessa do final dos anos 90 que sumiu do mapa mainstream após *As Aventuras de Ciclope e Fênix*. Para quem acompanha o roteirista, *Top 10* é a melhor criação do selo ABC Comics, criado pelo próprio para abrigar cinco títulos de sua autoria. É pouco?

NOTA: 9

ÁS INIMIGO

DE: ROBERT KANIGHER E JOE KUBERT; ED. ÓPERA GRAPHICA; 224 PÁGS.; PREÇO: R$ 34,00

O nome Kubert é familiar para várias gerações de leitores de HQs. Adam e Andy são dois dos mais prestigiados artistas da Marvel e DC, desenhando de Batman a X-Men. Acredite, o pai da dupla, Joe Kubert, é ainda melhor. Mestre da narrativa gráfica, Kubert ajudou a transformar os gibis para sempre nos anos 60 e 70 e hoje tem a mais famosa escola de quadrinhos do mundo, em Nova York. Para entender um pouco de sua importância, coloque as mãos nesse tijolão estrelado pelo *Às Inimigo*, um personagem criado no pós-Segunda Guerra que transita entre o bem e o mal com nuances de cinza – ele é um piloto alemão!. Imperdível e que venha *Sargento Rock*. ***R.SI.***

NOTA: 8,5

TEMPOS DE FÚRIA

DE: CARLOS ORSI; ED. NOVO SÉCULO; 182 PÁGS; PREÇO: R$ 19,90

Apesar de a cultura nacional não ser terreno fértil para a proliferação da literatura fantástica – vide o fracasso de várias publicações famosas e livros de ficção científica nem merecerem tradução em português –, ainda há alguns combatentes da área. Um deles é o jornalista Carlos Orsi, que lança sua segunda coletânea do gênero. *Tempos de Fúria* pode não se aprofundar inteiramente em nenhuma das vertentes abordadas (ficção existencialista, mundo apocalíptico, zumbis, alienígenas), mas a linguagem é ágil e interessante, principalmente pela dificuldade de ambientação, e as idéias são originais e despretensiosas. Espera-se que não pare por aí. ***R.SI.***

NOTA: 7,5

O TICO-TICO – CEM ANOS DE REVISTA

DE: EZEQUIEL DE AZEVEDO; ED. VIA LETTERA; 64 PÁGS.; PREÇO: R$ 30

Sim, houve uma época em que quadrinhos eram coisas de criança, mas nem por isso os adultos deixavam de reconhecer o talento envolvido naquelas tiras coloridas. Obviamente, estamos falando de um tempo mais simples, há cem anos, quando o Rio de Janeiro servia de palco para a criação da revista *Tico-Tico*, um marco na comunicação brasileira e um ponto fundamental para a chegada das HQs ao nosso país. Como nossa memória é ruim até para nos lembrar de Garrincha, imagine reconhecer e relembrar a trajetória dessa revista infantil. Para ajudar, o escritor Ezequiel de Azevedo revirou sua coleção particular e resolveu traçar a história da publicação em um livro precioso, repleto de ilustrações antológicas e informações que ajudam a retratar os costumes do país entre 1905 e 1969. ***R.SI.***

NOTA: 8

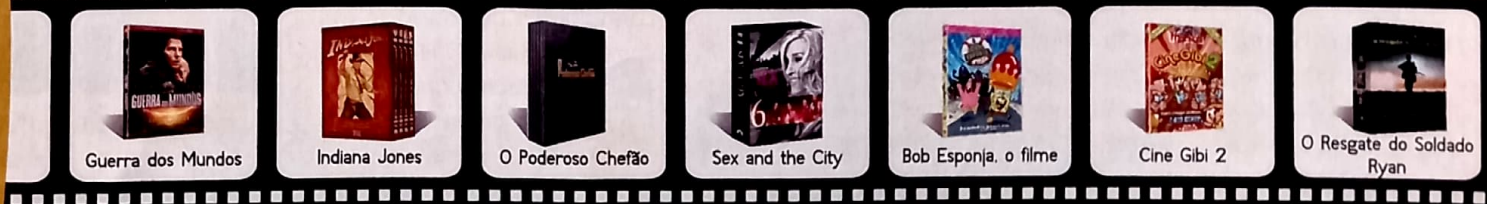
imais9prumo

Uma celebridade em Hollywood

Você!

Seja uma celebridade em Hollywood na semana do Oscar®

Para participar é só escrever uma frase com as palavras Oscar®, Paramount e Celebridade e concorrer a uma viagem com acompanhante a Hollywood na semana do Oscar®, além de US$ 3.000 e 5 aparelhos celulares MotoHollywood E815 da Motorola.
Você deve preencher e depositar os cupons nas lojas participantes ou acessar o site www.paramountbrasil.com.br. Confira o regulamento completo no site.



Promoção válida de 01 de dezembro/05 a 31 de janeiro/06.

Apoio:

TELE CINE

MOTOROLA

Paramount
A VIACOM COMPANY

CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DOS FILMES

Oscar® e marca registrada da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.
TM® & Copyright 2005 by Paramount Pictures. Todos os direitos reservados.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

THE WARRIORS

Filme cult também rende bons games

Por Pablo Miyazawa

EUA, 2005. **PARA:** PLAYSTATION 2, XBOX. **PRODUTORA:** ROCKSTAR. **DESENVOLVEDORA:** ROCKSTAR TORONTO

Sim, o nome não lhe é estranho. *The Warriors*, o game, é baseado em *Warriors: os Selvagens da Noite*, longa de 1979, famoso pelas constantes exibições no segmento *Domingo Maior* da Rede Globo. Mesmo repleto de desconhecidos, o filme de Walter Hill (*48 Horas*) sobre gangues se digladiando em uma Nova York entregue aos fora-da-lei se tornou cult, a ponto da sempre polêmica Rockstar tirá-lo do limbo e transformá-lo em seu principal jogo de fim de ano. O movimento surpreende, visto que a produtora, dona de games polêmicos como *Manhunt* e *Grand Theft Auto*, poderia investir tempo e dinheiro em uma franquia já conhecida em busca de lucro certo. Mas a jogada da Rockstar é estratégica e bem bolada, visto que associar sua marca a algo tão obscuro como *The Warriors* pegou bem e rendeu. O jogo segue à risca o roteiro do longa, adicionando cenas, personagens e elementos que tornam o produto mais digerível ao público acostumado aos frenéticos blockbusters atuais. O jogador deve vandalizar, participar de brigas violentas e fazer seu grupo (os "Guerreiros" do título) ganhar respeito diante de outras dezenas de gangues de nome esquisito. O ritmo é cinematográfico e o acabamento técnico, primoroso – digno de um filme de ação bem-intencionado. Violência crua, diálogos infames e missões politicamente incorretas permeiam a brincadeira, tudo com aquele gostinho saudoso do final dos anos 70. Obrigatório, mesmo para quem já se esqueceu do filme.

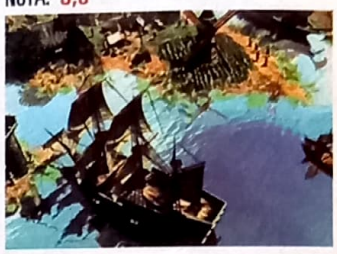
NOTA: 9

AGE OF EMPIRES III

EUA, 2005. **PARA:** PC. **PRODUTORA:** MICROSOFT. **DESENVOLVEDORA:** ENSEMBLE

Há não muito tempo, games de estratégia faziam parte de um nicho exclusivo destinado a jogadores com muita paciência. Hoje, o gênero está mais do que consagrado e gera pérolas facilmente compreensíveis aos leigos como eu e você. *Age of Empires III* encaixa-se nesta categoria. O game abrange o período entre o fim da Idade Média e o início da Revolução Industrial, colocando o jogador no controle de exércitos que devem dominar territórios inimigos usando de força bruta e, obviamente, de boa dose de estratégia. Excelência técnica e visual chama a atenção, sem contar a verdadeira aula de história, que descontando as licenças poéticas, faz deste o jogo ideal para quem quer aprender qualquer coisa enquanto se diverte. ***P.M.***

NOTA: 9,5



F.E.A.R.

EUA, 2005. **PARA:** PC. **PRODUTORA:** SIERRA. **DESENVOLVEDORA:** MONOLITH PRODUCTIONS

O nome entrega: *F.E.A.R.* é de meter medo – algo raro em um game de tiro em primeira pessoa (descontando os *Dooms* e *Quakes* da vida). Mas o pavor aqui não é gerado por monstrengos interplanetários sedentos por sangue, mas sim por meio de sustos, espíritos zombeteiros, ruídos sinistros e as aparições constantes de uma meiga garotinha de cabelos compridos (*O Chamado*, alguém?). Horror japonês à parte, *F.E.A.R.* é uma excelente fábula de ficção científica com toques de paranormalidade e cheiro de *Além da Imaginação*. A ação incessante e o tiroteio extremamente realista servem como luva aos fanáticos por violência cansados de derrubar os mesmos aliens e terroristas de sempre. ***P.M.***

NOTA: 9,5

SHADOW OF THE COLOSSUS

EUA, 2005. **PARA:** PLAYSTATION 2. **PRODUTORA:** SONY. **DESENVOLVEDORA:** SCEI

Em meio à atual enchente de continuações que invadem os consoles, *Shadow of the Colossus* chama a atenção por ser uma franquia inédita que chega botando banca de gente grande. Aliás, é o tipo de game perfeito para virar filme, e não será surpresa se algum produtor espertalhão anunciar a versão para as telonas a qualquer momento. O jogador controla um herói sem nome que precisa dar cabo de dezesseis criaturas colossais que tomam conta do mundo em

que vive. E quando digo "colossais", quero dizer que são as maiores criaturas jamais exibidas em um jogo de videogame. Nas batalhas, a graça é descobrir a melhor técnica para derrubar os gigantes, no melhor estilo Davi e Golias. Perdoe o trocadilho horrível, é um verdadeiro colosso em forma de jogo. ***P.M.***

NOTA: 10

PRIVATE APRESENTA SUAS DUAS MAIORES SUPERPRODUÇÕES!

A SUPERPRODUÇÃO DA PRIVATE: U$ 10.000.000 NUM ELENCO ESTELAR E CENAS RODADAS NO BRASIL, CARIBE, LONDRES, PRAGA E BUDAPESTE!

PRIVATE Gold

ROBINSON CRUSOE NA ILHA DO FUROR!

UMA SUPERPRODUÇÃO DE US 12.000.000 FILMADA NA NOVA ZELÂNDIA E EUROPA!

Jean Victor

ROBINSON CRUSOE NA ILHA DO FUROR E A SENHORA DOS ANÉIS
CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA
Inadequado para menores de 18 ANOS
Inadequações: SEXO (Relação Sexual)

PRIVATE movies PRIVATE

A SENHORA DOS ANÉIS

A CHAVE DE UMA VISÃO MÍSTICA DO PRAZER ATRAVÉS DE UM MISTERIOSO ELO

VHS

DVD VIDEO

À VENDA TAMBÉM NAS MELHORES LOJAS E SITES EM TODO BRASIL.

e-mail: atendimento@privatebrasil.com.br visite nossa loja virtual: www.privatesex.com.br ou converse com um de nossos representantes (11) 4689-7000 / 0300 789 7009

NOVOS IPODS CHEGAM AO BRASIL

Modelos de tocadores de MP3 da Apple mostram integração total de áudio e vídeo *Por André Gordirro*

ONDE ENCONTRAR: LOJAS ESPECIALIZADAS OU WWW.APPLE.COM.BR

A cada ano, os iPodmaníacos esperam que a Apple abra sua caixinha de surpresas e revele novas versões do tocador de MP3 que é o padrão do mercado. Quem não tem um, quer ter; quem já possui, quer trocar pelas novas gerações. Quem babava pelos coloridos iPod Mini já tem outro objeto de desejo – o badalado modelo já deu lugar a outro, o novíssimo iPod Nano. O aparelho tirou o Mini de linha e é 62 por cento menor que o produto que está substituindo. O Nano é o primeiro membro da família iPod a usar memória flash – isto é, não tem um pequeno disco rígido rodando em seu interior, e portanto não sofre interrupções ao reproduzir músicas por causa de solavancos. São 4 Gb de memória contidos num finíssimo corpo de cores preta ou branca, o suficiente para armazenar mil canções ou 25 mil fotos (o modelo de 2 Gb fica em apenas 500 músicas). O Nano herdou a tela colorida do primo maior, o iPod Photo, ideal para visualizar capas de disco e fotografias digitais. No Brasil, o preço sugerido do modelo de 2 Gb é de 1.190 reais, enquanto o de 4 Gb sai por 1.490 reais.

iPod Nano: ultrafino e versátil

Se o anúncio do estiloso Nano deixou meio mundo salivando, a Apple surpreendeu ao dar um banho de loja no iPod tradicional, que chega à sua quinta geração com a capacidade de tocar arquivos de vídeo. O novo iPod conta com uma tela maior que a de seus primos: são 2,5 polegadas com resolução de 320 x 240 pixels e reprodução de até 260 mil cores. Com 30 Gb de memória, ainda assim o novo modelo é 21por cento mais fino que seu antecessor, que tinha 20 Gb. O clássico menu dos iPods ganhou a opção de organizar os arquivos de vídeo por programas de TV e filmes, além de permitir a reprodução de arquivos nos sistemas NTSC/PAL e em modo fullscreen ou widescreen.

A loja virtual da Apple, a iTunes (que não vende para o Brasil, infelizmente), passou a comercializar episódios de seriados dos canais ABC (como os sucessos *Desperate Housewives* e *Lost*) e Disney por 1,99 dólar (para efeito de comparação, uma música é vendida pela iTunes Store por 0,99). Além das séries, existem vários clipes de música, trailers de filmes e alguns curtas da Pixar (como *For the Birds* e *Gerry's Game*). Não há, contudo, filmes inteiros – aguardam-se acordos com os estúdios de Hollywood para que isso aconteça. Vale lembrar que o iPod não toca arquivos de vídeo baixados da Internet, que vêm geralmente no formato AVI. Eles precisam ser convertidos para o formato MOV, proprietário da Apple, por algum programa específico para que o aparelho os reproduza. O iPod de quinta geração vem nas mesmas opções branca e preta do Nano e tem capacidade de 30 Gb (1.799 reais) e 60 GB (2.299 reais). Em tempo: um episódio de *Lost*, de 43 minutos, tem 193 Mb de tamanho.

iPod tradicional: exibição de vídeos

ENTRE LEITORES

■ Quero me corresponder com fanáticos por *Star Wars* e fãs do novo *Batman* do cinema, o ator britânico Christian Bale.
Juliana Skywalker Solo
R. Faustolo, 955 – ap. 13
Vila Romana – São Paulo-SP
CEP 05041-000

■ Vendo as SET de março/2003, janeiro/2004, abril e maio/2004, julho/2004, setembro e outubro/2004, a R$ 7,00 cada uma e VHS de *A Casa dos Espíritos* e *Don Juan de Marco*, a R$ 7,00 cada um. Todos em ótimo estado.
Cristiano Eduardo da Rosa
R. Vigário José Inácio, 76
Cohab – Parobé-RS
CEP 95630-000
Cristiano.rosa@feevale.br

■ Vendo as primeira, segunda e terceira temporadas da série *Arquivo X* e boxe 1 e 2 da coleção de filmes de Marilyn Monroe, coleção *Dark Side – Vampiros Collection* e *O Poderoso Chefão*, incluindo um jogo de baralho exclusivo do longa e Bruce Lee, coleção do mestre. Todos em excelente estado.
Marcelino Henrique Schnetzler
R. 15 – nº 2.802
Jardim Bela Vista – Rio Claro-SP
CEP 13504-260

■ Coleciono fotos de atores/atrizes de cinema. Faço isso desde meus 14 anos, hoje tenho 52. De todos os filmes que assisti e assisto, anoto o título e o nome dos atores principais, porém só cinema e vídeo. Tenho cerca de 13 mil fotos em meu computador. Coleciono a SET, desde o primeiro número, todas encadernadas. Gosto muito das décadas de 60 e 70, dos filmes italianos épicos e bangue-bangues. Gostaria de obter fotos de atores ou os sites de: Anna Maria Polani, Agatha Flori, Aishe Naná, Barbara Loy, Dianik Zurakovska, Ingrid Schoeller, Isabella Savona, Kitty Swan, Liz Barret, Maria Teresa Orsini, Mila Stanic, Mercedes Alonso, Maria Granada, Maria de Aragon, Mikaela Wood, Monika Brugger, Nucia Cardinale, Patrizia Del Frate, Rita Klein, Simone Blondell, Ursula Davis, Enzo Cerusico, Jeff Cameron, Jerry Wilson, Jerry Ross, Mirko Ellis, Michael Cobb, Nadir Baltimore, Pajarito, Pepe Calvo, Philippe Hersent, Robert Mark, Yan Larvor. Peço ajuda aos leitores da revista.
Antonio José Nepomuceno
nepusa@uol.com.br

■ Se você tem materiais de Angelina Jolie, Julia Roberts, Dakota Flenning, Lindsay Lohan, Natalie Portman, Bryce Dallas, Howard, Collin Farrell e Hugh Jackman, tenho interesse em trocar ou comprar. Tenho também muito material de muitos artistas, cantores e pôsteres.
Júnior C. da Silva
R. Antônio Gonzaga, 1496 Centro – Pérola-PR
CEP 87540-000

■ Primeiro, quero agradecer a SET por ter publicado minha mensagem na edição de outubro, mas preciso avisar que meu e-mail mudou e gostaria que as pessoas entrassem em contato comigo por este novo e-mail. Desejo me corresponder com mais fãs de cinema para comentar sobre os filmes *Resident Evil*, *Harry Potter*, *As Crônicas de Nárnia* e outros em cartaz ou que estão para estrear, fãs de séries americanas como *The O.C.*, *Friends*, *Buffy*, *Angel*, *Dawson's Creek*, *Smallville* e outros. Deixo meu endereço para cartas e o novo e-mail.
Renan Sampaio
Av. Pernambucana, 1.970
V. Rosali – São João de Meriti-RJ
CEP 25555-080
renan_saunders@hotmail.com
smallville_fanatico_4ever@yahoo.com.br

■ Desejo me corresponder com leitores que gostem da SET.
Maurílio Correia
Al. Bauhinia, Qd. F 9 – Lt. 3
Pq. das Flores – Rubiataba-GO
CEP 76350-000

■ Sou colecionador e estou disponibilizando para a venda um arquivo com mais de mil fotos preto-e-branco de filmes das décadas de 80 e 90. Os interessados podem me enviar e-mail.
Paulo Campos
paulocampos@jornalpampulha.com.br

■ Pretendo completar minha coleção e para isso preciso da edição de dezembro de 1995 (número 102), com o Pierce Brosnan na capa no filme *007 contra Goldeneye* e também da edição de maio de 2001 (número 167) com o Brendan Fraser na capa no longa *O Retorno da Múmia*. Os interessados mandem e-mail, que desde já eu agradeço.
Plinio Lombardi
pldas21@ig.com.br

■ Vendo urgentemente: dez revistas *Pop Rock – A História*, da editora Caras 1997, revistas *ShowBizz* números 7 e 9 de 1996, números 2, 4 e a de 7 a 12 de 1997, números 1 a 8 e a número 11 de 1998, 36 revistas *As Feras do Rock*, da editora Altaya de 1996. Por causa do volume, dou preferência às pessoas do Pará. Desejo ainda trocar correspondência com fãs do saudoso *Telecath*, especialmente com quem tenha fotos.
Gerson Elias
Passagem Monte Serrat, 51-A
Próximo à Av. Bernardo Sayão
Bairro do Guamá – Belém-PA
CEP 66075-500

■ Peço às pessoas que me escreveram quando eu estava em Fortaleza, que escrevam para o meu novo endereço.
Eder Lima
R. Delfim Moreira, 43 – Centro
Juiz de Fora-MG
CEP 36015-001

■ Gostaria de me corresponder com fãs dos seriados *Millenium*, *Brinstone*, *Sex and the City* e *Perdidos no Espaço*. Também procuro material dos seriados *O Carona*, *O Lobisomen Ataca Novamente* e os desenhos animados *Superamigos* (primeira temporada, 1973) e *Galaxy Trio*.
Cássio
Cx. Postal 310 – Juiz de Fora-MG
CEP 36001-970

■ Desejo me corresponder com fãs do ator Keanu Reeves e de *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis*, *Matrix*, *O Diário da Princesa*, *Todo Poderoso*, *Star Wars*, animações 3-D, cinema. Também adoro o grupo Rouge e as séries *Friends*, *Smallville*, *The O.C.*, *Arquivo X* e *As Espiãs*. Troco materiais de vários artistas por material do grupo Rouge e do Keanu Reeves.
Ananda König
R. Boa Vista, 57 – Vila Mike
São Roque-SP
CEP 18136-240

■ Quero me corresponder com fãs dos atores Glenn McMillan, Sally Martin, Ralph Macchio, Brad Pitt, Michael J. Fox, Johnny Deep, Tom Hanks, Robert Sean Leonard, Tom Cruise, Michael Rosenbaum, John Glover, Noahy Wyle, Lee Tergesene, Jason David Frank, Amy Jo Jonhson, Austin St. John e de *Power Rangers Tempestade Ninja*, *Power Rangers Dino Trovão*, *Metalder*, *Jiraiya*, *Jiban*, *Jaspion*, *Flashman*, *Cybercop*, *Changeman* e dos filmes *Harry Potter* e *Star Wars*, aceito também doações de materiais dos mesmos.
Joelma Rodrigues de Melo
R. 15 de Novembro, 21 – Centro
Águas Belas-PE
CEP 55340-000

■ Gostaria de me corresponder com amantes de filmes e séries em geral e quem sabe iniciar forte amizade.
Scharles Júnior Raasch
R. dos Evangélicos, 388 – Centro
Santa Maria de Jetibá-ES
CEP 29645-000

■ Vendo: pôsteres R$ 5,00 cada um: *Blade II*, *Blade Trinity*, *Pacto dos Lobos*, *O Custo da Coragem*, *A Última Noite*, *Diário de Uma Paixão*, *Sob o Domínio do Mal*, *A Supremacia Bourne*, *Mar Aberto*, *O Exorcista – O Início* e banners a R$ 15,00 cada um: *A Vila*, *Colateral*, *Tróia*, *Matadores de Velhinhas*, *Terminal*, entre outros. Procuro o banner de *As Duas Torres* e os pôsteres de *Matrix*, *Beleza Americana*, *Gladiador*, *Shakespeare Apaixonado*, *O Homem Que Copiava*, *O Sexto Sentido*, *A Má Educação*, *Os Sonhadores*, *Tudo Sobre Minha Mãe*, *Quero Ser John Malkovich*, *Adaptação*, *Mar Adentro*, *Nove Rainhas*, *Quase Dois Irmãos*, *Herói*, *A.I. – Inteligência Artificial*. Pago o preço estipulado.
Leandro Andrade
R. Aristides Bréder, 123 – Alto
Jequitibá-MG
CEP 36976-000
leogeoaj@bol.com.br

■ Vendo os seguintes DVDs: *Sexta-feira 13 – Parte 3* (1982): R$ 25,00; *A Fantástica Fábrica de Chocolate* (1971): R$ 25,00; *O Exorcista – Versão do Diretor*: R$ 27,00; *Jornada nas Estrelas 2 – A Ira de Khan* (DVD duplo): R$ 35,00; *Jornada nas Estrelas 3 – A Procura de Spock* (DVD duplo): R$ 35,00. Tenho também dois pôsteres: *Triplo X* e *Homem-Aranha* no valor de R$ 5,00 cada um. Obs.: todos os DVDs são novos. Posso garantir. Estão incluídas despesas dos correios.
david23@ibest.com.br e
lblair@ibest.com.br

■ Vendo 152 fichas de Cine e Vídeo por R$ 120,00 + despesas de postagem; *Starlog Brasil* do número 1 ao 10 a R$ 3,00 cada um + despesas postais; cards da série *Arquivo X* das primeira, segunda e terceira temporadas, especiais e do filme num total de 244 cards por R$ 195,00 com despesas postais incluídas e três livros de cartões postais da série (dois com 30 cartões e um com 29) a R$ 0,90 cada um, saindo 89 cartões por R$ 80,00 + despesas postais. Interessado, é só entrar em contato.
Raquel Luciana da Silva
R. Ernesto Austin, 197 – Boa Vista
Belo Horizonte-MG
CEP 31060-430
Tel.: (31) 3488-2996

■ Para pessoas que curtem novelas, estou vendendo gravações de trilhas de novelas raras, passo de vinil para CD-R. Alguns títulos: *Véu de Noiva*, *Cavalo de Aço*, *O Grito*, *O Pulo do Gato*, *O Bofe*, *O Astro*, cerca de 145 títulos (nacionais/internacionais). Preço de cada CD:10 reais + frete. Entrega garantida e para fãs de música eletrônica, gothic rock, industrial, dark electro, dark wave, future pop tenho mais de 2.000 títulos.....10 reais + frete cada um. Mandem e-mail se interessar
Francisco Monteiro Furtado
monteirofurtado@bol.com.br

■ Estou à procura dos seguintes nú-meros de figurinhas do álbum *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*: 3, 8, 22, 26, 31, 39, 48, 61, 63, 64, 66, 69, 79, 82, 92, 94, 97, 106, 109, 124, 127, 130, 133, 137, 140, 147, 152, 176, 181, 195, 196, 197, 204, 208, 220, 229, H1, H2, H3, H5, H6, H8, H10 e H11 para venda, troca ou doação. Também procuro a gravação do show de Michael Jackson no Brasil, exibido pelo SBT em 1993. Aceito doações de qualquer tipo de material sobre as séries *Harry Potter*, *Smallville*, *Arquivo X*, *Jack e Jill* e do ator Leo DiCaprio, principalmente da época dos filmes *Romeu e Julieta* e *Titanic*. Por último, gostaria de me corresponder com fãs de *Harry Potter*, maiores de 18 anos e que também morem na cidade de São Paulo.
Erika Martins Fernandes
R. Secundino Veiga, 64 A
Jd. Japão – São Paulo-SP
CEP 02137-000

PRÓXIMAS ATRAÇÕES

PREVIEW 2006

Em busca de recuperar a bilheteria perdida, Hollywood não poupará esforços. 2006 terá a polêmica milionária de *O Código Da Vinci*, a volta do maior herói dos quadrinhos pelas mãos de Bryan Singer em *Superman – O Retorno*, o explosivo *V de Vingança* e muito, muito mais

DIVULGAÇÃO

the rock

Se existe um candidato para a coroa de "Rei da Ação" deixada quando Arnold Schwarzenegger embarcou na carreira política, ele é Dwayne Johnson. Ou simplesmente The Rock. Simpático e com ótima presença em cena, este neozelandês de 31 anos pôs de lado o milionário mundo da luta livre ianque e estreou no cinema na forma de um efeito especial capenga em *O Retorno da Múmia* – ele retomaria o personagem de maneira mais heróica em *O Escorpião-Rei*. Embora seja talhado para o cinema de ação, o que ele combina com extremo bom humor, como em *Bem-Vindo à Selva*, The Rock também já revelou que quer variar seu alcance – foi um leão-de-chácara gay em *Be Cool*, e protagoniza o potencialmente bizarro *Southland Tales*, novo filme do diretor do cult *Donnie Darko*, Richard Kelly. Mas em *Doom*, a adaptação do jogo-carnificina, ele não quer saber de mostrar sua sensibilidade artística: o negócio é eliminar monstros – como explica na entrevista a seguir.

Como você foi parar em *Doom*?

Eu sou fanático pelo jogo, e o roteiro é fiel a ele. Não faz concessões, é sangrento e viole nto. Tem monstros! A gente queria mesmo puxar a censura até o limite. Sem falar que as cenas em primeira pessoa ficaram muito bacanas.

Mas você não é o mocinho...

Não. Sarge, meu personagem, é o comandante dessa operação militar em Marte. Na verdade, eu recebi o roteiro para ser Reaper, que é o herói de verdade. Mas achei o personagem do Sarge mais intrigante. Ele é um anti-herói. Sem falar que é ele quem carrega a BFG (*risos*)... a "big fucking gun" (*algo como "arma grande para c..."*). Karl Urban ficou com o papel do Reaper.

Como foi rodar em Praga?

Cara, foi muito difícil. Primeiro, a gente teve de treinar duro com um ex-comandante do serviço secreto britânico, que nos tratou como uma unidade militar. Sem falar que as filmagens eram noturnas, então foram quatro meses praticamente sem ver o Sol. Esse clima ajudou na interação dos personagens, uma atmosfera parecida com a de *Predador*. Sem falar que nada melhor do que passar parte do ano ao lado de demônios do inferno (*risos*).

Mas com os efeitos de hoje vocês terminavam lutando com o vazio...

Não, de jeito nenhum! Os demônios estavam lá! Não eram efeitos especiais, mas modelos animatrônicos. E, vou lhe dizer, eram assustadores paca (*risos*). Sem falar que a gente nunca sabia como ou de que forma eles iam aparecer, já que os bichos mudam no curso do filme.

De *O Retorno da Múmia* para *Doom* foram quatro anos. Você está mais confortável nesse negócio de atuar?

Com certeza. Acho que ajudou muito minha decisão de não querer ser um "astro de filmes de ação". Quero fazer coisas diversas. *Be Cool* foi assim. *Southland Tales* é diferente de absolutamente tudo o que eu já vi! Primeiro, o Richard Kelly me explicou a idéia, que achei insana. Depois, li o roteiro e tudo o que podia pensar era: "Como é que ele vai conseguir fazer disso um filme?". Não sei como ele bola essas coisas.

Ok, então vamos falar mais sobre o futuro. Em que pé está a adaptação de *Johnny Bravo*?

Olha, existe um conflito entre os criadores do desenho e o estúdio, que é sobre a classificação do filme. O estúdio quer que seja um longa para a criançada, mas se você já assistiu a *Johnny Bravo* sabe que o buraco é mais embaixo. Queremos uma censura pelo menos PG-13. Do contrário, não vai ser possível traduzir o espírito do desenho.

E *Spy Hunter*?

Ah, as peças vão se encaixar em exatamente uma semana! (*risos*) O roteiro está pronto, fechadinho. Eu sei que o estúdio já gastou milhões de dólares no filme – o design dos veículos é fantástico! Tudo o que eu quero mesmo é o roteiro certo. Mas não há pressão.

Andrzej Bartkowiak fez alguns filmes de ação antes de *Doom*. Como foi trabalhar com ele?

Andrzej estava muito empolgado com o longa. *Doom* é uma evolução, seu salto para projetos mais ambiciosos. Meu medo era de que ele não quisesse fazer um filme violento como o jogo. Quando a gente se conheceu, falei: "Eu quero deixar a platéia morta de medo". Ele disse que não era isso que queria, e sim "Deixar a platéia se cag... de medo".

Roberto Sadovski

AMERICANAS.com

As melhores séries com preços imperdíveis!

20th CENTURY FOX HOME ENTERTAINMENT

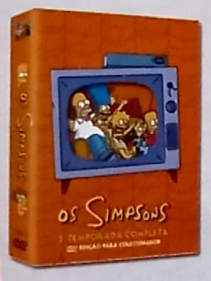
A série mais eletrizante da TV

Pré-Venda:
Coleção 24 Horas 4ª temporada
Edição para Colecionador (7 DVDs)
+ Lanterna.

Por: R$189,90
em **10x** sem juros de
R$18,90

Promoção Coleção 24 Horas 4ª temporada + 1 temporada por R$289,90
em **10x** sem juros de
R$28,90

Coleção Os Simpsons
(1ª, 2ª, 3ª e 4ª temporadas)
R$69,90
em **7x** de **R$9,98** cada



Coleção Os Simpsons
5ª Temporada Completa
(4 DVDs)
R$124,90
em **10x** de **R$12,49**

Coleção Os Simpsons
6ª temporada - 4 DVDs
Por: R$139,90
em **10x** sem juros de
R$13,90

Box e Coleções em até 10X sem juros com parcela mínima de R$10,00 Confira no site!*

Acesse: www.americanas.com.br

Compre também pelo telefone: 4004 2266**

*Lojas Americanas em 12X sem juros com parcela mínima de R$20,00Ofertas válidas para compras feitas pela internet ou telefone, até 31/12/2005, ou enquanto durarem nossos estoques. O produto pode esgotar-se antes do prazo previsto, já que os anúncios são feitos com grande antecedência. As fotos constantes neste anúncio são meramente ilustrativas. Todo site em 12 x sem juros - Somente no cartão de crédito, com parcela mínima de R$ 20,00, e exceto para produtos SONY, HP, TIM, Mormaii e Ingressos. Frete grátis nas compras acima de R$ 399,00, para entregas em todo Brasil - Para os departamentos de Eletrodomésticos e Eletroportáteis, FRETE GRÁTIS VÁLIDO SOMENTE para as entregas nas regiões SUL e SUDESTE. ** O serviço 4004 tem custo de ligação local + impostos locais, conforme o Estado de origem, para telefones fixos. E custo de ligação + impostos para celulares, conforme a operadora, e serão cobrados na conta telefônica.

GREY

"MAS EU NÃO QUERO SER UM PIRATA." – JERRY SEINFELD

23 DE NOVEMBRO DE 2005

SONY PICTURES TELEVISION

CASTLE ROCK ENTERTAINMENT

www.SonyPictures.com

www.Seinfeld.com/DVD

© 1990-1995 Castle Rock Entertainment. All Rights Reserved.
© 2005 Layout e Design Sony Pictures Home Entertainment, Inc. Todos os Direitos reservados.

SONY PICTURES HOME ENTERTAINMENT